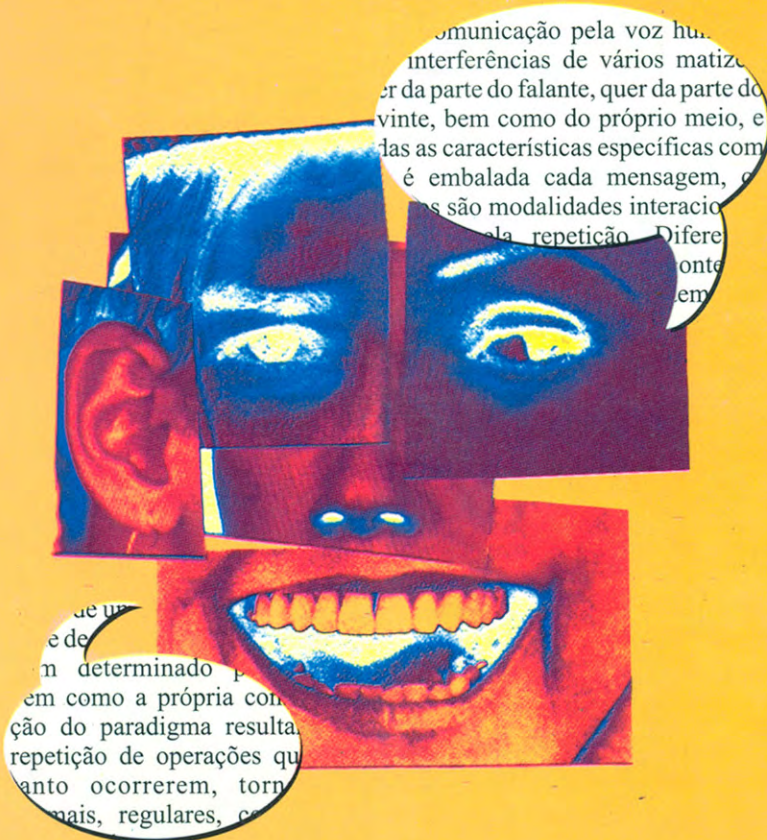


Mariangela Rios de Oliveira

# Repetição em diálogos

## Análise funcional da conversação



## Coleção Ensaio-9

O livro de Mariangela Rios de Oliveira, professora adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense, aborda as estratégias de repetição lexical do português numa nova perspectiva lingüística em face dos estudos tradicionais dessa área, analisando a repetição como fonte inesgotável de novas posições gramaticais.

A autora, valendo-se das contribuições da Análise da Conversação e do aparato teórico do Funcionalismo de base americana, levanta, descreve e interpreta os processos de repetição verificados em diálogos, estabelecendo níveis hierárquicos e inter-relacionais de organização da repetição atuantes na constituição do texto conversacional como um todo.

*Em Repetição em diálogos — análise funcional da conversação*, estabelece-se a correlação *repetição - regularização - gramática*. O tratamento da repetição volta-se para sua produtividade e sistematização, na demonstração e análise de como este freqüente recurso da expressão lingüística pode funcionar como um dos procedimentos básicos de configuração e organização da fala dialogada, ou seja, como um recurso gramatical.

ISBN 85-228-0250-5



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Rua Miguel de Frias, 9, anexo, sobreloja - Icarai - Niterói, RJ - CEP: 24220-000

Tel.: (021) 620-8080 - ramais 200 e 353 - Fax: (021) 620-8080 - ramal 356



É sobretudo pela audição dos mecanismos de decodificação da mensagem oral que nos chegam, como membros de uma comunidade de fala, os principais estímulos e motivações para a intercomunicação. Com efeito, comunicamo-nos oralmente num contexto físico-social em que mensagens vocais são captadas e decodificadas a partir de sua recepção auditiva.

Dadas as circunstâncias da comunicação pela voz humana, com interferências de vários matizes, quer da parte do falante, quer da parte do ouvinte, bem como do próprio meio, e dadas as características específicas com que é embalada cada mensagem, os diálogos são modalidades interacionais marcadas pela repetição.

Diferentes funções podem co-atuar nesse contexto, resultando na repetição de um item ou expressão: solicitação do ouvinte, manifestação expressiva do falante, teste de canal, atitude pressiva do falante sobre o ouvinte, busca de garantia de eficiência comunicativa, ou mesmo baixa tensão comunicativa, dentre outras.

Num certo sentido, a repetição é o mecanismo supremo que preside à criação da gramática, do código, da convenção. Só o que é repetido se torna regular, dado que a regularidade, ou previsibilidade de funcionamento de um sistema, a probabilidade de aparecimento de um item num

determinado paradigma, bem como a própria consolidação do paradigma resultam da repetição de operações que, de tanto ocorrerem, tornam-se normais, regulares, convencionais, isto é, gramaticais.

Entre os méritos teórico-empíricos de *Repetição em diálogos — análise funcional da conversação*, da professora Mariângela Rios de Oliveira, podemos destacar a preocupação constante em levar em conta as dimensões cognitivas e pragmáticas associadas aos mecanismos de repetição. Com isso, pôde a autora dar conta do caráter icônico, motivado, não-arbitrário da repetição, bem como de suas funções comunicativas, em diferentes níveis de codificação da mensagem. Ademais, sua análise e classificação das estratégias de repetição inova, em face da literatura ora disponível, por incluir a pesquisa extensiva dos mecanismos de repetição no quadro das correntes de estudos da linguagem que levam em conta o contexto sociocomunicativo, a dimensão cognitiva e pragmática, sem, com isso, desprezar as pressões estruturais, consolidadas nos paradigmas produtivos, derivados, por sua vez, de estratégias de repetição.

*Sebastião Josué Votre*

Professor da UFF

**REPETIÇÃO  
EM DIÁLOGOS**

## COLEÇÃO ENSAIOS – PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UFF

1. ENTRE VOZ E LETRA  
Laura Cavalcante Padilha
2. AS CORES DO DISCURSO  
Lucia Teixeira
3. A POÉTICA DO FUNDAMENTO  
José Luís Jobim
4. LIÇÕES DE CRÍTICA  
Maria Elizabeth Chaves de Mello
5. O HERÓI PROBLEMÁTICO EM *CERROMAIOR*  
José Carlos Barcellos
6. NEM MUSA, NEM MEDUSA  
Lucia Helena
7. EDIÇÃO CRÍTICA EM UMA PERSPECTIVA GENÉTICA  
DE *AS TRÊS MARIAS*, DE RACHEL DE QUEIROZ  
Marlene Gomes Mendes
8. PAULICÉIA SCUGLIAMBADA, PAULICÉIA DESVAIRADA  
Maurício Martins do Carmo
9. REPETIÇÃO EM DIÁLOGOS  
Mariangela Rios de Oliveira

**Mariangela Rios de Oliveira**

**REPETIÇÃO  
EM DIÁLOGOS**

**Análise funcional da conversação**



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
Niterói, RJ — 1998

Copyright © 1998 by Mariangela Rios de Oliveira

Direitos desta edição reservados à EDUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense - Rua Miguel de Frias, 9 - anexo - sobreloja - Icaraí CEP 24220-000 Niterói, RJ - Brasil - Tel.: (021) 620-8080 – ramais 200 e 353 Telefax: (021) 620-8080 – ramal 356

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

*Edição de texto:* Ricardo Borges

*Normalização:* Jacqueline Netto Ventura

*Projeto gráfico e editoração eletrônica:* José Luiz Stalleiken Martins

*Capa:* Marcio André de Oliveira

*Supervisão gráfica:* Káthia M. Pimenta Macedo

*Coordenação editorial:* Damião Nascimento

### Catálogo-na-fonte

---

O48 Oliveira, Mariangela Rios de.  
Repetição em diálogos : análise funcional da conversação /  
Mariangela Rios de Oliveira. – Niterói : EDUFF, 1998.  
188 p. ; 21 cm. – (Coleção Ensaios ; 9)

Bibliografia: p. 177-181.  
ISBN 85-228-0250-5

1. Conversação. I. Título. II. Série.

CDD B 888.5

---

## UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

### **Reitor**

Luiz Pedro Antunes

### **Vice-Reitor**

Fabiano da Costa Carvalho

### **Diretora da EDUFF**

Eliana da Silva e Souza

### **Comissão Editorial**

Adonia Antunes Prado

Anamaria da Costa Cruz

Gilda Helena Rocha Batista

Heraldo Silva da Costa Mattos

Ivan Ramalho de Almeida

Maria Guadalupe C. Piragibe da Fonseca

Roberto Kant de Lima

Roberto dos Santos Almeida

Vera Lucia dos Reis

*Para Sylvio, Máira e Taíla.*

*Para Ernani e Margarida, meus pais.*

*À memória de Dinamérico Pombo,  
mestre e amigo.*



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	9
INTRODUÇÃO .....	11
1 ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	15
Os inquéritos D2 .....	15
Unidade discursiva - UD .....	16
Tópico e subtópico discursivo .....	24
Critérios de transcrição .....	31
Normas gerais de transcrição .....	31
2 ORIENTAÇÃO TEÓRICA .....	33
Funcionalismo e cognição .....	33
Realismo experiencialista .....	36
Iconicidade e marcação expressiva .....	38
3 FUNÇÕES MEDIAIS .....	43
Microestruturação .....	43
Interestruturação .....	54
4 ESQUEMATIZAÇÃO DISCURSIVA .....	69
Descrição .....	69
Narração .....	73
Dissertação/argumentação .....	82
5 COMPOSIÇÃO TÓPICA .....	89
Concernência – proximidade .....	93
Relevância – quantidade .....	102
Pontualização – ordenação linear .....	109
6 ARTICULAÇÃO CONVERSACIONAL .....	129
Transposição tópica .....	130
Transferência metafórica .....	137
CONCLUSÃO .....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	171
ANEXO – Quadro tópico (QT) dos inquéritos .....	177
GLOSSÁRIO .....	185

## APRESENTAÇÃO

Mariangela me pede uma apresentação de seu trabalho. *Repetição em diálogos* é livro que dispensa apresentação. A própria autora fornece, na Introdução, detalhadas informações que nos servem de guia sobre a matéria do livro. Resta-me reiterar, parafrasear, retomar, repetir o que ela mesma nos diz.

O livro trata da repetição nos chamados D2 do projeto NURC, diálogos em que dois locutores foram convidados a conversar sobre subconjuntos preestabelecidos de temas afins. Mostra que, na estruturação discursiva da conversação, em diálogos dessa natureza, a progressão temática se deve à recorrência de termos, em diferentes planos e camadas de organização da fala.

E mais: ao observar que “o processo repetitivo é entendido como um sistema estável e coerente, orientado por propriedades de centração e de organização hierárquica” e ao considerar a repetição “estratégia de produção e de expansão semântica e sintática, ou seja, procedimento sistemático regular em diálogos tematicamente condicionados”, torna claro que a repetição (retomada de termos na conversação) é um procedimento multifuncional, fortemente icônico e metafórico, que reflete, na linguagem, processos cognitivos mais gerais do ser humano.

Este livro parece exemplo, em nossa bibliografia, de um desses momentos bastante raros, em que se encontram com propriedade os dados observados e uma teoria lingüística com abrangência explanatória capaz de abarcá-los e de interpretá-los de modo extremamente natural.

O grande mérito do trabalho é a naturalidade com que evidencia a gradual integração dos processos de repetição nas

diversas camadas de estruturação discursiva, a naturalidade com que expõe as complexas funções da repetição, desde o plano de organização das unidades discursivas ao plano maior de arquitetura dos diálogos.

É ainda a naturalidade o traço que caracteriza, no livro, a intimidade com os numerosos casos de repetição observados e os princípios da teoria funcionalista givoniana utilizados para interpretá-los.

Nessa perspectiva, Mariangela nos oferece um trabalho maduro, elaborado com tal segurança, que se torna difícil distinguir se é a teoria funcionalista que lhe serve de arcabouço para o tratamento e a compreensão dos dados ou se os dados é que lhe apontam concepções funcionalistas como teoria abrangente e adequada ao tratamento das funções simbólico-discursivas e lingüístico-cognitivas da repetição.

Resta-me parafrasear as palavras que fecham o trabalho: este livro oferece valiosos subsídios para a melhor compreensão do processo de produção textual e para uma concepção mais realista, menos fundada em estereótipos, do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, porque aponta e explica os papéis regulares e multifuncionais da repetição, um dos procedimentos mais freqüentes de que nos valem na expressão lingüística.

*Maria Helena Duarte Marques*

# INTRODUÇÃO

Esta obra traz os resultados da tese *Repetição em diálogos*, defendida em dezembro de 1994 na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação de Maria Helena Duarte Marques e a co-orientação de Sebastião Josué Votre. Trata-se de um livro que tem como proposta descrever e interpretar a repetição enquanto categoria funcional e uma das articuladoras da significação e da representação do diálogo temático em variados níveis de sua estruturação.

O modelo de diálogo analisado é aquele em que dois informantes conversam a partir de uma pauta prévia, monitorados, em geral, por dois documentadores – o D2 (diálogo entre dois informantes) do Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Urbana Lingüística Oral Culta (Projeto NURC), da cidade do Rio de Janeiro.

Pretende-se contribuir para a caracterização do modelo de interlocução em que se pautam as entrevistas do tipo D2 do Projeto NURC, ou diálogos temáticos. Também se objetiva avançar na pesquisa da análise da conversação do português do Brasil e fornecer subsídios para o projeto da *Gramática do português falado*.

Esta é uma proposta de investigação da repetição segundo a perspectiva funcionalista norte-americana, orientada pelos princípios de iconicidade, de Givón (1990 a e b, 1991, 1995); de expressividade, de Dubois e Votre (1994), e do modelo cognitivo experiencialista na linha de Lakoff (1987), Johnson (1987) e Sweetser (1990).

Conforme Votre (1993, p. 6), constata-se que “nada é produzido livremente, no sentido de que cada expressão é de-

positária de um conjunto de características tais que fazem com que dê conta de um conteúdo específico”. A dupla articulação anafórica e catafórica da repetição, então, constitui-se em fator de contínua e crescente elaboração de significado. A mesma forma (anáfora) a funcionar distintamente (catáfora). Ao recuperar uma ocorrência anterior, a repetição faz avançar a significação inicial, concorrendo para a dinâmica da significação e da formalização na conversação temática.

Ainda de acordo com Votre (1993, p. 6), parte-se do entendimento da “língua ao mesmo tempo como recurso de organização mental e como instrumento de comunicação, logo, como uma estrutura derivada”. As estruturas lingüísticas, dentre elas a repetição, estariam, portanto, refletindo essa derivação de domínio, principalmente em sua arquiestruturação.

O processo repetitivo é entendido como um sistema estável e coerente, orientado por propriedades de centração e de organização hierárquicas. Considera-se a repetição estratégia de produção e de expansão semântica e sintática, ou seja, procedimento sistemático regular em diálogos tematicamente condicionados. A exatidão (aspecto formal idêntico) ou variação (apresentação alterada da forma repetida) é uma distinção que não chega a receber destaque especial. Parte-se do entendimento de que cada termo repetido é, independentemente de alteração na configuração, uma nova e distinta ocorrência articuladora do diálogo temático. De acordo com a orientação icônica com que se trabalha, na prioridade do papel funcional da repetição, através da motivação do relacionamento de *um-para-um* entre função e forma, a questão do maior ou menor nível de exatidão ou de reparo no aspecto formal da repetição surge como ponto de menor relevância, não interferindo decisivamente nos rumos da análise e de seus resultados.

O que se entende por *repetição* é a *recorrência de um termo em determinada seqüência de um diálogo temático*. A definição, pela generalidade intencional que encerra, necessita de detalhamento.

*Recorrência* é usada como equivalente à *retomada* ou *recuperação*. A repetição é entendida como um dos mecanismos mais representativos e operacionais de articulação da conversação, um dos criadores e condutores da significação discursiva em seus diversos níveis.



*Termo* é um constituinte de natureza lexical (nome, verbo, advérbio ou numeral) tomado isoladamente, enquanto vocábulo, ou integrado a um sintagma nominal ou verbal. A opção pelo léxico, que segue a tradição dos estudos de repetição, deve-se à constatação empírica de ser este o domínio onde a repetição apresenta maior produtividade, devido à carga de significado que aí se encerra.

A análise da repetição acontece em diferentes camadas do fluxo discursivo: desde a menor, nos limites de um fragmento mínimo de unidade discursiva, até o nível superior da conversação, ou arquiestruturação. Assim, *determinada seqüência* possui significação variada, de acordo com a camada em exame. Ela pode se situar numa unidade discursiva, num conjunto de unidades, num subtópico, num tópico ou no diálogo como um todo. Em cada um dos capítulos em que se desenvolve esta obra, o sintagma passa a se referir a uma dessas camadas especificamente.

*Diálogo temático* significa a conversação em torno de alguns temas relacionados entre si, a partir de critério seletivo. É o nome genérico das entrevistas do tipo D2 do Projeto NURC/BR. Utilizam-se, na íntegra, duas dessas entrevistas como *corpus* na análise aqui empreendida.

O livro apresenta seis capítulos, cuja organização geral se comenta brevemente a seguir.

O primeiro capítulo é dedicado à organização do *corpus*: sua procedência e características. Informa-se e exemplifica-se o critério de segmentação adotado para o tratamento da repetição: unidade discursiva, tópico e subtópico discursivos. Na seção final, encontram-se os símbolos usados na transcrição dos inquéritos. A cada etapa da investigação, utilizam-se alguns de seus trechos a título de exemplificação. Os trechos tomados como exemplos seguem a numeração correspondente à original do *corpus* segmentado.

No segundo capítulo, se encontra o arcabouço teórico que fundamenta a análise aqui empreendida e as hipóteses sustentadas. As três seções em que se divide assumem e confirmam a proposta funcionalista norte-americana de base cognitiva, de acordo com princípios icônicos e expressivos e do realismo experiencialista.

A partir do terceiro capítulo, tem início o estudo da repetição, que é desenvolvido progressivamente, da menor para a mais ampla de suas funções. O Capítulo 3 aborda os papéis mediais (no

âmbito de unidades discursivas) relevantes para a composição e a expansão de novas camadas da conversação. Ele é subdividido em duas seções, nas quais são abordadas, respectivamente, as funções micro e interestruturadoras da repetição: dentro ou além dos limites de uma unidade discursiva.

A seguir, no quarto capítulo, as funções mediais são tratadas na condição de componentes articuladores de esquemas discursivos. Procura-se verificar a funcionalidade da repetição no delineamento de modelos de descrição, narração e dissertação/argumentação e como este último deflagra os demais na estruturação do diálogo.

No Capítulo 5, as propriedades tópicas de centração encontram-se relacionadas aos subprincípios de iconicidade, no exame de como e em que medida o sistema de repetição atua na composição interna de cada tópico discursivo, ou macroestruturação. As três seções em que se distribui o capítulo trabalham com pares de traços relativos à topicalidade e à iconicidade, na proposição de matrizes de tópico concorrentes para a estruturação geral desse nível discursivo, na formação de eixos semânticos.

O Capítulo 6 fecha a investigação, com o exame da camada superior elaborada pela repetição, a arquiestruturação. São apontadas duas funções básicas atuantes. Na primeira seção, analisam-se os processos de transposição pré e pós-tópica, relacionados ao deslocamento de matrizes de um tópico para outro, anterior ou subseqüente. Na última seção, que aborda a função maior da repetição no diálogo temático, identifica-se a matriz da conversação, funcionando na transferência do domínio real (mundo histórico-social), passando pelo epistêmico (experiência) e chegando ao discursivo (ato de fala).

# 1

## ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

### Os inquéritos D2

As duas entrevistas utilizadas para análise pertencem aos arquivos do *Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Urbana Lingüística Oral Culta - Projeto NURC* – da cidade do Rio de Janeiro. Nesse projeto, todas as entrevistas gravadas receberam o nome genérico de *inquérito*. Assim, os termos *diálogo*, *entrevista* e *inquérito* são tomados nesta obra como co-referentes.

O inquérito 20 trata de questões relativas à casa, família, ciclo da vida e saúde. É uma conversa entre H2 (sexo masculino, 49 anos, morador da Zona Sul, casado, médico e professor de biologia) e M3 (sexo feminino, 60 anos, moradora da Zona Sul, desquitada, bibliotecária). Os interlocutores possuem grau de intimidade médio – se conhecem, embora não sejam amigos. A entrevista foi realizada na residência de outra pessoa, em 19 de novembro de 1971, com duração de uma hora e vinte minutos. O alto grau de sobreposição de fala, os assaltos a turno e os debates aceleram o ritmo do diálogo, acentuadamente marcado pela argumentação. Os informantes divergem a respeito de vários pontos de vista, provocando choques de opinião que se encontram marcados pela estrutura discursiva.

O segundo inquérito analisado, 219, desenvolve temas relativos a viagens, meios transportes e de comunicação. Com relação aos informantes, tem-se H4 (sexo masculino, 45 anos, morador

da Zona Sul, casado, engenheiro civil) e H6 (sexo masculino, 44 anos, morador da Zona Sul, casado, arquiteto). São dois amigos que conversam com grande desembaraço e intimidade durante uma hora e vinte e cinco minutos, em depoimento realizado em 15 de maio de 1974, na residência de H6. Os símbolos para a representação dos informantes dessa entrevista (H4 e H6) não fazem parte da norma geral das publicações concernentes ao Projeto NURC; trata-se de critério específico desta obra. Embora menos marcado por assaltos a turno e rapidez do fluxo conversacional, o diálogo 219 também traz como traço característico, à semelhança do 20, o debate argumentativo, a intenção de convencimento que, em geral, não atinge seu objetivo (mesmo se esforçando, H6 não consegue alterar as convicções de H4). Os informantes discordam a respeito de vários pontos de vista e marcam essa oposição categoricamente sem, contudo, *atropelarem-se* no fluxo discursivo; cada um procura falar e deixar falar. Sob esse aspecto, o D2 219 é um diálogo mais *tranquilo* do que o 20.

Um fator relevante para a escolha das entrevistas mencionadas é a pouco freqüente e discreta participação dos documentadores, limitados a apresentar sugestivamente questões concernentes ao trecho tópico em pauta ou novo tópico para a conversação, quando do esgotamento da seqüência em elaboração. Esse procedimento acarreta redução do monitoramento dos diálogos, possibilitando a fluência mais espontânea dos mesmos.

## **Unidade discursiva – UD**

Para o estudo dos processos de repetição no diálogo temático da comunidade de escolaridade universitária carioca, houve necessidade de se estabelecer um critério de segmentação textual que, preservando a seqüenciação discursiva, fosse capaz de propiciar a investigação aqui proposta. Era preciso determinar uma escala hierárquica das unidades do texto, desde as mais simples, restritas ao âmbito frasal, até as mais elaboradas e complexas, envolvendo camadas de maior amplitude, nas quais são desenvolvidos subtópicos e tópicos discursivos. O tratamento e apresentação da fala nos diálogos vem, desta forma, atender à exigência metodológica, uma vez que se torna absolutamente necessário um ponto de referência mínimo para a verificação local de posições, formas e funções

dos variados fenômenos lingüísticos, dentre eles, as estruturas de repetição, conforme salienta Castilho (1989).

Na seqüenciação textual, adotou-se como critério básico a *unidade discursiva* – UD, composta por elementos mínimos: orações (com verbo expresso) e/ou frases (com verbo elidido). Foi condição necessária à unidade mínima de UD a marca verbal, explícita ou implícita, que a tornasse uma predicação, um comentário formador e integrante da informação maior elaborada pela UD. No estabelecimento dos elementos mínimos, prevaleceu o critério sintático. O modelo segmentacional adotado seguiu a orientação teórica de Castilho. Segundo o autor, unidades discursivas são “segmentos textuais constituídos de um núcleo balizado por marcadores”, nos quais se preserva a coerência temática maior, estabelecendo-se a articulação tema-remata (ATR).

Assim, a UD foi identificada a partir de dois critérios – o semântico e o entoacional. De acordo com o primeiro, a unidade discursiva se definiu como formadora de um *núcleo significativo*, constituído de unidade(s) mínima(s) que se estruturara(m) nessa entidade de nível superior, com vistas à elaboração de uma significação. Do ponto de vista da entoação, a UD se situou *entre duas margens entoacionais*, com ou sem marcadores discursivos, geralmente finalizada por pausa.

A UD, enquanto elaboração de uma totalidade informacional, está preenchendo o princípio funcionalista de iconicidade (GIVÓN, 1990 a e b, 1991, 1995). Cada UD aponta para um conteúdo, estruturada a partir da articulação interna entre suas unidades mínimas. A UD é iconicamente motivada, assim como a repetição. Os diálogos aqui tratados são momentos de fala que têm seu sentido geral na organização hierárquica e progressiva desses constituintes: unidades mínimas formam UD's; UD's compõem subtópicos; subtópicos estruturam tópicos; tópicos elaboram toda a conversação. Cada um deles tem seu conteúdo significativo, que, integrado estruturalmente em camadas discursivas mais amplas, se expande continuamente.

A UD preenche os três subprincípios icônicos: proximidade, quantidade e ordenação linear, conforme Givón (1990 a, 1995).

De acordo com a propriedade icônica de proximidade, UD's elaboradoras de informações cujos conteúdos encontrem-se mais integrados tendem a ocorrer em contigüidade no fluxo conver-



sacional. A aproximação entre significado e expressão das UD's constitui-se em meio de identificação de seqüência subtópica, tópica e mesmo do diálogo como um todo.

Segundo o critério da quantidade, os subtópicos mais elaborados, mais marcados expressivamente possuem um número maior de UD's, muitas delas de natureza parafrástica, a fechar questão em torno de determinadas informações. Também por esse motivo os diálogos trabalhados, embora basicamente com o mesmo tempo de gravação, apresentem divergência quanto ao número de UD's integrantes – a entrevista 20, cinco minutos mais curta do que a 219, possui 272 unidades a mais do que a outra. Parece que as condições discursivas condicionam iconicamente a quantidade de UD's; os turnos mais disputados, as posições mais francamente marcadas e o debate, características do diálogo 20, tendem a concorrer para a incrementação da incidência de UD's. Outra constatação relacionada ao subprincípio da quantidade, resultante do critério segmental usado, é a seguinte: elabora maior número de UD's quem participa mais da conversação. A UD, geralmente elaborada por um único locutor, é um ambiente lingüístico de criação de significado, sua elaboração está na dependência da presença dos informantes na articulação discursiva; ela é o lugar onde se coloca e acentua cada ponto de vista.

Quanto à ordenação linear, esta pode ser traduzida na progressão de sentido proporcionada pela seriação de UD's, compositoras dos subtópicos conversacionais. Uma segunda constatação dessa linearidade se encontra numa freqüente estruturação das UD's: elas abrem e fecham parafrasticamente muitas seqüências subtópicas.

Para fins de citação e de organização, as UD's encontram-se numeradas, com a referência inicial do inquirido e do locutor; os marcadores aparecem em posição central e as frases ou orações, numeradas alfabeticamente. Também se registra o tipo de entoação finalizadora da UD, bem como dos marcadores iniciais e finais: ascendente  $\uparrow$ , descendente  $\downarrow$  ou continuativa  $\rightarrow$ . Por várias ocasiões, a marcação continuativa representa interrupção do turno em andamento, devido a assalto do interlocutor.

Os operadores podem preceder (margem inicial – MI), suceder (margem final – MF) ou, ainda, promover a articulação entre as unidades mínimas da UD (posição medial). Tais constituintes

apresentam distintas funções – estruturar, reiterar e modalizar o discurso são algumas delas.

A seguir, demonstra-se a segmentação textual. O mesmo fragmento transcrito linearmente e, após, sua divisão hierárquica em UDs. A seqüência exemplificada é a intervenção inicial de H2 no inq. 20:

*H2: Sei lá ... dona M. ((riso)) esse negócio de casa ... eu fico tão pouco em casa ... só:: ... pra dormir quase ... a gente passa o dia inteiro fora trabalhando ... de maneira que eu só chego em ... eu só chego em casa pra dormir ou / e almoçar ... e a senhora?*

UD 1. H2

*sei lá ...  
dona M. ((riso))  
esse negócio de casa ... ↘*

- a. eu fico tão pouco em casa ...  
b. só:: ... pra dormir quase ... ↓*

UD 2. H2

- a. a gente passa o dia inteiro fora  
b. trabalhando ... ↓*

UD 3. H2

- de maneira que →  
a. eu só chego em ... eu só chego em casa  
b. pra dormir ou /  
c. e almoçar ...  
e a senhora? ↑*

A UD 3 exemplifica a distinção de tratamento recebido por dois procedimentos bastante freqüentes no *corpus*: a hesitação, em a, e o reparo, em b e c. Quando ambos foram verificados em ambiente lingüístico nominal, não houve dúvidas – transcrição na mesma unidade mínima. Quando tais repetições ocorreram em sintagmas verbais, o tratamento foi diferenciado; no caso da hesitação, a opção foi apresentá-la justaposta na mesma unidade mínima, devido ao caráter continuativo, de natureza catafórica, que lhe é peculiar. Já a estrutura de reparação verbal distribuiu-se em unidades distintas – o reparo é uma reconstrução, é a reelaboração

de um informe em pleno andamento, que, pelas especificidades da fala, não tem condições de operar substituições pura e simplesmente pelo *apagamento* daquilo anteriormente proferido.

Para a fixação de unidades como as anteriores, foi de fundamental importância a identificação dos operadores, ou marcadores conversacionais. Os marcadores verbais englobaram desde as formas mais simples, como partículas (*ah, eh, hum*) e itens lexicais (*certo, poxa, então*), até compostos nominais (*por exemplo, de maneira que, mas isso*), chegando a sintagmas com verbo expresso (*eu digo porque, você quer ver, por falar em*).

Os operadores prosódicos foram identificados pela marca entoacional margeadora das UD's. Ao se encontrarem em posição inicial ou final, os marcadores receberam os símbolos próprios, já referidos, do tipo de entoação realizada. Figuraram ainda como registro de caráter prosódico os alongamentos e ênfases vocálicas, as pausas e as interrogações, todos assinalados na exemplificação textual.

Esses articuladores discursivos não pertencem a uma categoria gramatical específica, podendo englobar constituintes extremamente diversos, tanto morfológicos quanto sintáticos. A determinação de marcadores foi obtida a partir de critério funcional, de acordo com seu papel na organização das camadas textuais formadas pelas UD's. Daí se justifica, por exemplo, o fato de alguns termos de uma mesma classe morfológica, como os advérbios de opinião, funcionarem na condição de margem. Tal se verifica com *evidentemente, realmente, justamente*, além dos continuativos *aí* e *de repente*, dentre outros. As unidades abaixo, do diálogo 219, demonstram o tratamento aqui dispensado a tais marcadores:

- UD 1. H4  
*a. ( ) se era por obrigação profissional*  
*b. ou por ... diletantismo ...*  
*evidentemente que*  
*c. as ... as diletantes são muito mais agradáveis ...* ↓
- UD 220. H6  
*eh::*  
*a. eu já tinha feito duas ou três excursões ...*  
*e::*  
*de repente*  
*b. eu fui ver uma ...*  
*c. como que dizia ... “uma volta por Paris” ...* ↓
- UD 229. H6  
*aí ... ↑*  
*a. quando vai falar em francês ...*  
*b. primeiro ... já passou o Arco do Triunfo ...*  
*c. quem não ouviu em inglês ...*  
*d. entrou pelo cano ...* ↓
- UD 230. H6  
*aí →*  
*a. fica todo mundo*  
*b. olhando pra trás ...* ↓

Como se observa acima, os termos em posição central, chamados *marcadores* ou *operadores discursivos*, têm contribuição relativa para o acréscimo informacional da UD; sua função precípua é a articulação e a sustentação das relações interacionais, fora do eixo sintagmático das unidades que estruturam.

O critério para a definição de tais constituintes orientou-se segundo distintas áreas dos estudos lingüísticos: a lingüística cognitiva, a semântica, a análise do discurso, o padrão entoacional, a tradição gramatical normativa, enfim, um certo hibridismo, necessário à definição de parâmetros de trabalho, na transposição tão arriscada e desafiadora da modalidade falada para a escrita.

Foram identificadas e registradas 1142 UD's no inquérito 20, enquanto o de número 219 apresentou 870 destes sintagmas. A diferença ocorrida está relacionada, a princípio, à maior frag-

mentação do primeiro, uma vez que se trata de uma entrevista marcada por acentuado tom argumentativo, na qual são freqüentes superposições e assaltos a turno, com ritmo veloz.

Nem sempre a UD coincide com o turno conversacional. Como a noção de seqüência discursiva implica a constituição de um todo significativo, há ocasiões, embora raras, em que ambos os falantes elaboram o mesmo conteúdo informacional, como uma só voz. Nestas circunstâncias, as intervenções de cada um dos locutores foram tratadas como unidades mínimas da mesma UD:

UD 756. H4

*então* ↑

a. *eu compro uma peça pra essa máquina*

b. *– uma peça pequena ... até u ... um determinado peso -*

c. *e ... e tem um malote diário ...*

756'H6 *de avião ...*

H4 *d. que vai ... por via aérea ... →*

UD 760. H4

*e* →

a. *essa ... mercadoria ... ou carta ... ou ... o que seja (...)*

)

760'H6 *a. ou envelopes ...*

H4 *b. documentos ... envelopes ...*

760'H6 *b. chega tudo certinho ...*

H4 *c. chega (...) →*

Tanto H4 quanto H6 conhecem o serviço de malote pelo Brasil e tentam explicá-lo às documentadoras. Nas UD's anteriores, os entrevistados elaboram e complementam as mesmas informações.

As quebras de turno conversacional motivadas por assalto do outro falante encontram-se assinaladas na transcrição no momento em que o trecho é interrompido. O turno assaltante não apresenta, assim, nenhum tipo de símbolo:



UD 493. H2

- a. *mas nós não fumávamos na presen / em presença dele ...*  
b. *não fumava ...*  
c. *meus irmão fumavam ( ... ) →*

UD 494. M3

- espera aí ... ↑*  
*como*  
*é que*  
*você ( ... ) →*

UD 495. H2

- sabe que ...*  
*uma coisa curiosa ... ↗*  
a. *na presença de minha mãe ... nunca deixei*  
b. *de fumar ... ↓*

No desenvolvimento do subtópico *fumar – ontem e hoje*, componente do tópico *família*, H2 e M3 se *atropelam* na conversação, cada qual interrompendo o turno do interlocutor, então em andamento.

Outra questão fundamental na delimitação das unidades mínimas das UDs foi a definição de *locução verbal*. Somente receberam este rótulo os sintagmas verbais compostos pelos auxiliares tradicionalmente entendidos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, além de *ir*, *vir* e *ficar*. A restrição a outras composições, conquanto passíveis de serem interpretadas como unidade verbal em algumas linhas teóricas, teve por objetivo a fixação de um modelo definido e básico de transcrição, não fazendo da auxiliaridade categoria marcada pela subjetividade, com a admissão de considerável número de *casos intermediários*, conforme os menciona Said Ali (1966). A abertura do critério, com a entrada de outras combinações verbais na categoria de *locução*, poria em risco toda e qualquer tentativa de segmentação conversacional como a aqui proposta.

## Tópico e subtópico discursivo

Além da UD como princípio e unidade básicos de segmentação textual, adotam-se critérios mais amplos de desmembramento, a fim de que se possibilite a investigação de camadas discursivas de maior extensão, capazes de desmonstrar como e em que medida ocorre a produção e a condução do significado ao longo dos diálogos do NURC. Assim, como unidade de nível superior, tanto no plano significativo quanto no estrutural, trabalha-se com a categoria de *subtópico*, constituída por número variável de UDs. Esse, por sua vez, reunido a outros, forma o *tópico* da conversação.

O sistema de co-referência atua em todos os níveis lingüísticos: na UD (intra ou inter suas unidades mínimas), no subtópico (entre duas ou mais UDs, seqüencial ou intercaladamente), no tópico (envolvendo seus subtópicos), pela funcionalidade da matriz do tópico (MT), e de tópico para tópico (nos domínios da articulação maior do discurso), através da progressão icônica e expressiva da matriz da conversação (MC). A partir dessa organização hierárquica do discurso, se chega aos quatro níveis funcionais em que se processa a co-referencialidade: a micro, a inter, a macro e a arquiestruturação, tratados nos capítulos seguintes.

Para a apreensão do que aqui se nomeia de *tópico e subtópico discursivo*, segue-se a orientação teórica de Jubran et al. (1992, p. 357-397). Segundo os autores, o tópico é uma *entidade orgânica* (JUBRAN et al., 1992, p. 362), instaurada a partir de um “processo que envolve colaborativamente os participantes do ato ilocucionário na construção da conversação, assentada num complexo de fatores contextuais” (JUBRAN et al., 1992, p. 361).

Essa definição discursiva do tópico o caracteriza funcionalmente como fio condutor da organização conversacional nos diálogos do tipo D2 do NURC. O tópico, em seus desdobramentos subtópicos, é fator gerador de criação e de desenvolvimento cognitivo. Através dele, de sua contínua expansão, vai sendo tecida a malha discursiva. Em termos estruturais, essa entidade, chamada de tópico, é uma unidade semântico-discursiva de nível superior, o resultado a que se chega por meio de diversos outros processamentos intermediários – os subtópicos e as UDs.

Os diálogos possuem quadro tópico (QT) específico, refletindo as marcas experienciais dos informantes, composto pelo conjunto de seus tópicos. Cada um desses componentes é coberto

por um nível superior e, por outro lado, é constituído por um nível imediatamente inferior: os tópicos representam as camadas maiores, onde se expande discursivamente um tema (proposto ou motivado); os subtópicos são segmentos do tópico, na atualização das propriedades deste; as UD's constituem-se em divisões de cada subtópico, integrantes de um núcleo mais específico de significação; e, por fim, as unidades mínimas, que, definidas e estabelecidas por critério basicamente sintático, encerram ainda seu componente significativo. Desta forma, está demonstrada a articulação dos planos linear e vertical da organicidade tópica.

Esquemáticamente, poder-se-ia representar o QT conversacional a partir dessa propriedade definidora de tópico – a *organicidade*:

unidade mínima > UD > subtópico > tópico > quadro tópico

Como salientam os autores, a organização tópica distribui-se por um *continuum* discursivo, no qual a mudança de um tópico para outro representa a expansão progressiva do fluxo conversacional.

Tanto o diálogo 20 quanto o 219 estruturam-se por intermédio do processo orgânico acima esquematizado, embora divirjam na configuração final de cada QT. A organicidade do diálogo temático orienta-se segundo princípios muito mais articulados e coerentes do que geralmente se admite para a modalidade falada. Esta é também a conclusão de Jubran et al. (1992, p. 366), que investigaram a estrutura tópica do diálogo D2 360 – NURC/SP.

A segunda propriedade definidora de tópico é a *centração* (JUBRAN et al., 1992, p. 361-362), que engloba os seguintes traços: *concernência*, *relevância* e *pontualização*. Segundo os autores, através destes princípios, chega-se à definição de um tópico conversacional.

Por *concernência* entende-se a relação de interdependência de significado que deve caracterizar as seqüências de um tópico, de um subtópico ou de uma UD. De acordo com este traço, todos os subtópicos elaborados devem concorrer para a construção tópica, como subconjuntos de um outro mais amplo, expandindo as fronteiras cognitivas através do desenvolvimento semântico-discursivo.

Quanto à *relevância*, esta diz respeito à visão de conjunto que se atribui ao tópico, como categoria discursiva de caráter geral. A relevância é o resultado, o produto final do traço anterior: uma seqüência do discurso elaborada segundo informes concernentes tende a marcar iconicamente sua relevância. O traço *relevância* preconiza que todos os informes de uma seqüência tópica devem concorrer, em menor ou maior grau, para composição do conjunto tópico.

O terceiro traço, a *pontualização*, é, comparado aos demais, objetivamente mais marcado, na medida em que se refere à localização da estrutura tópica no fluxo conversacional – um tópico deverá preencher um determinado espaço no diálogo, sob pena de, disseminado ao longo da fala, perder-se enquanto especificidade. A pontualização dá conta também de estratégias frequentes da conversação, como transições, inserções e retomadas, na medida em que se admite a maleabilidade como característica intrínseca da progressão do tópico. Na pesquisa ora apresentada, a pontualização poderá ser aferida, por exemplo, pela seqüenciação numérica das UD's.

Assim como a UD, o tópico discursivo não é uma unidade de conceituação e de identificação precisa. A definição que dá conta ser ele “algo que se estrutura de forma dinâmica, suscetível de constantes alterações” (JUBRAN et al., 1992, p. 370), já é por si só reveladora da imprecisão aludida. Contudo, assumindo aqui também (a exemplo da segmentação em UD's) os riscos da adoção de critério mais abrangente, privilegia-se a análise ao nível dessa categoria cercada de certa nebulosidade conceitual e processual, uma vez que a organização tópica é relevante para a apreensão e a hierarquização funcional do sistema de co-referência, na qualidade de um dos construtores, condutores e processadores da significação conversacional.

Como exemplo do caráter um tanto maleável do tópico, cita-se sua não coincidência total, na entrevista 219, com a proposta temática inicial de cada diálogo. A referência demonstra que há tópicos que pouco evoluem discursivamente, e outros que, não previstos no acordo inicial entre informantes e documentadores, são lançados na conversação pelos primeiros, produzindo interessantes e extensas seqüências tópicas. Essa circunstância insinua a marca icônica da organização tópica dos diálogos temáticos, também referida por Jubran et al.

Outra demonstração da dificuldade de apreensão da organização tópica são os encaixes, as sobreposições e as digressões verificadas ao longo dos diálogos, como a denunciar a limitação e precariedade metodológica em estabelecer modelos voltados para a cobertura total dessa estruturação. Admitir a relatividade do modelo segmentacional e, principalmente, entendê-la como necessidade teórica é fundamental para a abordagem aqui realizada.

Por fim, ainda na exposição da maleabilidade do movimento tópico da conversação, cita-se a questão de sua divisão estrutural: abertura, meio ou desenvolvimento e fecho ou saída. Mesmo aí há pontos passíveis de problematização. Onde começa um tópico? Como delimitar, em seu fluxo, as fronteiras internas entre a introdução, o desenvolvimento e a conclusão? Até que ponto um fecho não é já a abertura de uma nova seqüência tópica? Como proceder em relação a alterações estruturais do tipo comentário paralelo e digressões em meio à elaboração de um tópico ou subtópico? No exame do QT dos diálogos, algumas dessas questões serão retomadas.

Na deprensão do quadro tópico dos diálogos 20 e 219, utilizam-se os traços *organicidade* e *centração*, de acordo com o exposto anteriormente. O sistema de repetição torna-se um dos meios mais eficazes para o estabelecimento dessa hierarquia. A incidência de determinados termos e sua colocação na estrutura discursiva revelam momentos da elaboração específica de uma UD, um subtópico ou um tópico.

Além do processo de repetição, outras pistas denunciam alterações no rumo discursivo. A mudança de tópico, por exemplo, no tipo de diálogo analisado, ocorre basicamente por convite explícito de DOC. Este procedimento é ratificado por Jubran et al. (1992), quando informam que, em geral, a mudança de tópico se faz através de anúncio entre pessoas que se conhecem e de convites entre estranhos. Mesmo que possa existir algum tipo de conhecimento entre DOC e os informantes, a posição de entrevistador é, mesmo por sua natureza, a de alguém estranho, de um monitor a orientar ou reorientar o movimento tópico. A presença de DOC é um dos fatores a comprometer o fator *espontaneidade* nos diálogos D2.

De regra, cada seqüência tópica apresenta certa regularidade em sua incidência, distribuída por um número médio de subtópicos e UDs. O que varia é o percentual de UDs em cada subtópico: há



desde os elaborados em duas ou três UDs até aqueles que utilizam cerca de 20 delas; em média, os segmentos componentes de um tópico possuem por volta de 10 UDs. Essa variabilidade distribucional é iconicamente motivada – subtópicos mais interessantes e/ou polêmicos para os interlocutores necessitam de espaço maior para sua expansão, resultando em elevado número de UDs. A relevância de um conteúdo é medida pela extensão formal usada para sua expressão.

Em meio ao fluxo discursivo, há segmentos de *transição*, nos quais ocorre pausa para lanche, avaliação dos rumos da entrevista, atendimento de telefone, dentre outras interferências. Essas seqüências, embora não registradas enquanto subtópicos, são referidas na amostragem do QT de cada diálogo, como componentes de sua articulação geral, podendo, eventualmente, interferir nos rumos da conversação.

Há outro tipo de interferência observado em ambos os diálogos – as *inserções*. Nelas, os informantes encaixam em um subtópico em andamento um comentário mais específico, que, ao mesmo tempo em que se aproxima do conteúdo tratado, dele se distingue pela peculiaridade informacional. O fragmento inserido recebe nesta pesquisa tratamento equivalente ao do subtópico que o abriga, inclusive com ordem numérica específica, devido à carga de significado que encerra. As inserções alteram a aparente linearidade de um segmento de tópico, por introdução de um outro, fazendo reiniciar aquele após o trecho inserido. O título de cada subtópico é meramente sugerido por esta pesquisa, levando-se em conta, dentre outros fatores, os termos co-referentes nele encontrados.

O grupo temático de cada diálogo dos D2 é estabelecido através de acordo prévio entre informantes e documentadores acerca do conteúdo da entrevista, conforme a proposta do Projeto NURC/BR. Essa situação não impede, todavia, que os entrevistados expandam seqüências não previstas, como será comentado quando da análise do QT do diálogo 219, e, igualmente, desprezem outras sugestões de DOC, situação também verificada no referido registro. Essa circunstância evidencia a não-monitoração total na organização do QT da conversação; mesmo com o controle, ainda que relativo, de DOC, o fluxo discursivo vai criando suas próprias vias de expressão, que podem, por sua natureza experiencial, não se coadunar com a direção anteriormente definida.

A configuração tópica de cada diálogo é derivada da tipologia discursiva, que, por sua vez, é resultante do binômio *função/forma*; daí a diversidade estrutural dos diálogos 20 e 219. Eles são produto de informantes que possuem identidades (cariocas, adultos, profissionais de nível universitário, dispostos a dar seu depoimento numa pesquisa lingüística da década de 70) e diferenças (pessoas que têm convicções, medos, alegrias e tristezas, a partir de sua experiência vital, única e intransferível).

A seguir, apresentam-se considerações gerais acerca da organização tópica de ambos os diálogos. A íntegra do quadro tópico de cada um deles encontra-se na última seção, o *Anexo*.

## **Diálogo 20**

O QT desse diálogo se constrói de acordo com a proposta temática estabelecida previamente por informantes e documentadores. Os tópicos são desenvolvidos em seqüência, a partir de convite de DOC.

Nas 418 UDs iniciais, divididas em 43 subtópicos, H2 e M3 elaboram o tópico *casa*, cujo convite preliminar ou não foi recuperado pela gravação ou, de fato, não ocorreu; os informantes começam a falar diretamente sobre o tópico na UD 1.

Na seqüência seguinte, *família* é tratado nas 366 UDs componentes dos 26 segmentos integrantes desse tópico, que é lançado pelo entrevistador.

Um certo estranhamento surge da sugestão do terceiro item tópico, *ciclo da vida – saúde*. A questão é proposta de modo vago:

*(DOC: E sobre a vida? Como as pessoas aparecem neste mundo e duram e desaparecem? O que está implicado nesse, nesse processo? Onde as pessoas nascem? De quem nascem?)*

Após a UD 775, em que H2 comenta sobre a dificuldade de sua condição de médico para tratar da questão proposta, M3, desprezando o convite da entrevistadora, recupera o tópico anterior, *família*, elaborando o último subtópico dessa seqüência, *influência dos pais*. Somente com tal fecho, H2 reintroduz a proposição de DOC, aí sim, iniciando-se o novo tópico.

## Diálogo 219

É na organização tópica que o diálogo 219 mais se distingue do anterior. A linearidade e a decisiva orientação de DOC nos rumos do movimento tópico na entrevista 20 dão lugar à alternância das seqüências tópicas e à maior participação dos informantes na condução do fluxo conversacional.

Se o diálogo 20 tem sua dinâmica centrada no confronto pessoal dos interlocutores, resultando em um número maior de UDs e vários trechos de sobreposição de fala, no diálogo 219 a atuação de H4 e H6 incide mais precisamente na reorientação da progressão tópica. Embora tivessem estabelecido, juntamente com DOC, o grupo temático a partir do qual deveriam elaborar sua fala, os informantes privilegiam alguns temas dessa seleção inicial, desprezam outros e, ainda, incluem na conversação um novo, não previsto na pauta, que se torna o mais produtivo da entrevista.

O primeiro tópico, *viagens*, é desenvolvido em 290 UDs e 28 subtópicos, segmentados em quatro momentos do diálogo. Essa divisão tem como primeira causa a tentativa, por parte das entrevistadoras, da inserção do segundo tópico *meios de transporte*, de acordo com a pauta temática previamente estabelecida. A constatação se dá pelo reduzido número de oito UDs propiciado pela tentativa; o máximo que H4 e H6 conseguem falar sobre *meios de transporte* é que *o avião é a melhor coisa do mundo*. Talvez essa unanimidade tão fácil e rapidamente alcançada tenha concorrido para seu esgotamento, já que não há mais o que se dizer quando falta o contraste, a opinião distinta e, por conseqüência, a argumentação (constantes nas demais estruturas tópicas). Mesmo essa tão curta seqüência encontra-se intercalada por um subtópico de *viagens*, o de ordem 1.9.

Após a frustrante tentativa de expansão de *meios de transporte*, o tópico *viagens* é recuperado pelos informantes, com a produção de sua maior seqüência – 191 UDs em 17 subtópicos.

É um dos locutores, H6, que traz à tona o terceiro tópico (em termos efetivos, o segundo) – *meios de comunicação*:

A partir da UD 283, os locutores passam a desenvolver o tópico, que se estrutura em 267 UDs divididas por 16 subtópicos. De acordo com a organização geral desse diálogo, *meios de comunicação* também desmembra-se em blocos, através de três

seqüências; nas duas primeiras efetuam-se comentários sobre *televisão* e na última, esta por sugestão de DOC, os informantes discorrem a respeito de *serviço de correios*. As duas porções primeiras de *meios de comunicação* são intercaladas pelos dois subtópicos finais de *viagens*, elaborados por H4.

O dado mais interessante em relação ao QT do diálogo 219 é o desenvolvimento do tópico *linguagem*, não previsto na pauta, que se constitui no mais produtivo de todo o registro: 293 UDs em 15 subtópicos aí centrados.

### **Crítérios de transcrição**

A maioria dos símbolos usados segue a orientação dos padrões de transcrição do Projeto NURC/SP. Por se trabalhar com diálogos temáticos transcritos na íntegra, há necessidade de alteração e de complementação a partir de outras notações. A sobreposição de fala identificada por linha sublinhada e a marcação diferenciada de oração de distinto locutor na mesma UD foram duas inovações incluídas, necessárias à proposta da presente pesquisa.

A pausa deixa de ser assinalada apenas nas circunstâncias em que ocorre com outro tipo de fenômeno discursivo, como: interrogação, alongamento, ruptura textual, dentre outros, que possuem seus símbolos específicos. Não há marcação distintiva para as variações de pausa; todos estes momentos, dos mais longos aos de menor extensão, recebem idêntica notação. A ausência de critério mais refinado para registro de tal alternância prosódica não compromete o desenvolvimento da análise proposta, uma vez que a pesquisa não se encontra voltada para a observação de aspectos entoacionais e sua importância na conversação, embora admita a relevância desse campo de investigação específico da análise da conversação.

### **Normas gerais de transcrição**

- pausa (exceto a que recebe outra marcação): ...
- quebra do fluxo textual: /
- comentário paralelo: – -

- alongamento sílabico: ::
- entoação enfática: **MAIÚSCULA**
- interrogação: ?
- fragmento incompreensível: ( )
- suposição de audição: (**palavra**)
- comentário do transcritor, com indicação de tosse, riso, voz etc: (( ))
- turno assaltado ou interrompido: (...)
- citação de fala de outro ou estrangeirismos: “ ”
- sobreposição de fala: **palavra**
- entoação, admitindo-se combinações: ↑ ↓ →
- siglas e inicial de nomes próprios: **MAIÚSCULA**
- unidade mínima de um falante na UD de outro: **número da UD'**

Restam, ainda, as seguintes observações:

- repetições em análise encontram-se negritadas;
- números são transcritos por extenso;
- não se usam o ponto final, o de exclamação, os dois pontos, o ponto e vírgula e a vírgula, já marcados genericamente pela pausa ...;
- não se marca o ritmo da frase;
- formas ouvidas como *né* e *pra* foram assim mantidas;
- omite-se a identidade dos informantes com o uso da inicial de cada um deles: P, para H2 e H6 (em diálogos diferentes), M para M3 e G para H4;
- distinguem-se os pontuadores discursivos: *eh* (fático), *e* (aditivo) e *é* (continuativo);
- os marcadores conversacionais transcrevem-se em posição central.

## 2

# ORIENTAÇÃO TEÓRICA

### **Funcionalismo e cognição**

Conforme se encontra em Nichols (1984), estudar um procedimento lingüístico sob o ponto de vista funcional, ou funcionalista, significa observá-lo no conjunto da situação comunicativa em que o mesmo se insere: os interlocutores e as condições nas quais ocorre o processamento do discurso. Diferentemente da abordagem estrutural ou formal, a visão funcionalista examina os procedimentos do discurso em situação de uso, em sua inserção na dinâmica do ato comunicativo.

*Função* é um termo genérico, que, na tradição dos estudos lingüísticos, tem sido associado a diversos significados, não mutuamente exclusivos. É com base na pluralidade de acepções de *função* que Nichols (1984, p. 99-100) estabelece os seguintes pares: função-interdependência, função-propósito, função-contexto, função-relação e função-sentido. Desses, os três últimos aqui são usados, pelo caráter de complementaridade que encerram. *Função* e seus derivados encontram-se associados aos papéis mediais das estruturas de repetição, à organização de esquemas discursivos, a seu inter-relacionamento e à construção e condução do significado no diálogo temático. Os quatro capítulos dedicados ao exame das estruturas de repetição privilegiam, em maior ou menor grau, as acepções referidas.

A taxonomia funcional proposta para as funções mediais (micro e interestruturadoras) e a organização de esquemas discursivos promovida com a concorrência do sistema de repetição relacionam-se mais diretamente com a função-contexto. A aborda-

gem funcionalista com base no contexto analisa o discurso como estruturação em *index*, coesa e hierárquica.

O capítulo relativo à construção tópica enfatiza o par função-relação, uma vez que a preocupação maior aí reside na demonstração do papel de uma matriz co-referente de ordem superior na organização geral de uma dada seqüência tópica. O binômio função-relação permite a análise das categorias lingüísticas mais abrangentes (macroestruturação), salientando seus aspectos inter-relacionais.

A última seção analítica dos processos de repetição em diálogos destaca a função-sentido. As estratégias funcionais de transposição tópica e de transferência metafórica acentuam a mobilidade do componente semântico no nível arquiestrutural de elaboração do diálogo temático. A correlação função-sentido, marcada progressivamente a cada etapa das variedades funcionais tratadas nesta obra, concentra-se no capítulo final, com o estabelecimento da conexão *realidade – experiência – discurso*.

A abordagem teórica aqui adotada, com ênfase nos aspectos funcionais do experiencialismo, assume e ratifica o caráter cognitivo das estruturas gramaticais, em particular, da repetição, nos moldes em que encontra a questão em Votre (1994). Segundo o autor, a língua, enquanto organização mental e conceptual, reflete experiencialmente o modo com que os humanos concebem a realidade que está a sua volta. A experiência, componente dos processos de regularização lógica, pode se contextualizar materialmente, operando na estruturação das diversas camadas discursivas.

O sistema de repetição integra o conjunto dos procedimentos regularizadores da experiência humana, elaborando cognitivamente também o diálogo temático. A interação, como contexto discursivo específico, se funda e organiza por intermédio da centração e da organicidade do significado, efetuadas, dentre outros procedimentos, pela atuação funcional da repetição.

Já em Aristóteles, na obra *De interpretatione*, citada por Givón (1990b), se encontra a idéia de que a linguagem de algum modo é o reflexo do pensamento e que este, por sua vez, sofre a influência das condições e dos fatores externos.

A opção pelo tratamento funcional de base cognitiva parte do entendimento da *gramática* como unidade complexa e multifuncional, estruturada componencialmente por procedimentos,

de certa forma, estáveis. Os mecanismos de repetição, enquanto integrantes dessa entidade lingüística, consideram-se, assim, constituintes regulares do diálogo temático, estruturas funcionais de representação, motivadas cognitivamente. A experiência funda e a interação organiza, numa relação em que o papel funcional orienta a forma representacional.

Dentre as propriedades relacionadas à abordagem funcionalista de base cognitiva, cita-se a noção de *esquema*, entendido este como um modelo arbitrário, categorizado e ordenado hierarquicamente, através do qual ocorre a apreensão dos referentes *reais* do mundo exterior, conforme se encontra em Van Dijk (1992). O modelo esquemático preexistente se comporta e articula de acordo com a situação comunicativa em processamento. São tratadas como detentoras de esquemas discursivos categóricos as seqüências descritivas, narrativas e dissertativo-argumentativas, enquanto modelos de representação, de situação e de avaliação, respectivamente. Embora a noção de *esquema* possa ser aplicada a cada uma das partes articuladoras do discurso, desde a unidade discursiva até a conversação como um todo, adota-se aqui a terminologia especificamente na referência aos gêneros mencionados, na crença em que as estratégias de repetição participam da preexistência esquemática, enquanto modelos prototípicos intimamente vinculados a padrões culturais fornecidos pelo universo histórico-social.

A interpretação do discurso relaciona-se diretamente com a interpretação do mundo. O modelo cognitivo adotado procura detectar nas expressões da língua a interferência dos fatores externos. Parte-se do entendimento de que cada estratégia discursiva opera especificamente essa interferência. Em termos de repetição, a passagem de um domínio a outro se realiza notadamente na camada arquiestrutural, por transferência metafórica, articulando o diálogo como um todo.

Dentre a variedade de abordagens com que opera a Lingüística Cognitiva, desde a década de 70, adota-se o modelo *experientialista*, cujos postulados básicos se aplicam em grande parte aos fenômenos de repetição.



## Realismo experiencialista

Essa linha teórica tem sua fundamentação em George Lakoff (1987), a partir da postulação de que o sistema lingüístico trabalha associativamente modelos simbólicos e cognitivos, estes últimos subdivididos em proposicional, de esquema em imagem, metafórico e metonímico.

De acordo com o autor, o pensamento se caracteriza por apresentar natureza corporal, imaginativa, *gestáltica* e ecológica, além de ser passível de descrição através de modelos cognitivos idealizados e realizar, por meio de protótipos, a categorização experiencial, donde se originam estruturas radiais ou de medida central.

Das propriedades do pensamento estabelecidas por Lakoff, algumas interessam mais de perto à investigação do processo de repetição, principalmente no nível arquiestrutural da conversação. O traço *imaginativo*, referente à expressão metafórica da experiência humana, notadamente de base corporal, é um dos fatores cognitivos centrais de sua proposta. A noção de que os sistemas conceptuais da língua emergem do contato físico-social dos falantes, em sua inserção no mundo real, traduzido por intermédio de metáforas fundantes, é a base sobre a qual se postula a existência de uma matriz de repetição no nível arquiestrutural do diálogo temático.

Os atributos *ecológico* e *gestáltico* também são considerados no tratamento empírico do sistema de repetição. A ecologia do pensamento está refletida iconicamente na estruturação global e hierárquica da interação. Assim como o processamento mental, a conversação é ecológica e *gestáltica*, estando na dependência da significação conceptual geral, que resulta da associação crescente de cada um dos níveis do discurso.

A esquematização de modelos cognitivos e a categorização experiencial por meio de protótipo também são noções acolhidas nesta obra. Os capítulos destinados ao exame da repetição distribuem-se de acordo com modelos, processados mental e formalmente (unidade discursiva, subtópico, tópico e conversação). A estratificação funcional em matriz, matriz de tópico (MT) e matriz da conversação (MC) representa a tentativa de categorização de um protótipo de procedimento discursivo, a repetição, um dos responsáveis pela expansão do significado no diálogo temático.

A pesquisa de Mark Johnson (1987) vem contribuir para o detalhamento do realismo experiencialista. O autor, dando continuidade à investigação de Lakoff (1987), refina a teoria desse modelo cognitivo.

Para Johnson, o sistema conceptual, revelado pela experiência sob forma de metáfora, é a própria base para a semântica da língua. Ele salienta o processo metafórico como a estratégia fundamental para a totalidade da organização conceptual e lingüística. De acordo com Johnson, as categorias da língua e do pensamento são passíveis de explicação e detalhamento a partir do exame dos procedimentos metafóricos operados no nível do discurso. A pressuposição reforça o caráter icônico da representação lingüística, uma vez que a ênfase metafórica implica transferência de significado – é a função interferindo diretamente na forma.

Segundo Johnson, pela transferência metafórica os humanos são capazes de raciocinar, construindo estruturas figurativas, arcabouços da experiência transposta discursivamente.

Neste ponto, torna-se necessária a definição do que aqui se chama de *metáfora*. Conforme se encontra nos autores mencionados, a partir da ótica experiencialista, o termo é *elaboração da compreensão humana, por meio da qual se chega à experiência fundante geradora de sentido*, em outras palavras, *metáfora é uma estratégia que faz com que o domínio da experiência, proveniente do contato existencial, se desdobre em outro, de diversa natureza*. Assim, *repetição*, nos termos desta pesquisa, é entendida como *extensão física da metáfora*.

Com as definições acima, chega-se ao último estágio de refinamento teórico do realismo experiencialista, identificado na contribuição de Eve Sweetser (1990). Esta, em prosseguimento à investigação do papel da experiência na origem e organização das formas da língua, desenvolve uma tese capaz de dar conta da motivação cognitiva das regularidades gramaticais.

Sua proposta vem demonstrar que a transferência de domínios operada pela metáfora se dá de maneira estável, sistemática e motivada, cumprindo uma trajetória em três etapas: da fase concreta (realidade físico-social), passando pela abstrata (experiência) e chegando à discursiva (ato de fala) . A passagem de uma etapa a outra se faz mediante a transferência metafórica, em que um domínio mais abstrato se organiza na base de outro mais *concreto*.

Com essa tripartição, Sweetser destaca os domínios extremos, da concretude maior (realidade) e da simbolização total (língua), intermediados pela experiência. Segundo a autora, as categorias da língua encontram-se em estágios distintos desse percurso. Tal condição justifica as *palavras gramaticais*, já na etapa final da transferência de domínios, tornando opaca a relação icônica inicialmente motivada.

Recuperando a tese central de Lakoff, segundo a qual linguagem e cognição são processadas metaforicamente, Sweetser propõe três grandes espaços de domínio cognitivo, intimamente vinculados entre si: o espaço real, de conteúdo referencial; o espaço epistêmico, de conteúdo inferencial, e o espaço textual, do uso lingüístico. A estruturação assim declarada revela o caráter unidirecional do sentido derivado, em constante processo de abstratização.

Em termos de repetição, torna-se necessário relativizar a tendência exclusivamente abstracionista do *ato de fala*. As diversas recorrências sofridas por um termo ao longo da conversação tendem a lhe precisar o sentido, que, do caráter mais genérico da(s) ocorrência(s) inicial(is), passa a uma referência cada vez mais específica, mediante as contínuas retomadas. Essa geração aparentemente inversa à proposta por Sweetser aponta a multidirecionalidade da estratégia de repetição.

## **Iconicidade e marcação expressiva**

Na proposta de tratamento funcional da repetição no modelo conversacional temático, são adotados dois princípios que se têm mostrado relevantes e bastante produtivos: *iconicidade* e *expressividade*.

O primeiro, conforme se encontra em Givón (1990 a e b, 1991), refere-se à relação motivada de *um-para-um* entre o conteúdo e sua representação, em situação oposta à arbitrariedade. O caráter não-arbitrário das formas da língua postulado pela iconicidade reside na suposição de que a função determina a expressão, o propósito orienta a estruturação, e não o contrário.

A definição anterior, tida como formulação *forte* do princípio da iconicidade, tem sido relativizada e refinada atualmente, no sentido de que possa dar conta de um número maior de domínios

funcionais complexos. Com tal propósito, o Grupo de Estudos Discurso & Gramática, de orientação funcionalista, trabalha com a formulação icônica *branda* (VOTRE, 1993, 1994), segundo a qual a relação de *um-para-um* se insere num *continuum* de transparência, que pode evoluir até atingir o nível de opacidade, em que não mais se torna possível a apreensão formal pelo papel funcional. Este último nível seria já o estágio final da trajetória de gramaticalização.

Nesta obra trabalha-se com a hipótese *forte* do princípio de iconicidade, no entendimento de que a repetição é um dos procedimentos em que mais se espelha a motivação funcional das formas da língua.

Se a conversação é uma modalidade discursiva em contínua elaboração, se cada expressão, então, aponta para um conteúdo específico, só se pode falar em repetição no sentido estritamente formal. Ela é uma estratégia utilizada na interação para a expansão de novos e crescentes significados; a retomada se dá no plano formal, e não no do significado. Repetir não é dizer o mesmo. De acordo com tal pressuposição, o princípio da iconicidade é capaz de justificar a alta recursividade com que o diálogo temático se vale dos procedimentos de repetição, tornando-os básicos para a elaboração discursiva. Recupera-se a expressão e renova-se a função. A repetição é anáfora formal, enquanto ocorrência de idêntico constituinte, e catáfora conceptual, pela renovação de significado que aí se processa.

Até os dias atuais, a iconicidade tem sido checada preferencialmente em elementos morfossintáticos. É necessário sua testagem empírica em estratégias discursivas, como ora se propõe para a repetição nos diálogos do tipo D2 do Projeto NURC.

Três subprincípios são desdobrados da propriedade geral icônica, associados à proporção informacional, ao nível de integração conceptual e representacional e à localização sequencial das formas, respectivamente; todos aplicáveis aos procedimentos de repetição.

O subprincípio da *quantidade* se traduz pelo seguinte postulado: quanto maior, mais imprevisível e saliente for um conteúdo, maior também deverá ser a forma adotada para sua representação. O traço da saliência é privilegiado para a aferição da quantidade.

Relevância e repetição encontram-se em estreito relacionamento, confirmando o caráter multidirecional desta última.

O subprincípio da *proximidade* se traduz pelo seguinte postulado: quanto mais próximos estiverem dois conteúdos, conceptual e cognitivamente, mais próximas também deverão estar as formas que os representam. A proximidade torna-se relevante na análise das diversas camadas discursivas através das quais se faz a análise. O subprincípio relaciona-se à expressão *determinada seqüência*, citada e comentada na parte introdutória, que relativiza a extensão tomada para a investigação do procedimento de repetição, de acordo com o nível do diálogo em exame. Assim, a proximidade pode estar nos limites de uma UD, num trecho de esquema discursivo, numa seqüência tópica ou na totalidade conversacional.

O subprincípio da *ordenação linear* se traduz pelo seguinte postulado: quanto mais importante, previsível e temático for um conteúdo, mais sua forma correspondente tenderá a se localizar na parte primeira do enunciado. Em termos de repetição, a ordenação linear manifesta-se pela posição inicial ocupada pelas expressões recorrentes, na abertura de cadeias subtópicas e tópicas, em geral também recuperadas no fechamento dessas séries. A estruturação de matrizes, matrizes de tópico e matriz da conversação distribui-se em ordenação linear também, a organizar os diversos níveis do diálogo, em contínua expansão.

A iconicidade do processo de repetição é estudada em correlação com outras propriedades discursivas. Assim é que no tratamento da organização de cada seqüência tópica, trabalha-se com o binômio *iconicidade - topicalidade*, enquanto na estruturação geral da conversação, opera-se com o par *iconicidade - transferência metafórica*.

O outro princípio funcionalista adotado é a *marcação expressiva*, conforme se encontra em Dubois e Votre (1994). Os autores formulam o princípio da expressividade em função do princípio de marcação, elaborado por Givón (1990b, 1995), na tentativa de explicitação da multidirecionalidade da relação entre forma e função discursiva.

A proposta da propriedade expressiva justifica-se pela impossibilidade da marcação em, por si mesma, explicitar as diversas estratégias de que se vale a modalidade falada em sua expressão.

Assim, estabelece-se a relação *marcação - expressividade*, correspondente às posições extremas de um *continuum*: enquanto alguns processos de marcação justificam-se pelo princípio de marcação, outros o fazem pelo de expressividade.

No tratamento da repetição em diálogos, marcação e expressividade desempenham, cada qual, seu papel operacional, segundo a extensão discursiva examinada, daí a adoção da terminologia *marcação expressiva*, traço funcional a aproximar ambos os pólos.

Segundo o princípio de marcação, oriundo da Escola de Praga, as categorias marcadas obedecem às seguintes regras gerais: complexidade estrutural, complexidade cognitiva e frequência de distribuição. De acordo com a primeira, um constituinte marcado deverá ser mais complexo ou elaborado; a segunda se expressa pelo maior esforço cognitivo, em termos de atenção, elaboração mental ou tempo de processamento, da forma marcada; por fim, a terceira, que diz respeito ao plano da figura, devido à menor frequência e à maior saliência da categoria marcada em relação às demais, que atuam no plano de fundo.

Como se pode depreender pela exposição das propriedades anteriores, o princípio funcionalista de marcação, devido principalmente ao caráter binário em que se formula, não consegue explicitar considerável percentual de fenômenos lingüísticos, dentre eles, o sistema de repetição aqui examinado. Essa situação, já exposta em Dubois (1993) e Dubois e Votre (1994), revela a necessidade de que se reveja a categorização, à semelhança da formulação branda da iconicidade, sob pena de que o mesmo continue incapaz de justificar satisfatoriamente as diversas estratégias discursivas. Um princípio que não é suficiente para dar conta de considerável contingente de fenômenos, que não se flexibiliza no sentido de responder a procedimentos comuns e freqüentes da língua em uso, necessita, rapidamente, de reformulação, de refinamento de suas propriedades e posições.

Em termos de marcação por repetição, o estudo empírico do diálogo temático conduz à opção preferencial pelo princípio de expressividade, que dá mostras de se encontrar em melhores condições para explicar seu funcionamento.

A expressividade é uma dimensão discursiva relacionada à persuasão, sem comprometimento com tarefas de esforço maior de codificação. Estratégias expressivas concorrem para a expansão

coesiva do fluxo lingüístico. No caso da repetição, o processo expansionista seria o próprio suporte coesor materializado. Segundo sua formulação, o princípio da expressividade atua na tarefa de equilibrar os processos de codificação. Para tanto, como marcação e iconicidade, desdobra-se em três subprincípios, de acordo com os quais uma estratégia expressiva poderá ser mais simples e curta, freqüente e, assim, diminuir ou mesmo extinguir o esforço de processamento.

### 3

## FUNÇÕES MEDIAIS

As repetições tratadas neste capítulo se processam em camadas mais baixas da conversação, ou seja, na estruturação interna de UDs (*microestruturação*) e na organização destas entre si (*interestruturação*). A importância das funções mediais está no papel de suporte com que concorrem para a articulação das funções processadas em níveis discursivos superiores.

Da totalidade das funções mediais levantadas, receberam especial atenção aquelas categorias que se mostraram relevantes do ponto de vista da frequência. Fez-se necessário optar por aquelas efetivamente produtivas, que se mostraram relevantes para a expansão discursiva maior.

### **Microestruturação**

Foram classificadas 10 modalidades funcionais como articuladoras internas de UD, organizando cada uma de suas unidades mínimas ou, mais sistematicamente, relacionando-as entre si.

A microestruturação está presente em toda a extensão do diálogo temático. Em praticamente 80% das UD's dos inquéritos 20 e 219, registram-se as funções microestruturadoras de repetição, que, com alguma frequência, se encontram sobrepostas na mesma UD. A seguir, listam-se as 10 funções desta categoria:

### ***Paralelização***

A função básica da repetição microestruturadora se articula por meio de seqüências que guardam entre si valor semântico e/ou



estrutura sintática semelhantes. Com acentuado tom intensificador, essas ocorrências reiteram uma declaração anterior utilizando não só retomadas lexicais como também organização sintagmática análoga.

Aqui se salienta o relacionamento marcante entre reiteração e paralelismo sintático na conversação, já referido por Marcuschi (1990) no exame de inquéritos do Projeto NURC de São Paulo e de Recife. Segundo o autor, a repetição de orações (com ou sem variação formal) é bastante comum ao texto falado, nomeando-a de *repetição de padrões sintáticos*. As UD's a seguir demonstram a paralelização:

UD 987. H2

ora ... →

a. era um **exame** gratuito ...

b. não pagava nada ...

c. um **exame** que dói coisa nenhuma ... ↓

UD 833. H6

e →

a. o pessoal fala "**farol**" ...

b. "abriu o **farol**" →

A proximidade entre as unidades mínimas a e c, de 987, e a e b, de 833, constitui a função paralelização. Na primeira UD, o paralelo se configura como uma especificação, um adendo à informação contida em *era um exame gratuito*. Já na UD seguinte, o paralelo se manifesta em maior totalidade: *abriu o farol*, em b, tem significado próximo a *farol*, em a.

### Reforço

Após a paralelização, a função reforço é, em números gerais, a mais recorrente. Sua incidência atinge maior proporção no inquérito 20. Os muitos momentos de sobreposição de fala e de assalto a turno, provocados pela tensão argumentativa marcante, podem justificar essa incidência.

Com a adoção da mesma terminologia de Ramos (1983) e Bessa Neto (1991), nomeia-se de *reforço* aos processos nos

quais a matriz é recuperada enfaticamente, destacando-se no fluxo discursivo. A repetição por reforço constitui-se em um processo paratático de expansão, no qual prevalece a retomada exata, sem variação.

Há dois tipos básicos de reforço. O primeiro, auto-expressivo, articula as unidades mínimas de cada UD, através, principalmente, da repetição adverbial:

UD 849. H4

acho →

a. *engraçado também o ... o ... o paranaense ...*

b. *o modo de “eu-vou-de-bon-de”...*

c. *diz tudo  **muito**  silabado ...  **muito**  ...  **muito**  explicado ... ↓*

O segundo modelo de reforço é próprio da conversação. Nele, por heterorrepetição, um dos interlocutores reelabora total ou parcialmente a fala do outro, tomando-a como sua.

Nomeada de *sombreamento* por Koch et al. (1990), essa modalidade de reforço encontra-se por vezes relacionada à sobreposição, como se a repetição, nestes casos, assegurasse ao falante a posse ou retomada de turno, com a expansão da matriz:

UD 844. H2

a. *porque o instinto da / pela vida é ...  
inclusive ...*

muito maior ...

844?M3 *é enorme ...*

*H2b.é enorme ... ↓*

Na UD acima, sombreamento e sobreposição se confundem. H2 retoma por repetição sua fala, ameaçada por M3, cabendo a si o fechamento da unidade.

## Contraste

A função contrastiva compõe o terceiro conjunto de repetições microestruturadoras. O contraste difere da paralelização ao reelaborar a matriz por intermédio de articulação distintiva e/ou opositiva. O processo contrastivo é explícito, com os pares distintivos e/ou opositivos marcados na estrutura do discurso.

Este processo pode, freqüentemente, revestir-se de sobreposição funcional aditiva, adversativa e/ou alternativa:

UD 12. H6

- bom ...*  
*mas*    ↗  
a. *tem uma ... situação muito bacaninha aí ...*  
    *é que ...*  
b. *na **viagem** que você faz por diletantismo*  
c. *você está **gasTANdo dinheiro** ...*  
d. *e na outra **viagem** você está ganhando **dinheiro** ...* ↓

Na UD 12, através do conectivo *e* de valor adversativo, justapõe distintivamente os dois tipos de viagem tratados na expansão do primeiro subtópico discursivo – a viagem que é feita por turismo, *gasTANdo*, e a que se deve às obrigações profissionais, *ganhando*. Os dois termos verbais supramencionados articulam o contraste. A entoação enfática do primeiro referente incrementa a distinção.

A incidência da função contraste é maior no inquérito 219, no qual figura como a segunda função mais recorrente da microestruturação. A especificidade discursiva dessa entrevista explica tal intensificação. Cada informante ouve seu interlocutor, aguardando a ocasião para tomar a palavra. As posições divergentes existem e não são poucas ou em menor número do que as encontradas no inquérito 20, mas a maneira pela qual essa divergência aparece na configuração discursiva distingue as entrevistas. Assim, no diálogo 219 surge a repetição contraste como um dos instrumentos marcantes para o estabelecimento do esquema argumentativo.

## ***Desdobramento***

Por repetição desdobramento entende-se aquela verificada ao final e ao início de unidades mínimas justapostas de uma UD, dando seqüência à expansão do significado. Trata-se de uma das funções mais interessantes para a presente pesquisa, que investiga, justamente, o binômio *função/off form*a na articulação do sistema de repetição.

Na pesquisa de textos orais narrativos, esta modalidade de repetição é qualificada de *distribuidora* por Ferrari (1985) e recebe de Bessa Neto (1991, p. 120) o nome de *desdobramento*. Esta última nomenclatura é adotada no presente estudo, uma vez que possui como função “amparar a continuidade das informações no discurso”.

O desdobramento se processa entre as unidades mínimas de cada UD, na forma de uma estrutura paratática expandida por um só informante, sem variação.

A maioria dos exemplos de desdobramento encontra-se num momento especial da conversação – o comentário paralelo. É neste local, que marca a especificação e o detalhamento de uma informação, que, em mais alto grau, opera este tipo de recorrência. O comentário paralelo, por suas características semântico-funcionais, utiliza freqüentemente esta modalidade de repetição, fazendo avançar a significação e o fluxo discursivo de cada trecho.

No inquérito 20, na expansão do tópico *casa*, H2 inicia o subtópico *muro da casa de H2* com uma UD articulada por desdobramento. Antes de narrar o episódio da queda do muro, o locutor informa com maiores detalhes sobre a personagem central – o muro:

UD 384. H2

- a. eu tenho um **muro** lá em casa – um **muro** enorme -
- b. esse **muro** era muito velho ...
- c. e um dia o **muro** caiu ...  
compreende?
- d. – o **muro** que separa os fundos da casa – ↓

A partir de a, que apresenta repetição desdobramento em sua parte final, se articula b ; com a expansão em c, desdobra-se

d. Além de informar que havia um muro e este caiu, o interlocutor fica sabendo que o muro era *enorme*, *muito velho* e separava os *fundos da casa*.

## Temporalização

De acordo com Bessa Neto (1991, p. 117), a temporalização se constitui em uma co-referência de “verbos que têm alteradas as suas desinências em função das informações sobre o modo e o tempo que lhes cabem expressar”. Incluem-se aí as eventuais distinções de ordem aspectual.

Os casos de temporalização levantados no *corpus* demonstram que essa função microestrutural tende a se articular entre as unidades mínimas da UD, elaborada por um só locutor, com variação formal. Com ela, se intensificam, contrastam ou reparam informações veiculadas ao longo do fluxo discursivo, atualizadas verbalmente.

A temporalização, com relativa freqüência, encontra-se associada a outras funcionalidades de repetição, como se os processos de reformulação verbal estivessem a serviço de outras modalidades da microestruturação, tais como a paralelização, o reforço e o contraste. A mesma estrutura formal a exercer, portanto, várias funções. A polissemia observada na repetição temporalização manifesta-se sob diversos modelos, como o seguinte:

UD 812. H4

a. *eu fui a Fortaleza por terra ...*

b. *e.:: foi /*

c. *era uma áfrica ... em quarenta e sete ...*

d. *ir até Fortaleza por terra ... →*

A UD 812 ilustra uma das freqüentes formas de ocorrência da função temporalizadora – a passagem de um momento narrado, através de *fui a Fortaleza por terra*, para outro indeterminado, sem precisão temporal, com o uso do infinitivo – *ir até Fortaleza por terra*, intermediado pelo reparo *foi/era*, sinalizado por quebra do fluxo discursivo. Nesta seqüência, sobrepõem-se temporalização, reparo e paralelização, ilustrando, mais uma vez, a multifuncionalidade das estruturas de repetição.

## Reparação

Este modelo de microestruturação consiste numa recorrência que faz uma retificação em um termo, sintagma nominal ou oracional. O reparo é operação clássica da modalidade falada, devido às condições específicas de sua elaboração. Nesse sentido, a função de reparação possui forte marca interacional. Ela evita que certos *tropeços* característicos da conversação interfiram mais acentuadamente na interação.

Em geral, o reparo se dá após truncamento ou ruptura da estrutura sintática (marcada por / na transcrição). É neste local específico de corte eminente do fio discursivo que atua a reparação, mantendo o *continuum* conversacional pelo sistema de repetição:

UD 360. H2

- a. *quando ele fica /*
- b. *quando ele consegue já ...*
- c. *fazer alguma coisa melhor*
- d. *– já está um pouco mais prático -*  
*etc ...*  
*aí::*
- e. *já vai arranjar outra coisa ...*  
*né? ↑*

UD 308. H4

- mas você sabe que ↘*
- a. *eu ... eu vi meia hora de Fantástico ...*
- b. *fiquei pela /*
- c. *o Azambuja ficou pela metade ((riso)) →*

Os exemplos anteriores ilustram duas modalidades da função reparadora: substituição do predicado, na UD 360, de *fica* para *consegue*, e alteração do sujeito, na estrutura seguinte, de (eu) *fiquei* para *o Azambuja ficou*.

Devido às condições interacionais e discursivas de cada inquérito, a reparação não se distribui homogeneamente. Ela é acentuada no diálogo 20 e menos freqüente no 219. Na primeira entrevista, o ritmo entoacional é mais acelerado, são vários os instantes de sobreposição de fala e acirradas as disputas pelos turnos. Já na outra, em que se seguem princípios do tipo *cada*

*um respeita a vez do outro*, a conversação se elabora com menos aceleração e esporádicos momentos de fala superposta.

Há, ainda, outra distinção a contrastar ambos os diálogos e a ratificar as afirmações acima – a participação dos locutores. Enquanto na entrevista 20 é H2, o mais atuante, que realiza o maior número dessas estruturas, na entrevista 219, essa tarefa fica por conta de H4, aquele que menos se manifesta na conversação. Assim, a reparação cumpre papéis adicionais distintos em cada entrevista. No inquérito 20, garante o turno em andamento, como estratégia discursiva de manutenção da fala. Por outro lado, no diálogo 219, a reparação denuncia momentos de dificuldade de expansão do diálogo, *vacilos* de H4 frente à maior participação de H6.

### **Enumeração**

A repetição enumeração define-se como uma função discursiva caracterizada pela justaposição de dois ou mais termos semanticamente diversos e morfologicamente equivalentes ou semelhantes. Difere da paralelização na medida em que esta não apresenta significação distintiva muito nítida entre seus constituintes, que, por sua vez, contribuem mais especificamente para a intensificação semântica e a argumentação.

A estrutura e a função enumeradora apresentam-se como em:

UD 579. H2

e realmente ... →

a. o menino *desacatava* o professor ...

b. *desacatava* o inspetor ... ↓

UD 246. H6

a. eu digo

“batatas ...

b. vai ser infernal

c. eu vou ouvir isso aqui ...

d. *descreve* em inglês ...

e. *descreve* em francês ...

f. *descreve* em português ...

g. em italiano ...

h. e alemão” ↓

Pela exemplificação acima, pode-se confirmar o caráter icônico da enumeração. Ao invés de se proferir inicialmente o verbo e elidi-lo a seguir, como orientam os preceitos do uso lingüístico na modalidade escrita, gerando construções do tipo *desacatava o professor e o inspetor* ou *descreve em inglês, francês e português*, os informantes têm outro procedimento.

Tanto H2 como H6, ao elaborarem suas elocuições, ampliam igualmente a forma, fazendo da organização discursiva processo iconicamente motivado, traduzido nos subprincípios da quantidade, da proximidade e da ordenação linear. A motivação quantitativa é revelada a partir da repetição que se faz acompanhar por cada membro da enumeração, salientando o conteúdo dos termos repetidos. A proximidade com que esses termos se organizam concorre para a saliência de seu significado. Quanto ao terceiro subprincípio, ordenação linear, pode ser verificado através da posição focal da repetição nessas estruturas, ocupando o primeiro lugar da ordem sintática.

Com relação aos aspectos estritamente formais, a enumeração aponta algumas tendências: é uma realização, em geral, sem variação; freqüentemente apresenta-se como lista dupla; ocorre entre as unidades mínimas de cada UD, elaborada por um único informante.

### ***Reordenação***

A reordenação diz respeito aos processos de reelaboração que atuam no sentido de recuperar ou reformular estruturas sintáticas que, durante a fala, sofreram interrupções pela inserção de comentários paralelos, marcadores discursivos e/ou circunstanciadores.

A função reordenadora não se confunde com a reparadora. Na reordenação, o termo repetido se encontra acrescido por dados informacionais verificados no trecho que o separa da matriz. A repetição nestas estruturas recupera e redimensiona não só a matriz, mas toda a inserção.

Formalmente, a reordenação é uma estrutura sem variação, situada junto à matriz e processada por um só informante. De acordo com Bessa Neto (1991, p. 25), é um lugar no qual “as ocorrências repetidas, embora aceitem inserções entre si, não ultrapassam o limite físico de um segmento”, como em:



- UD 710. H2  
a. e *está* /  
b. *faz uma pergunta*  
c. e *está reprovado ...*  
compreende? ↑

- UD 22. H6  
a. *vou ...*  
b. *mês que vem*  
c. *vou pra Copa do Mundo ...* ↓

A repetição de *está* e de *vou* promovem a reordenação de suas matrizes, agora acrescidas dos dados informacionais *faz uma pergunta* e *mês que vem*, respectivamente. Como se observa, não é um procedimento de reparação. Na reformulação reordenadora, a inserção é relevante para a expansão discursiva.

### Tematização

Esta função apresenta-se como um processo de desdobramento de tópico frasal, através do qual o termo repetido expande o significado da matriz:

- UD 1006. H2  
então ... ↑  
a. é *obrigatório ...*  
b. *como ... como agora está no Congresso uma lei*  
c. *tornando obrigatório o exame pré-nupcial ...* ↓

A UD acima inaugura o subtópico *exame pré-nupcial*. O atributo *obrigatório*, que já vinha passando por reelaboração há algum tempo nessa altura do diálogo 20, com o desenvolvimento do subtópico *obrigatoriedade de exame médico*, toma agora nova orientação, com a especificação através de *pré-nupcial*, por meio da repetição por tematização.

O mesmo processo de reorientação promovido pela função tematizadora exemplifica-se no inquérito 219:

UD 283. H6

*mas ...*

*vem cá ... ^*

*a. vamos parar*

*b. de falar de viagens*

*e ...*

*c. meio de comunicação – televisão -*

*por exemplo ...*

*d. a sua opinião sobre televisão ... ↓*

Ao invés de DOC, através de pergunta ou sugestão, propor uma nova questão, é um dos informantes (H6) quem se incumbem dessa tarefa, utilizando-se da tematização. Com essa UD, tem início uma nova seqüência tópica. *Meios de comunicação* terá em *televisão* sua matriz mais reelaborada.

A baixa incidência da tematização já era esperada nesta pesquisa, uma vez que possui como papel discursivo adicional, afora sua especificidade microestruturadora, a abertura de nova orientação discursiva. Devido a essa condição, a tematização não se encontra tão presente ao longo da conversação. O papel de recondução cognitiva implica que a repetição da tematização ocorra em seqüências mais específicas da fala. Tais peculiaridades funcionais tendem a condicionar suas marcas formais. A tematização configura-se como uma retomada auto-expressiva, sem variação e lexical.

### ***Confirmação***

A função confirmadora apresenta-se como uma repetição entre as unidades mínimas da UD sob a forma de uma par adjacente do tipo pergunta-resposta, afirmação-pergunta ou pergunta-pergunta, proferido por um único informante:

UD 162. H2

a. *aqui na rua São Clemente ...*

*por exemplo ...*

*ali perto da ... daquele posto de gasolina*

b. – *sabe*

c. *onde é o po / aquele primeiro posto de gasolina? -*

d. *é um posto da Atlantic ...*

*não sei qual é ...*

*na esquina de ... Muniz Barreto ... ↓*

UD 114. H6

a. *“tem a Vênus de Milo?”*

b. *tenho” ↓*

Nas unidades acima, a repetição atua na condição de fator de insistência sobre o significado da matriz. Na primeira UD, H2 pergunta e responde. Além de chamar a atenção do interlocutor (M3), ele destaca iconicamente toda a unidade: parte de um sintagma de sentido geral *posto de gasolina*, passa por maior especificação, por meio da anteposição do ordinal *primeiro*, até chegar à determinação *da Atlantic*. À medida que sofre reelaboração, o *posto* adquire novos determinantes e maior precisão semântica.

Na segunda UD, a confirmação manifesta-se diferentemente. H6 reproduz, em discurso direto, sua conversa com um balconista em Paris, dentro do subtópico *documentação por slides*.

## Interestruturação

Oito processos interestruturais revelaram-se mais produtivos na articulação de UD's entre si.

Comparados às categorias funcionais microestruturadoras, os procedimentos analisados indicam que, à medida que se amplia o foco de observação dos papéis da repetição, estes vão se tornando mais genéricos, abrigando um número maior de estruturas reiterativas, à semelhança de um grande painel, que, próximo aos olhos, deixa ver uma série de detalhes e particularidades outras, mas, à proporção que se distancia do mesmo, revelam-se seus contornos gerais, sua organização maior. Nesta seqüência, recuam-se alguns passos no sentido da apreensão de parte de tal configuração.

Varia muito o número de UDs envolvidas em uma função interestruturadora, assim como, em geral, é variável a quantidade de UDs componentes dos subtópicos. Esse contingente pode chegar a mais de 10 unidades na função *amplificação*, passando por três ou quatro na *difusão*, ou ainda, retringir-se a duas, como no *endosso* e na *reintrodução*. Na verdade, o que determina a extensão de uma dessas funções de repetição é, afora suas peculiaridades estruturais, a natureza discursiva do trecho em andamento, seu significado para a conversação como um todo. Quanto mais relevante for a função, mais reelaborada será a forma; quanto maior a importância do que se fala, maior a extensão do segmento. Assim como a microestruturação, a interestruturação também é marcada iconicamente.

O fenômeno da sobreposição funcional surge frequentemente na interestruturação. É comum uma categoria funcional articulada num trecho maior abrigar outra(s) funcionalidade(s) de repetição, que irá(ão) se somar àquela. Aliás, o sistema de repetição é, em si, uma grande malha, tecida a partir da cumulação estrutural de cada nível discursivo – do mais elementar e específico (unidade mínima de UD) ao mais elaborado e geral (a conversação como um todo). A identificação e a classificação funcional das estruturas de repetição são tentativas de detalhamento e dissecação de um processo global e contínuo da conversação, que, holisticamente, funda e faz evoluir o significado discursivo.

A seguir, examinam-se as funções básicas da interestruturação. Na exemplificação, trechos mais longos são resumidos, com a inserção de linha tracejada, indicadora da supressão.

### ***Amplificação***

A interestruturação amplificadora apresenta-se como um encadeamento de UDs constituídas por elementos repetidos, justapostos e/ou alternados. A amplificação acontece preferencialmente nos nomes substantivos, por reelaboração vocabular ou parafrástica. A base nominal da repetição justifica-se pela própria função desempenhada – a progressão semântica de determinado significado, que, pela alta frequência com que é recuperado, destaca e faz progredir o subtópico.

De configuração similar à paralelização microestruturadora, a amplificação é a categoria funcional básica da interestruturação.

Essa modalidade possui pontos em comum com a classificação de processos de repetição tratados por outros pesquisadores. O modelo mais próximo é o descrito por Marcuschi (1992) como *amarração intermitente*, que se define como a organização repetitiva propiciadora de *amarras* ou *liames* necessários à manutenção de um *gancho* no interior de um mesmo tópico ou em relação a outro. O autor, por sua vez, declara a semelhança desse papel com a função *catalização* preconizada por Bessa Neto (1991, p. 132), na medida em que esta função teria como tarefa maior o fornecimento de *referências comuns a orações diferentes*, capazes de “indicar o assunto do trecho e assegurar a manutenção de pólos de referência”. As repetições *encadeadoras*, tratadas por Ferrari (1985, p. 52), também assemelham-se à amplificação, na medida em que “surtem, em geral, como retomada de uma informação expressa em unidade temática imediatamente subsequente”, o que garante a *manutenção do fio discursivo*.

A seguir, exemplifica-se a interestruturação amplificadora. Por sua extensão, a amplificação comumente agrega outras funções:

### Subtópico 3.7 importância da televisão

UD 367. H6

eh ... →

- a. eu discordo um pouco do G. ... nesse negócio de /  
b. dele não gostar de **televisão** ... ↓

UD 368. H6

evidentemente que ... →

a. eu não estou comparando ... o ... o ... o esquema programa ...

eu acho que

- b. a **televisão** veio  
c. encurtar pra burro a distância ... ↓

UD 372. H6

então ...

você observa que ↘

- a. eu sei de um negócio  
b. que está se passando no Amazonas ... via **televisão** ... ↓

UD 378. H6

- poxa ...* ↑  
a. *se não fosse a televisão*  
b. *nós estávamos ... um pouquinho mais atrasados culturalmente ...* →

UD 379. H6

- então ...*  
*eu acho que* →  
a. *o país que não tem televisão ...*  
b. *ele ... por mais que se esforce*  
c. *pra progredir ...*  
d. *ele vai ficar um “dxzinho” atrasado dos demais*  
e. *que já têm ...* ↓

UD 380. H6

- então* →  
*eu vejo a televisão por esse lado ...* ↓

No subtópico 3.7, a amplificação é vocabular. H6 retoma *televisão* descontinuamente em seis UD's. Sua opinião é contrária à de H4. Argumentando a favor da importância do aparelho como meio de comunicação da década de setenta, H6 expande o segmento, utilizando a repetição como uma de suas estratégias de convencimento. A cada UD são arroladas justificativas para a confirmação da tese apresentada.

Na UD inicial, abrindo o subtópico, H6 declara a divergência dos interlocutores em relação à questão. A seguir, na UD 368, antecedida do sintagma oracional *eu não estou comparando o esquema, televisão* é recuperada com o argumento *veio encurtar pra burro a distância*. Com a UD 372, *televisão* se reelabora ao lado de um exemplo ratificador do argumento. Nas unidades finais, após uma série exemplificadora aqui suprimida, *televisão* é novamente introduzida no discurso de H6, fechando coesivamente o subtópico, com a retomada da questão central – a importância do veículo como o meio mais eficiente, rápido e moderno de comunicação. Na última UD, após toda a sucessão reelaboradora, o sintagma *eu vejo a televisão por esse lado* recupera não só *televisão* como faz referência direta ao significado geral desenvolvido, com a expressão *por esse lado*. Além de marcar o término do segmento, tal declaração condensa sua carga informacional, preparando as

condições necessárias à expansão discursiva de outros subtópicos. Nem sempre a amplificação ocorre por repetição contínua de mesma matriz. Por vezes, a função interestruturadora amplificação se articula por reelaboração *em cadeia*, na qual a UD em que se insere a repetição contém termo(s) que passa(m) a matriz de uma repetição em UD subsequente. Assim, a significação discursiva amplifica-se por intermédio de outro processo.

### *Endosso*

A repetição endosso tem sua equivalente na função microestruturadora confirmação. É a segunda em percentual de ocorrência no *corpus*.

Por função endosso entende-se a repetição, geralmente heteroexpressiva, na qual se procura confirmar uma asserção contida em UD anterior. Essa confirmação é o sinal verde para a continuidade da elaboração em andamento. É por essa razão que, embora se admita a marca interacional do endosso, ele se inclui nos procedimentos estruturadores do *continuum* da significação.

Marcuschi (1992), trabalhando também com *corpus* D2 do NURC, classifica como função discursiva promotora de interação – *responsividade* as estruturas aqui tratadas. Segundo o autor, a partir da citação de Norrick (1987), é nos pares adjacentes de pergunta/resposta que se elabora preferencialmente a *recuperação parcial*.

Ao contrário da amplificação, o endosso não é, de regra, capaz de promover a articulação geral de um subtópico discursivo. Ele é um sustentáculo, um ponto de apoio no qual se confirma determinada informação para, a partir daí, se progredir na expansão do subtópico. O endosso aparece com relativa frequência inserido em função interestrutural maior, aí abrigado devido às possibilidades combinatórias proporcionadas pelo sistema de sobreposição por repetição.

### Subtópico 1.6 amores de viagem

---

- UD 60. H6  
*e o que aconteceu com a outra?* ↑
- UD 61. H4  
bom ... →  
*a. a outra ele tinha deixado no Brasil*  
*b. há algum tempo ((riso))* ↓
- UD 62. H6  
*ficou na geladeira?* ↑
- UD 63. H4  
*a. ficou na geladeira ...*  
*b. e ele até hoje está com a alemã ...* →
- 

O exemplo acima traz dois pares adjacentes justapostos, que, além de promoverem a interação, contribuem para progressão informacional. Através do endosso, sabe-se que o amigo de H4, que havia deixado uma namorada no Brasil, viajado para a Alemanha e lá se apaixonado por outra mulher, esquece o antigo amor brasileiro e acaba ficando de vez com a alemã.

### ***Focalização***

A repetição de função focalizadora define-se como um processo que, em meio ao subtópico em andamento (geralmente articulado por amplificação), desenvolve, em duas ou três UDs determinada informação relativa ao segmento em pauta. Por sua natureza especificadora e restritiva, via de regra, a focalização se encontra subposta a outras funcionalidades de repetição, contribuindo com o dado informativo por ela elaborado para a significação do subtópico:

### Subtópico 1.37 casas pré-fabricadas

---

- UD 319. H2  
*a. só tem um defeito ...*  
*b. que é muito calor ...*  
*não é?*



c. *porque não tem forro ...* →

UD 320. H2

*então* →

a. *pra fazer o forro*

b. *é separado ...*

c. *não vem com forro ...* →

O par de UDs 319 e 320 insere-se em uma extensão subtópica composta por 38 UDs. A focalização surge com a recuperação dos termos *não* e *forro*, como se, em meio à questão focal (*casas*), o fluxo discursivo lançasse um *flash* sobre uma de suas particularidades (*forro*). Após a breve reformulação, nas unidades subseqüentes não mais ocorre tal repetição.

A focalização é a rápida *passagem* por uma informação, a abertura de um foco de curta duração, necessário à composição geral do subtópico. Este é o formato básico da função na estrutura discursiva.

O processo focalizador assemelha-se ao *reforço* tratado por Marcuschi (1992) e Bessa Neto (1991). Ambos os autores admitem a existência de uma função de repetição que, embora não atue em pontos nucleares do subtópico, destaca algumas de suas informações, num procedimento bem próximo ao ora comentado. O que eles não chegam a realizar é a articulação dessa organização com a camada discursiva mais ampla, no caso, os subtópicos.

### ***Distinção***

A repetição distinção é uma categoria identificada, à semelhança da microestruturação por contraste, por um sistema marcado por oposição e/ou divergência explícita entre a referência inicial e sua posterior recuperação, em UDs geralmente contíguas.

O processo de repetição distintiva está relacionado às propriedades argumentativas do discurso. Ele surge nos momentos em que se alinham posições divergentes acerca dos vários pontos de vista expandidos nos subtópicos

Marcuschi (1992, p.147) admite a função argumentativa de contraste nos casos em que a repetição “estabelece uma oposição entre duas assertivas calcadas numa mesma estrutura”, incluindo

neste rol repetições micro e interestruturadoras. Estudando especificamente essa função nas repetições oracionais do *corpus* NURC-D2 de Recife (1993), o autor avança na investigação, destacando a estrutura negativa como caracterizadora do contraste, definindo os casos aqui nomeados de *contraste* e *distinção* como a *negação de uma conjunção*, num processo de tendência auto-expressiva e oracional. De fato, há aproximações, mas, em alguns aspectos, as funções distanciam-se uma da outra.

Embora semanticamente próximas, a distinção funciona em condição e ambiente diversos do contraste. Enquanto este se apresenta como função básica no inquérito 219, apontando os pontos de vista contrários de H4 e H6 no interior de cada UD, aquela incide com maior intensidade no inquérito 20, na condição de uma das categorias de repetição interestruturadora mais produtivas.

A maior fragmentação do diálogo 20, devido às rupturas provocadas por assalto a turno e sobreposição de fala, tende à utilização da distinção enquanto estratégia coesiva de produção, manutenção e expansão das informações em andamento. A repetição distintiva estaria, assim, a serviço da fixação e da progressão de significados opostos, diluídos em diversas UDs. Já o inquérito 219 não tende a recorrer com tamanha insistência a esse artifício, devido a seu ritmo desacelerado e menos afetado por interferências fragmentadoras em relação ao outro. No registro 219, a oposição tende a se elaborar nos limites da própria UD.

A distinção concorre para a preservação da unidade interestrutural do subtópico e para a fixação da divergência de opinião dos interlocutores. O fragmento a seguir demonstra tal procedimento:

#### ----- Subtópico 2.11 uso de maconha – perigos -----

UD 532. M3

*agora ... →*

a. *há pessoas /*

b *há médicos*

c. *que dizem*

d. *que a maconha não é /*

e. *é menos nociva que o álcool ... ↓*

UD 533. H2

ah:: ↑  
*que menos nociva que o álcool ... nada ...* ↓

UD 534. M3

a. *eu já vi ...*

b. *eu já vi ... sobre isso ...*

c. *que é menos nociva que o álcool ...* ↓

---

M3 e H2 debatem a respeito do uso da maconha. Numa seqüência de UD's marcadas pela sobreposição (trechos sublinhados), os interlocutores expressam sua opinião por intermédio da repetição distintiva. Em 532, M3 mostra indiretamente (*há médicos que dizem*) seu ponto de vista – a droga *é menos nociva que o álcool*. Na UD seguinte, H2 *rebate* a declaração, antecedida do alongamento exclamativo *ah*:: e entreposta às partículas enfáticas *que* e *nada*, marcadoras da opinião contrária. Ratificando a UD 532, M3 elabora 534, colocando novamente em evidência a avaliação distinta que faz do uso da maconha em relação a H2.

### **Atualização**

Por repetição atualização entende-se um modelo funcional que faz retornar ao fluxo discursivo determinada informação que se atualiza diante de novos dados informacionais em fase de processamento. Neste aspecto, difere acentuadamente da focalização, já que entre a primeira referência e a repetição o processo atualizador cria um espaço a ser ocupado por um conjunto de outros informes.

Embora sem se voltar para a questão central do subtópico, a parcela de significado articulada pela atualização interestruturadora contribui para seu desenvolvimento, colocando novamente em evidência um dado que fora evocado em momento anterior. A repetição se redimensiona em relação à matriz, pela adjunção dos significados elaborados no espaço inter-referencial.

O termo *atualização* é tomado de Marcuschi (1992, p. 145), que identifica uma função discursiva *atualizadora de cena* destinada a “situar o interlocutor num cenário já conhecido”. Como destaca o autor, os aspectos tratados neste tipo de repetição não costumam coincidir com as questões nucleares do subtópico.

Jânia Ramos (1983) já utilizara a terminologia, ao referir-se a uma articulação de repetição, própria das narrativas, incumbida de realinhar o fio condutor dos relatos.

Ainda que adotando *atualização*, este processo é visto aqui sob outro enfoque. A preocupação não é a contribuição interacional por ele promovida, o quanto pode ou não *facilitar* a interlocução. O objetivo agora reside na demonstração de como, através da reintrodução de um informe secundário no subtópico, se proporciona a progressão de todo o segmento. Em outras palavras, deixando de lado o aspecto interacional inegável, procura-se investigar o processo articulador enquanto função contribuinte para a significação geral do subtópico em que se encontra. É o que se verifica a seguir:

----- Subtópico 3.6 futebol no circuito fechado -----

UD 338. H6

e →

a. *havia em Los Angeles – no Fórum de Los Angeles – o circuito fechado ...*

b. *como vai ter aqui no Bruni ...* ↓

UD 339. H6

e que →

a. *toda a colônia porto-riquenha ... mexicana e brasileira ... que se interessava pelo futebol ...*

b. *pagava seis dólares*

c. *para ir àquele troço*

d. *ver ...* ↓

UD 340. H6

e →

a. *eu fui ver ...*

b. *fui eu ... minha mulher ... todo mundo ...* ↓

UD 341. H6

e →

a. *era uma tela monstruosa de grande ...*

b. *muito maior do que no cinema ...*

c. *porque ...*

eh::

*o Fórum é tipo Maracanãzinho ...* ↓

O *Fórum de Los Angeles*, mencionado na UD 338, é atualizado em 341, após a menção de seus freqüentadores nas UDs intermediárias 339 e 340. Quando é retomado, o *Fórum* não só tem reafirmado seu tamanho gigantesco pelos sintagmas *tela monstruosa de grande, muito maior e tipo Maracanãzinho*, como também pelos dados das unidades anteriores: é um local em que cabe *toda a colônia porto-riquenha, mexicana e brasileira*, o informante e sua família (*fui eu, minha mulher*) e, ainda, *todo mundo*. Na UD 338, onde ocorre pela primeira vez, o *Fórum* ainda não permite que se avalie a proporção de suas dimensões. Com o desenvolvimento do subtópico, H6 vai delimitando seus contornos. A atualização vem, assim, reintroduzir, já devidamente caracterizado, o local onde acontece o *circuito fechado*.

### **Balizamento**

A função balizamento é aquela que se identifica pela produção de uma repetição em trecho final de subtópico, reportando-se a uma informação veiculada no segmento inicial deste. Nestas circunstâncias, o(s) termo(s) repetido(s) atua(m) como fronteira de subtópico, indicando que ali se marca a elaboração de um determinado conjunto de informações, e prepara(m) as condições de entrada de novos segmentos no fluxo discursivo.

Marcuschi (1992) nomeia esta propriedade de função de *delimitação de episódios*, chamando a atenção para o tom paráfrástico e/ou resumitivo que tende a caracterizar a reformulação assim articulada. Na verdade, os subtópicos discursivos não se apresentam tão *delimitados*; pelo contrário, na segmentação da conversação, há vários momentos de dificuldade para a apreensão e categorização dos limites em que são produzidos os subtópicos. Não raro, uma UD terminal de subtópico já apresenta os dados preliminares a serem trabalhados no segmento posterior. Assim, por conta da continuidade discursiva, mantenedora da produção de significado, prefere-se chamar de *balizamento* os casos dessa estrutura, que assim se apresentam:

## Subtópico 2.19 tempos antigos 11 – disciplina escolar

---

UD 698. H2

*olha aqui ...  
você quer ver ...  
você quer ver ...*

- a. esse problema não era só na família ...  
b. isso era no magistério também ...*
- 

UD 715. H2

- a. e na família com muito mais razão ...  
b. se isso acontecia com estranhos ...  
    não é?  
c. se havia essa ... essa ... essa dependência com  
    estranhos ...*

Tentando convencer sua interlocutora (M3) de que antigamente a educação era *melhor*, de que nas décadas passadas as crianças e os jovens obedeciam mais a seus pais e mestres de um modo geral, H2 começa a produzir o subtópico 2.19., fazendo um paralelo entre a rigidez dos princípios educacionais veiculados na família e no magistério. Após a UD 698, o informante, estendendo-se em quase 20 UDs, vai compondo o quadro da escola tradicional: os professores e suas proibições. Finalmente, balizando o subtópico, H2 recupera, na UD 715, *família*, agora redimensionado. A paralelização microestruturadora *estranhos* concorre para a saliência desse trecho.

### *Difusão*

A repetição difusora define-se como um processo de tendência auto-expressiva, em geral articulado por duas UDs contíguas ou próximas, no qual a informação recuperada passa por *refinamento*, que pode se manifestar sob a forma de reparo, especificação ou exemplificação.

A função microestruturadora semelhante à difusão é o desdobramento, já que este também promove a continuidade do fluxo discursivo mediante propagação informacional. Aliás, com certa regularidade, a difusão ocorre pela repetição de uma matriz que se posiciona no segmento final de UD, *desdobrando-se* na unidade seguinte por recuperação.

A difusão distingue-se da amplificação pelo número restrito de UD's envolvidas na repetição, tirando-lhe, desta forma, o caráter da intermitência.

A repetição difusão não é das categorias básicas da interstruturação. Como o balizamento, sua distribuição iguala-se nos inqueritos. Este procedimento co-referencial tende a não sofrer grande influência das especificidades discursivas dos diálogos.

A especificação, enquanto uma das estruturas de repetição difusora, exemplifica-se a seguir:

---

#### Subtópico 1.12 documentação por *slides*

---

UD 108. H6

a. *eu comprei*

b. *há alguns anos atrás uma Polaróide ... ((ruído))* ↓

UD 109. H6

a. – *Polaróide é aquela ((ruído))*

b. *que a gente bate a fotografia colorida*

c. *e Tira da máquina pronta ...*

d. *se ela não está boa*

e. *a gente rasga*

f. *e joga fora*

g. *e tira outra* – ↓

---

Na UD 108, H6 menciona o fato de ter comprado uma Polaróide. Na unidade seguinte, ao invés de dar prosseguimento à exposição de seus argumentos, ele, por repetição, difunde especificadamente a máquina fotográfica em questão. O informante utiliza-se do comentário paralelo na explicação do manuseio do produto. Após, não mais fará menção à máquina.

### **Reintrodução**

A oitava função interestruturadora diz respeito à retomada de um subtópico interrompido por trecho de transição ou que recebeu a inserção de outro subtópico. Devido a essa característica de *retorno*, sua incidência é reduzida no *corpus*. Os inqueritos do NURC tendem à certa linearidade, em razão da presença de DOC e da pauta preestabelecida. Marcuschi (1992, p.140) também

distingue essa modalidade funcional, chamando-a de *reintrodução de tópico*. Como acontece aqui, o autor refere-se à baixa ocorrência dessa função “em virtude de os falantes operarem com uma agenda em que os temas se achavam previamente distribuídos”.

Os registros de reintrodução levantados no *corpus* são repetições auto-expressivas, em geral vocabulares, operadas pelos locutores mais participantes de cada inquérito.

A distribuição da reintrodução apresenta certo desequilíbrio, passível de justificativa pelas peculiaridades dos diálogos. A linearidade com que se apresenta o quadro tópico na entrevista 20 proporciona quatro casos de reintrodução. Em 219, a maior participação dos informantes na orientação do movimento tópico influi nas seis ocorrências desse tipo de interestruturação:

---

#### Subtópico 4.10 o português europeu 11 – o major Pereira

---

UD 629. H6

- a. *me arrumei ... “crau” ...*
- b. *me mandei lá pra baixo ...*
- c. *e esqueci*
- d. *que não tinha ido ao banheiro ...*  
*né?*  
*naquela afobação ... ↓*

UD 630. H6

- a. *fiquei esperando pelo ca::ra ...*
  - b. *aquele movimento de por::ta ...*  
*e tal ... ↓*
- 

UD 645. H6

- a. *saí do retreto ...*
  - b. *estou esperando o cara lá de camisola azul ...*  
*não é? ↑*
- 

Em 4.10, H6 está relatando o encontro com o major Pereira num hotel em Portugal. Nas UDs 629 e 630, o informante aguarda a chegada do major no *lobby* do hotel, mencionando o fato de ainda não ter ido ao banheiro. Ele suspende temporariamente o relato central e, a partir da UD 631, começa a narrar os acontecimentos cômicos quando da procura do banheiro, descobrindo que em



Portugal é chamado de *retreto*. Em sete unidades, é desenvolvido o episódio. Em 645, H6 reintroduz o relato inicial, retornando ao comentário sobre a expectativa do encontro com o oficial português através de um processo de repetição. Da matriz oracional *fiquei esperando pelo ca::ra* (momento passado) ele chega a *estou esperando o cara* (momento presente).

Com o artifício, o informante estabelece a *ponte* entre os dois fragmentos. Através da repetição reintrodutora, ele não só retoma a referência inicial como também a atualiza coesivamente diante do novo *tempo* do discurso. Na interestruturação, a temporalização não se apresenta como uma função específica de repetição. Ela atua como co-participante de outras funcionalidades reformuladoras, como elemento adicional, de natureza verbal, a compor a significação na progressão dos vários subtópicos tratados em cada tópico.

## 4

# ESQUEMATIZAÇÃO DISCURSIVA

Analisam-se aqui os esquemas descritivo, narrativo e dissertativo/argumentativo em sua articulação com as funções de repetição micro e interestruturadoras do diálogo temático. O objetivo é verificar a forma pela qual participa o processo de repetição na organização dos quadros esquemáticos em que se desenvolvem os subtópicos da conversação. Para tanto, selecionam-se alguns trechos prototípicos de estratégias que se observam como marcadoras de segmentos de descrição, narração e dissertação/argumentação.

Procura-se chegar à fixação de algumas linhas norteadoras dos processamentos de repetição mais atuantes na produção dos esquemas discursivos, enquanto operações funcionais expressivas e icônicas.

A análise parte da descrição, chega à narração e culmina na dissertação/argumentação, esta última o esquema geral do modelo conversacional tratado.

### **Descrição**

São poucos os exemplos de esquemas descritivos tanto no diálogo 20 quanto no 219. Quando a descrição acontece, localiza-se em pontos especiais da conversação, como um momento particular da fala, em que o fluxo discursivo sofre certa *desaceleração*, necessária à produção de um trecho identificador, localizador ou qualificador.

Na articulação do modelo descritivo, são utilizadas basicamente funções mediais capazes de expressar iconicamente a

desaceleração referida. Como marcas básicas de repetição em esquemas descritivos, citam-se a enumeração e a focalização ou difusão de *ter* e *haver*.

Com relação ao mecanismo enumerador, sua incidência deve-se ao próprio modelo discursivo em que é vazada a descrição, voltada para a produção de listagens, enquanto representação icônica de um modo experienciado. A descrição é o espaço propício à enumeração. Todos os trechos descritivos apresentados a seguir possuem UD's microestruturadas por repetição enumeradora.

A reformulação de *ter* e *haver* confere à descrição o retardamento rítmico característico da representação a ser elaborada. Nesse sentido, se pode falar do uso expressivo desses constituintes verbais e de seu caráter icônico. Ao se repetirem, *ter* e *haver* retêm um pouco mais a dinâmica da conversação, dando *espaço* para a elaboração de tal modelo.

No inquérito 20, o tópico *casa* é elaborado por um número maior de esquemas de descrição. Talvez seja o mais propício à representação espacial, devido à significação que encerra, em oposição aos demais – *família* e *ciclo da vida* – *saúde*. No subtópico a seguir, referente à casa de H2, ilustra-se o comentário:

-----  
Subtópico 1.11. casa de H2 1 – características internas  
-----

UD 90. H2

- a. eu *sempre ... sempre morei ... sempre morei*  
em apartamento grande ((riso))
- b. – *tive*
- c. *que morar* –
- d. até que *morei* naquela *casa ali da ... Embaixador*  
*Morgan ...* ↓

UD 91. H2

- a. *aquela casa é grande ...*
- b. e *não é ...*
- c. – *agora ficou boa ...*
- d. *porque ... já saíram dois -*  
*não é?* ↑

UD 92. H2

*mas* →

a. *tem ... tem* /

b. *você conhece ...*

*né?* ↑

UD 93. M3

*conheço ...* ↓

UD 94. H2

a. *tem embaixo ...*

b. *tem em cima ...*

c. *tem ... sala e ... salão ...*

d. *e tem quatro quartos em cima ...*

e. *garagem e uma área ...* ↓

Uma série de funções de repetição contribuem para o processamento da descrição acima. Na UD 90, o paralelo verbal das unidades mínimas a e d, através de *morei*, inaugura a representação da casa, intermediado pela recorrência temporalizadora *tive que morar*, sob a forma de comentário paralelo. A seguir, com a interestruturação focalizadora de *casa*, H2 dá continuidade à descrição, usando, ainda, o contraste *é grande – não é*. Nas UDs 92 e 93, ocorre a repetição endosso *conhecer*, numa estratégia interacional em que o informante chama à conversação sua interlocutora, para a confirmação do local acerca do qual faz a representação. Diante da resposta afirmativa de M3, H2 prossegue à identificação de sua moradia. Na UD final, o informante lista, sob a forma de enumeração, os distintos espaços da casa; o termo verbal *tem* surge aí sucessivamente retomado. Após este ponto, se pode compor a residência de H2: uma casa na rua Embaixador Morgan, conhecida por M3, que se tornou maior com a saída de dois filhos da família, com dois pavimentos, sala e salão, quatro quartos no pavimento superior, garagem e uma área.

Na entrevista 219, algumas passagens de descrição podem ser encontradas quando, principalmente em meio a relatos do tópico *viagens*, os informantes aí inserem representações pormenorizadas de objetos e locais:

Subtópico 1.24 excursão a Paris

---

- UD 239. H6  
a. em frente à minha **cadeira** do ônibus **tinha** um  
negócio  
b. que eu pensei  
c. que fosse cinzeiro ...  
d. mas não era ... ↓
- UD 240. H6  
a. no encosto da **cadeira** da frente ... seis **bandeirinhas**  
...  
um teclado ... feito rádio ...  
b. que você aperta ...  
c. com a **bandeirinha** / só não **tinha** a brasileira ...  
d. dava pra ( )  
e. mas **tinha** a **portuguesa** ... **inglês** ... **francês**  
f. as **bandeirinhas** dos países ... ↓
- UD 241. H6  
eu ... *supus* / →  
a. **tinha** um “earfonezinho”  
b. que a gente punha no ouvido ligado ( ) →
- UD 242. H6  
a. eu digo  
“batatas ...  
b. vai ser infernal  
c. eu vou ouvir isso aqui ...  
d. **descreve** em **inglês** ...  
e. **descreve** em **francês** ...  
f. **descreve** em **português** ...  
g. em italiano ...  
h. e alemão ↓
- 

A seqüência acima é a representação do ônibus de turismo que H6 conhece em Paris. Com a difusão de *tinha*, em três UD's sucessivas, numa espécie de enumeração ampliada, o entrevistado vai delineando as características internas do veículo: *tinha* algo semelhante a um cinzeiro, *tinha* seis bandeirinhas e *tinha* um *earfonezinho*. Na UD intermediária, 240, a série é contrastada através

da recuperação *não tinha*, a indicar a ausência da bandeirinha do Brasil no ônibus. No segmento final, surge a microestruturação de *descreve*, com a listagem dos idiomas nos quais se poderia ouvir a descrição dos pontos turísticos parisienses. Ainda nessa UD, ocorre a focalização dos idiomas referidos anteriormente na série.

A apresentação do ônibus, assim como o exemplo anterior, tem motivação icônica. Tanto o significado quanto a forma utilizada para expressá-lo estão voltados para um certo tipo de apresentação. Na identificação discursiva da casa e do veículo feita pelos entrevistados, se processa conteúdo e forma. As sucessivas repetições aí encontradas contribuem para a composição descritiva geral, conferindo ao referido esquema a estaticidade representativa que lhe é característica.

## Narração

Esquemas narrativos são encontrados com relativa frequência no diálogo temático. O relato de episódios atua, em grande maioria, como argumento para uma série de pontos de vista expostos ao longo da conversação. Em outras palavras, nessa modalidade discursiva, a narração não costuma estar apenas a serviço da exposição de fatos sucessivos. Ela funciona como estratégia de convencimento, objetivando a adesão do interlocutor.

Em tópicos como *família e ciclo da vida – saúde*, do inquérito 20, e *meios de comunicação e linguagem*, do inquérito 219, a função básica da narração é apoiar, sob forma de argumento, as opiniões declaradas. Já em *viagens*, da entrevista 219, encontram-se subtópicos organizados através de esquemas narrativos em sua função primária – o relato de episódios. Neste tópico, H4 e H6 contam várias histórias, o que não impede, contudo, que a seqüência propicie o desenvolvimento de relatos também voltados para a argumentação.

O comentário confirma a relação não-arbitrária entre as estruturas narrativas e a função que desempenham na conversação. Dependendo do significado processado em cada tópico e da atitude dos interlocutores em relação ao mesmo, os relatos atuam diferentemente.

Como o único tópico, em ambas as entrevistas, que proporcionou narrativas voltadas para o relato de acontecimentos

foi *viagens*, pode-se tirar algumas conclusões preliminares dessa situação: nos diálogos temáticos, do tipo D2, a narração é, basicamente, subsídio para a argumentação; quando assim não acontece, fatores relacionados à seqüência tópica em elaboração e ao comportamento dos interlocutores podem determinar essa mudança funcional. De acordo com a afirmação, é possível justificar a configuração dos relatos em **viagens**: trata-se de um tópico articulado por uma série de subtópicos em que se narram excursões nacionais e internacionais; viagens por lazer ou a trabalho. H4 e H6, os informantes que o desenvolvem, esmeram-se em seus depoimentos, contando histórias entusiasmadas e ricas em detalhes.

O sistema de repetição participa da articulação narrativa por intermédio da concorrência de um variado leque de possibilidades e combinações funcionais. A repetição interestruturadora por amplificação é o fio condutor dos episódios narrados, enquanto principal função medial de cada um dos subtópicos em pauta. Se, no esquema descritivo, enumeração, focalização e difusão são as estratégias básicas de repetição, o esquema narrativo organiza-se segundo recorrências amplificadas intermitentemente. Os modelos de narração acionam uma função de repetição que permite *cobrir* um segmento discursivo mais amplo, através da amplificação. À recuperação amplificadora, se alinham outras modalidades funcionais de repetição.

Gorski (1993, p. 36), ao analisar as relações entre iconicidade e discurso narrativo na modalidade falada e escrita, chama a atenção para a acentuada marca icônica da narração, revelada por sua organização tópica hierárquica em episódio, evento e proposição. Segundo a autora, a narrativa é “uma categoria discursiva que se manifesta num domínio funcional complexo”. Um dos componentes dessa complexidade é o sistema aqui tratado, que se revela pela organização discursiva a partir de uma função interestruturadora principal (amplificação), na qual se processa a adjunção de uma série de outras intermediárias. O resultado dessa composição em níveis distintos de repetição configura o esquema narrativo.

Relacionando-se a estruturação narrativa aos processos de repetição, pode-se dizer que os eventos narrativos, centros de interesse do episódio, são acionados pela amplificação. A repetição amplificadora concorre para expansão desses centros, num

processo icônico pelo qual cada nova recorrência integra um novo evento do relato.

A seguir, um relato do tópico **viagens**, dentro dos princípios mencionados:

-----  
Subtópico 1.28 Copa 70 11 – chegada ao México  
-----

UD 346. H4

- a. *quando você chegou lá em Guadalajara ...*  
b. *qual era ... o ânimo da turma?* ↑

UD 347. H6

- bom ... \*  
a. *quando eu che ... quando eu cheguei em Guadalajara ...*  
*rapaz ...*  
b. *foi um negócio impressionante ...* →

UD 348. H6

- a. *porque eu cheguei no México ... com “boletos” ...*  
b. *pra ... ver jogo no México ...* ↓

UD 349. H6

- e →*  
a. *como o Brasil estava ganhando em Guadalajara ...*  
b. *o jogo do dia seguinte ... que eu supunha*  
c. *ser na cidade do México ...*  
d. *Era em Guadalajara ... ainda ...*  
*- creio que*  
*contra o Uruguai –* ↓

UD 350. H6

- e:: →*  
*eu já cheguei relativamente tarde – eu e o C.*  
*... meu cunhado –* ↓

UD 351. H6

- e →*  
a. *foi uma Zorra ...*  
*rapaz ...*  
b. *pra eu conseguir*  
c. *chegar em Guadalajara ...* ↓



UD 352. H6

que →

a. *não tinha mais avião ...*

b. *não tinha mais trem ...*

c. *não tinha mais coisa nenhuma ...* ↓

UD 353. H6

e →

a. *o grupo de brasileiros que estavam lá*

b. *alugamos um ... um **caminhão** ...*

c. *e fomos viajar à noite ...*

d. *atravessamos por Toluca ... Puebla ... aquelas  
cidadezinhas ...* ↓

UD 354. H6

- *Guadalajara ... dista do México ... pouco mais de  
que Rio-São Paulo ...*

354'H4 *quinhentos quilômetros -* ↓

UD 355. H6

e:: →

a. *viajamos DEZ horas de **caminhão***

b. *pra assistir esse **jogo** ...* ↓

Com a pergunta de H4 (UD 346), é reintroduzido o tópico viagens. Aí já estão lançados os termos deflagradores da narração: o constituinte verbal *chegou* e *Guadalajara*, recuperados em função amplificadora em sucessivas UD's. Na unidade 347, utilizando-se do endosso, H6 responde a H4, como seu turno é iniciado em sobreposição ao anterior, de H4, o informante reinicia a resposta. Em 348, o sintagma *eu cheguei no México* reveste-se de certa ambigüidade: o informante se refere ao país ou à sua capital? Se a resposta for a segunda opção, tem-se o reforço de *México*. A seguir, na UD 349, H6, em repetição focalizadora de *México*, destaca o local para onde se dirigiu equivocadamente, reformulando, ainda, *Guadalajara*. Com a UD 350, H6 amplifica *cheguei*, dando continuidade ao relato. A unidade 351 traz novamente ao discurso *Guadalajara*, destacando a dificuldade da viagem, antecedida de nova amplificação, agora temporalizada, com *chegar*. Na UD 352, num esquema descritivo a representar a situação de precariedade de transpote na cidade do México, H6

recorre à repetição enumeradora *não tinha mais* para a listagem de *avião, trem e coisa nenhuma*, enfatizando os empecilhos para a chegada ao local onde a seleção brasileira jogaria. Com a unidade heteroexpressiva 354, sob forma de comentário paralelo, os informantes aludem à distância que separa as cidades em questão, para tanto, H6 amplifica *Guadalajara* e atualiza *México*. O informante dá prosseguimento ao relato, com a atualização de *caminhão* e de *jogo* na UD final do subtópico.

Na entrevista 20, praticamente todos os relatos funcionam como argumento de opinião. Seja pelo grupo temático deste inquérito ou por divergência de ponto de vista entre os interlocutores, aí as narrativas sustentam declarações por vezes contundentes e opostas. Narra-se para marcar a evidência de uma afirmação. No esquema narrativo exemplificado a seguir, as linhas tracejadas são trechos de argumentação.

-----  
Subtópico 2.13 um caso de insubordinação  
-----

UD 566. H2

*seguinte ... →*

- a. uma vez me procurou uma senhora ... numa segunda-feira ...*
- b. – os alunos saíam sábado*
- c. e voltavam segunda -*
- d. pelo aspecto eu vi*
- e. que era empregada doméstica ...*
- f. só / devia*
- g. ser empregada doméstica ... ↓*

UD 567. H2

*então →*

- a. me falou*
- b. “eu sou mãe do ... do fulano de tal”*
- c. me disse o nome do menino ...*
- d. “o senhor conhece?” ↑*

UD 568. H2

- a. eu digo*
- b. “conheço”*
- c. – um péssimo elemento que eu tinha lá ... terceiro ano ginásial – ↓*

UD 569. H2

a. *ela disse*

“*pois olha ...*

b. *eu vim aqui*”

c. *– e começou*

d. *a chorar –*

e. “*eu vim aqui*

f. *pra explicar a minha situação*”

etc ... ↓

UD 570. H2

“*que é a seguinte ... →*

a. *eu sou empregada doméstica ...*

b. *trabalho num apartamento ...*

c. *em que há um casal de ... de velhos ...*

d. *e eles não querem ... filho lá ... ↓*

UD 571. H2

a. *eu não tenho parentes ...*

b. *não tenho mais ninguém ...*

c. *só tenho esse menino ...*

d. *e não tenho*

e. *onde botar esse ... esse menino ... ↓*

UD 572. H2

a. *ele está internado aqui no terceiro ano ginasial ...*

b. *tem casa ... comida ... roupa lavada ... instrução ...*

c. *e me disse ...*

d. *que não quer*

e. *ficar mais interno*

f. *porque não quer mais ... ↓*

UD 573. H2

*agora ...*

*o senhor vê ... ↗*

a. *se ele sair daqui ...*

b. *que*

*é que*

*eu vou fazer desse menino? ↑*

UD 574. H2

a. *eu não tenho casa ...*

*quer dizer ...*  
b. *moro no emprego ...* ↓

UD 575. H2

- a. *o ... o patrão não quer ele lá*
- b. *– a não ser sábado e domingo ...*
- c. *deixa -*
- d. *mas mo ... morando permanentemente ...*
- e. *não quer ...* ↓

UD 576. H2

- a. *e ele me disse”*  
*- então me contando -*
- b. *“que está fazendo tudo*
- c. *pra ser expulso” ...* ↓

UD 577. M3

*ih::* ↑  
*que problema ...*  
*hein?* ↑

UD 578. H2

- então* ↓
- a. *eu mandei*
  - b. *buscar a ficha do menino ...* ↓

UD 579. H2

- e realmente ...* →
- a. *o menino desacetava o professor ...*
  - b. *desacetava o inspetor ...* ↓

UD 580. H2

- mas ...*  
*veja bem ...* ↘
- a. *qual é ... qual é o meio*
  - b. *que nós tínhamos?* ↑

UD 581. H2

- a. *o tal serviço educacional do colégio ... tinha confessado*
- b. *que não tinha condição ...*
- c. *de ... dar jeito a mais no menino ...* ↓

UD 582. H2

então →

a. *ela me disse o seguinte ...*

“olha ...

b. *o senhor faz dele*

c. *o que quiser ...* →

UD 583. H2

a. *pode*

b. *bater ...*

c. *pode*

d. *fazer*

e. *o que quiser ...* ↓

UD 584. H2

pele amor de Deus ...

doutor ... ^

a. *ele não pode*

b. *sair daqui*” ↓

UD 585. H2

o menino perto ... ↓

UD 586. H2

eu então →

a. *mandei*

b. *chamar o inspetor de alunos*

c. *que tinha lá ...* ↓

---

UD 589. H2

a. *chamei o sujeito*

b. *e disse assim ...*

“olha aqui ...

c. *essa senhora aqui é a mãe desse menino ...* ↓

UD 590. H2

a. *ela está nos autorizando ...*

b. *prIMEira coisa que ele fizer ...*

c. *ocê DÁ-lhe uma surra ...* ↓

- UD 591. H2  
a. *porque ele está fazendo tudo*  
b. *pra ser expulso*” ↓
- 

- UD 595. H2  
então ... →  
a. *“primeira coisa que ele fizer aqui ...*  
b. *– primeira malcriação ... primeiro desacato*  
*que ele fizer ao professor ...*  
c. *ou ao inspetor -*  
d. *vamos dar uma surra nele*  
e. *aqui ((riso)) autorizados pela mãe dele”* ↓

- UD 596. H2  
a. *ele não acreditou muito ( ) da história ...*  
b. *uma semana depois ... pintou lá com uma professora*  
c. *– jogou ... um negócio lá em cima dela –*  
*e etc ...* ↓

- UD 597. H2  
a. *mandei*  
b. *levar o menino lá em cima ...*  
c. *ele tirou a ... cinta ...*  
d. *e deu-lhe*  
*mesmo*  
*uma surra de verdade ...*  
*sabe?* ↑

- UD 598. H2  
*você sabe que* ↘  
*esse menino endireitou?* ↑
- 

O relato de H2 é um episódio confirmador e exemplar de suas idéias acerca da educação liberal que os jovens recebem na década de 70, época do registro da entrevista. O informante narra um problema disciplinar com um de seus alunos do Colégio Pedro II. A retomada amplificada de *menino* torna-se um dos fatores de coesão e de progressão do significado relatado. À amplificação se articulam hierarquicamente outras funções mediais na composição desse esquema.

Dentre as tipologias microestruturadoras de repetição envolvidas no relato, citam-se: a reparação de *empregada doméstica*, em 566; a enumeração de *desacatava*, em 579, na representação das atitudes do aluno; o desdobramento de *primeira*, na UD 595; a paralelização de *pode*, em 583, e de *lá*, em 596; a reordenação de *eu vim aqui*, na UD 569; o reforço contrastivo das unidades mínimas de 571, com o paralelo *não tenho – só tenho*, numa estrutura em que se observa tripla sobreposição funcional.

Concorrendo para a esquematização narrativa, sob o domínio da repetição amplificadora de *menino*, encontram-se as seguintes recorrências interestruturadoras: atualização de *empregada doméstica* (UD 566 e 570), *terceiro ano ginásial* (UD 568 e 572), *pra ser expulso* (UD 576 e 591), *mandar* (UD 578, 586 e 597), *chamar* (UD 586 e 589), *dar-lhe uma surra* (UD 590 e 597), *primeira coisa que ele fizer* (UD 590 e 595), *ela me disse* (UD 569 e 582) e *colégio* (581 e 600); a distinção *pode – não pode* (UD 583 e 584); a focalização de *morar* (UD 574 e 575) e o endosso de *conhecer* (UD 567 e 568).

Através da amplificação de *menino* e das demais funções de repetição se articula a narração. A cada nova aparição, os termos retomados informam um pouco mais acerca do episódio e de seus constituintes. Do menino que era **um** *péssimo elemento*, na UD 568, ao jovem recuperado e formado, na UD 601, há todo um processo de transformação, que se utiliza do sistema de repetição como uma de suas estratégias de progressão. O significado em transmutação implica estrutura em transmutação, numa relação icônica a unir função e forma. O menino recuperado, desfecho do relato, é o rapaz bem-educado, resultado de uma série de processos *recuperadores*, que se expandem discursivamente sob forma de eventos apoiados pela função amplificadora. Com esse relato, H2 apóia sua opinião acerca da validade dos métodos educacionais mais ortodoxos.

## Dissertação/argumentação

Nos inquéritos investigados, há predomínio do esquema dissertativo/argumentativo. Cada entrevista é um espaço destinado à explicação e/ou interpretação de idéias com o intuito de influenciar, procurando convencer ou marcando a divergência de ponto de vista.

Analisam-se em conjunto o esquema dissertativo e o argumentativo, como procedimentos discursivos voltados para a mesma finalidade. Não se pode dissociar um do outro, uma vez que a explanação de idéias não é *inocente*. Na declaração e interpretação de opinião, já se está agindo sobre o interlocutor, refutando possível discordância deste. É no entendimento de que a exposição de um juízo já se constitui em sua defesa que se desenvolve a análise. De acordo com Koch (1987, p. 19), “a simples seleção das opiniões a serem reproduzidas já implica, por si mesma, uma opção”.

Todos os tópicos possuem significativo percentual de segmentos elaborados por processos argumentativos. Como esquema básico para o desenvolvimento da conversação nos diálogos temáticos do Projeto NURC, a dissertação/argumentação se vale da descrição e da narração como evidência de prova e/ou sustentáculo para a consistência da opinião defendida.

A repetição, através de suas funções mediais de estruturação, concorre para o processamento dessa organização esquemática, caracterizando-a funcionalmente. O modelo articulador da dissertação/argumentação distingue-se pela marcação de oposição, de pontos de divergência, valendo-se, desta forma, da repetição contraste (micro) e distinção (inter). A partir da reformulação contrastiva e distintiva, freqüentemente apoiada pela amplificação, se faz progredir a significação nos diálogos temáticos do NURC.

No inquérito 20, o debate é intenso, com aceleração rítmica do fluxo discursivo, que às vezes se entrecorta devido a freqüentes sobreposições de fala e assaltos a turno em andamento. H2 e M3 são se deixam convencer com relação a várias questões, a despeito das tentativas empreendidas por ambos ao longo do diálogo.

No inquérito 219, mesmo diante do esforço de H6 para defender suas idéias, H4 segue em sua convicção, sem se abalar ou influenciar. Ele não procura convencer H6, mas, por outro lado, não é seduzido pelos artifícios argumentativos deste. Para cada opinião elaborada por H6, H4 tem uma simples, mas definitiva, resposta contrária, não permitindo que prevaleça a versão daquele.

Foi esse o modelo eleito como o mais próximo de uma conversação *espontânea*, na qual os interlocutores, livres de inibição ou de constrangimento diante de DOC e sem produzir uma entrevista previsível e monótona devido à pauta prévia, deixam-se levar pelo *calor* do diálogo, falando com entusiasmo e orientando, não raro, a conversação.



Subtópico 2.5 jovem cabeludo

---

UD 444. H2

- por exemplo ...*  
*eh ... eh ...* ↗  
a. **negócio** de garoto **cabeludo** ...  
*entendeu?*  
*é um negócio*  
b. que **não** ... **não dá pé** ...  
*compreende? ((riso))* ↑

UD 445. H2

- a. eu ...  
*por exemplo ...*  
*não* gosto ...  
b. **não** tolero ... ↓

UD 446. M3

- espera aí que* ↑  
*Jesus Cristo foi cabeludo*  
*hein ...* ↑

UD 447. H2

- não ...* ↑  
*mas não pode ...* ↓

UD 448. H2

- a. o cara com **cabelo** comprido ... com muita higiene ...  
*ainda vá lá ...*  
*você vê ...*  
b. o **sujeito** que cuida muito bem do **cabelo** ...  
c. vai a cabeleireiro ...  
*sabe?* ↑

UD 449. H2

- agora ...* →  
a. esse **cabelão** sujo ... imundo ...  
b. o **sujeito** não lava o **cabelo** direito ...  
*né?*  
c. isso **não** ... **não dá pé** ... ↓
-

O trecho exemplificado, componente do tópico *família*, ilustra a discordância dos interlocutores com relação ao aspecto do cabelo dos jovens da época (1971).

Em torno da amplificação de *cabelo* e da repetição distintiva, H2 e M3 organizam seus argumentos. É H2 quem lança a questão, na paralelização microestruturadora *negócio*, ao se referir ao *garoto cabeludo*. A seguir, na UD 445, focaliza a opinião com a repetição de *não*, contando, ainda, com o reforço do mesmo termo. *Cabeludo*, em 446, aponta a divergência de M3 com relação ao ponto de vista de seu interlocutor. Novamente, em 447, H2 atualiza seu ponto de vista, com a repetição de *não*. Nas UDs 448 e 449, o informante reformula *cabelo* e *sujeito*, numa distinção em que exemplifica as condições higiênicas daqueles que possuem cabelo comprido. O marcador *agora* concorre para a reformulação em 449, que se finaliza com a atualização oracional *não dá pé*, recuperadora da UD inicial 444. Enquanto H2 confere à questão grande importância, M3 a trata como banal.

As funções de repetição de natureza opositiva, centradas no contraste e na distinção, atuam como realização icônica. A atividade argumentativa trabalha com os argumentos e os contra-argumentos. Desta forma, os processos de repetição citados funcionam como elementos formalizadores do significado veiculado. A oposição do significado se articula segundo princípios estruturais de reformulação por contraste e distinção. No inquérito 219, confirma-se a atuação desse princípio na seguinte organização esquemática:

-----  
Subtópico 3.8 TV & rádio – o novo e o antigo  
-----

UD 402. H6

*olha* ↑

*a. como comunicou o negócio ...*

*b. são poucas **palavras** ...*

*c. e mais imagem ... →*

UD 403. H6

*na nossa época ... você só tinha a **palavra** ... ↓*

UD 404. H6

*a. se a voz do cara era boa ...*

*b. você gostava da **notícia** ... ↓*

UD 405. H6  
a. *se a voz do cara era antipática ...*  
b. *youê diz*  
“porra ...  
c. *que voz miserável ... desse cara*”  
c. *e jogava fora a notícia ...* ↓

UD 406. H6  
a. *hoje não ...*  
b. *youê vê ... a irradiação de um jogo ..* ↓

---

UD 408. H6  
a. *não está dizendo*  
b. *o que o cara está fazendo ...* ↓

UD 409. H6  
agora ... →  
a. *vê o jogo na / no rádio ...*  
b. *é uma embaralhada ...*  
rapaz ...  
c. *que não dá ...*  
né? ↑

UD 410. H6  
a. *“passou ...*  
b. *segurou” ((imitação))*  
não sei quê ...  
c. *uma confusão danada ...* ↓

UD 411. H6  
a. *veja que tranqüilidade*  
b. *que a televisão deu ...* ↓

UD 412. H6  
a. *youê olha o cara ... sentado ...*  
b. *tomando o teu uísque ...*  
c. *fumando o teu cigarro ...* ↓

UD 413. H6  
poxa ... ↑  
é sensacional ...  
G . ... ↓

UD 414. H4

- não ... ↓  
a. *isso é:: inegável ...*  
*ainda mais que*  
b. *you comparou ... um ... um jogo de futebol*  
*transmitido pelo rádio e um jogo de futebol*  
*transmitido pela televisão (...)* →

UD 415. H6

- não ... →  
a. *mas a notícia dessa enchente que você está vendo ...*  
b. *os telhadinhos do lado de fora ...*  
c. *o cara não está dizendo nada*  
d. *“vejam*  
e. *como ficou a cidade tal”*  
f. *acabou ...* ↓

UD 416. H6

- agora →  
a. *o cara diz no rádio*  
b. *“vejam*  
c. *como ficou a cidade tal”* ((riso)) -

UD 417. H6

- a. *você*  
“pô ...  
b. *e daí?”* ↑
- 

O trecho exemplificado é um dos diversos momentos em que H6 tenta obter a adesão de H4 a suas idéias. No subtópico 3.8., é feita a comparação entre a televisão e o rádio, na demonstração das vantagens daquela por parte de H6. Enquanto este enaltece o avanço tecnológico e o conforto representados pela TV, H4 relativiza essa importância, ao fechar questão em sua preferência por outros meios de informação, como o jornal e o rádio. As UD's de 402 a 417 representam o esforço de H6 para fazer prevalecer sua opinião, com a concorrência do sistema de repetição na instauração do quadro argumentativo.

Nas UD's iniciais, 402 e 403, a oposição de H6 já está marcada com a distinção de *palavra*. A alternância verbal presente / pretérito e o sintagma adverbial *na nossa época* colaboram para

a fixação distintiva. A reformulação por distinção continua nas unidades 404 e 405, com o informante expandindo alternativamente *se a voz do cara era e notícia*, argumentando a respeito da influência da voz dos locutores de rádio na recepção das notícias pelos ouvintes. A repetição distintiva prossegue em 415 e 416, com *cara e veja como ficou a cidade tal*, acentuando o paralelo opositivo entre TV e rádio. Essa distinção geral é resumida por H4, que, em uma única intervenção no segmento (UD 414), denuncia a estratégia de convencimento do interlocutor através da repetição microestruturadora de função contrastiva *um jogo de futebol transmitido pelo*. Além dessa estratégia básica, cita-se a atualização de *jogo* (UDs 406, 408 e 414); de *cara*, que ora se refere ao locutor de rádio (UDs 404, 405 e 416), ora ao de televisão (UDs 408, 412 e 415), num procedimento incrementador da oposição significativa geral; de *televisão* (UD/s 411 e 414) e de *rádio* (UDs 409, 414 e 416). O subtópico 3.8 usa a atualização como função condutora dos contrastes e distinções.

Segundo Koch (1987), a argumentação é o modelo básico de estruturação de todo e qualquer discurso. A progressão do diálogo temático, enquanto modalidade discursiva, tem sua esquematização geral orientada por articulações argumentativas. A autora cita a coesão e a coerência como resultantes da elaboração por argumentos. De acordo com a proposta da presente pesquisa, além de coeso e coerente, o esquema argumentativo é icônico, ao se expandir por processos de repetição que *mostram* funcional e formalmente a divergência de pontos de vista entre os participantes da interação. A iconicidade é manifestada pela articulação das funções mediais contraste e distinção, que compõem o modelo argumentativo nos diálogos temáticos.

## 5

# COMPOSIÇÃO TÓPICA

Examinadas as diversas funções mediais de repetição e sua articulação com os esquemas subtópicos, cumpre verificar como e em que medida os processos de repetição participam da composição dos tópicos no diálogo temático, num nível processual superior chamado de *macroestruturação*. Este nível representa um estágio mais alto de estruturação da conversação.

A macroestruturação tem sua funcionalidade voltada para a produção e a condução da significação do tópico discursivo. Diferentemente da micro e da interestruturação, em que a análise se concentra na verificação de papéis funcionais mais específicos e distintos entre si, agora o que prevalece é a abordagem em termos mais amplos. A macroestruturação não se processa em trechos restritos do fluxo discursivo. Ela pontua distintos fragmentos subtópicos sucessiva ou alternadamente, revelando o caráter coesivo, icônico e expressivo da repetição.

Segundo Halliday e Hasan (1976) e Halliday (1985), a coesão é a relação semântica entre seqüências discursivas que lhes permite a formação de um todo significativo, caracterizando e definindo um determinado texto. Nessa relação, a interpretação de um constituinte é feita a partir de seu relacionamento com os demais termos da cadeia discursiva. A repetição, enquanto sistema estruturador e estrutural do português, situa-se nessa perspectiva, criando e levando adiante a significação conversacional, desde o âmbito mais específico e particular, nos domínios da UD e de suas unidades mínimas, até as camadas superiores do discurso, como a a composição tópica e a organização da conversação em sua totalidade.

Ainda de acordo com os autores supramencionados, a progressão e o encadeamento semânticos proporcionados pelos mecanismos coesores, dentre eles a repetição, são operacionalizados pelo sistema léxico-gramatical, numa íntima relação entre função e forma, ratificando a iconicidade dos processos de repetição: a produção e a expansão semânticas se fazem mediante marcas formais específicas. A afirmação encontra correspondência com a perspectiva funcionalista de Givón (1990 a e b, 1991, 1995), para quem a correlação entre função e representação (forma) não é arbitrária: aquela condiciona a configuração desta, numa reciprocidade icônica e expressiva a unir significação e estruturação formal.

Na marcação, localização e apresentação geral do quadro tópico de cada um dos inquéritos trabalhados, é adotada a orientação teórica de Jubran et al. (1992), segundo a qual uma seqüência tópica é apreendida por intermédio de duas propriedades básicas e fundamentais: centração e organicidade. Relacionando-se os princípios definidores com a teoria que serve de suporte para a análise aqui desenvolvida, é possível apreender a função coesora, icônica e expressiva dos processos de repetição no delineamento dos tópicos da conversação.

A centração, enquanto traço relativo à significação tópica, refere-se: à coesão semântica e sua função *ideacional*, referida por Halliday (1985), que trata da determinação das informações que se deseja transmitir; ao princípio funcionalista de iconicidade de Givón (1990 a e b, 1991), através dos subprincípios de proximidade, quantidade e ordenação linear, e, ainda, ao princípio de marcação expressiva refinado por Dubois e Votre (1994), relacionado às estratégias criadoras de significado e suporte coesivo para a sustentação e progressão do diálogo temático.

A organicidade, outra propriedade tópica, é o resultado estrutural de toda a elaboração processada pela centração. Ela se verifica na divisão hierárquica crescente por que passa e em que se apresenta a malha discursiva:

unidade mínima < UD < subtópico < tópico < conversação

A organicidade está para a forma assim como a centração está para a função.

Ao conceito de matriz, até aqui utilizado para a análise das funções mediais micro e interestruturadoras, soma-se outro, similar e de maior abrangência, devido às especificidades da cadeia discursiva ora tratada – o tópico conversacional. Propõe-se a categorização das matrizes de repetição de acordo com o grau de sua cobertura. Conforme esse critério, define-se para a macroestruturação tópica a matriz de tópico (MT), como a primeira ocorrência de uma repetição que perdura em dois ou mais subtópicos de um mesmo tópico.

A investigação da composição tópica a partir dos processos de repetição é a investigação da centração e da organicidade proporcionadas pelas MTs na condução de uma seqüência. No significado e na formalização estrutural das MTs, se define a topicalidade dos diálogos temáticos. O conjunto de MTs encerra a significação de um tópico e a expressa discursivamente. Devido a essa propriedade semântica e icônica, a MT possui base nominal substantiva, desencadeando retomadas de natureza vocabular e lexical, o que vem reforçar a funcionalidade referida para a macroestruturação.

A postulação da MT implica outra função lingüística, aprofundada por Hopper (1979), relacionada à relevância discursiva. O autor, inspirado pelos achados da *Gestalt*, propõe a concorrência de dois planos textuais – figura e fundo. Ao primeiro correspondem as saliências, as marcas mais relevantes e, portanto, essenciais; ao segundo, estão relacionados os procedimentos contrastivamente opostos à relevância, referentes aos aspectos menos focais e centrais. Embora Hopper tenha investigado exclusivamente esquemas narrativos, suas conclusões, guardada a devida proporção, podem ser aplicadas aos procedimentos de repetição nos diálogos temáticos. A MT participa do delineamento da figura tópica, por intermédio das propriedades de centração (função) e organicidade (forma); através de sua base lexical, produz, salienta e faz progredir a significação focal no âmbito de cada tópico.

A organização em torno de MTs, devido à promoção do plano da figura discursiva ao longo de uma seqüência tópica, concorre para a elaboração de *eixos semânticos*, definidos como segmentos internos de um tópico em torno dos quais se articulam determinadas MTs, com a conseqüente saliência do significado aí expandido, integrante do tópico em desenvolvimento. Cada eixo compreende um conjunto de subtópicos em número variado – de



dois a mais de 10. Assim, o tópico é composto por grupos de eixos semânticos, elaboradores de cada uma das partes da significação discursiva maior.

Como as demais estratégias de repetição já examinadas, a MT se articula basicamente pela participação de H2, no inquérito 20, e de H6, no inquérito 219, os informantes com maior atuação em todo o diálogo. A MT atua como um instrumento discursivo que, além de produzir e expandir iconicamente a significação, assegura a um dos interlocutores a condução do diálogo, por conseguinte, dos rumos da conversação. A repetição é, nesse sentido, uma estratégia de marcação de lugar interacional e, principalmente, de *poder* sobre o outro.

Dentre os estudos de repetição do português do Brasil, cita-se a proposta de Bessa Neto (1991, p.139) de uma função de *tematização* em narrativas orais. A modalidade se aproxima de alguns dos papéis aqui propostos para MT na macroestruturação. A autora define a função como “itens lexicais que se repetem em todos ou quase todos os segmentos temáticos”, classificados como *repetição lexical literal distanciada*, que, em geral, também passa por recorrência no interior de cada segmento. Citando Halliday e Hasan (1976), Bessa Neto destaca o caráter coesivo e semântico da tematização, que “oferece pistas explícitas e permanentes para a construção do sentido do texto”. No tratamento aqui dispensado às MTs, elas são mais do que *pistas*, na representação mesma do *sentido do texto*, formas icônicas a amalgamar conteúdo e representação. Com a afirmação de que “como argumento que concentra em torno de si a maioria dos predicados do texto”, a autora relaciona a tematização com a dimensão mais relevante do plano discursivo – a figura, que se concentra e focaliza, dentre outros recursos, mediante recorrência vocabular e lexical em trechos contínuos de uma seqüência tópica.

A relevância discursiva, em seu desdobramento nos planos da figura e do fundo, guarda íntima relação com a função de marcação expressiva (DUBOIS, VOTRE, 1994).

Os subcapítulos a seguir distribuem-se de acordo com pares relacionais dos subprincípios de contração e de iconicidade, respectivamente: concernência – proximidade, relevância – quantidade e pontualização – ordenação linear. Ao longo da exposição de cada um dos pares, comenta-se a função coesora e expressiva já mencionada, na tentativa de evidenciar e especificar a contribuição

dos procedimentos de repetição para a composição e condução progressiva da significação tópica, bem como para sua representação.

Devido à organicidade hierárquica das camadas discursivas e das estruturas de repetição, as funções mediais micro e interestruturadoras também compõem as seqüências macroestruturadas por MTs.

Para a análise de concernência – proximidade, utiliza-se o tópico *casa*, do inquérito 20; em relevância – quantidade, opera-se com o tópico *meios de comunicação*, do inquérito 219. Devido às diferenças de organização tópica das entrevistas, na investigação de pontualização – ordenação linear, recorre-se aos tópicos finais de cada uma delas, *ciclo da vida – saúde e linguagem*, respectivamente.

### **Concernência – proximidade**

O primeiro traço da centração ora examinado diz respeito à “relação de interdependência semântica entre os enunciados ... pela qual se dá sua integração” (JUBRAN et al., 1992, p. 361 - 362). Estabele-se a relação entre a concernência tópica e o subprincípio icônico de proximidade, segundo o qual “os conteúdos que se encontram funcional, conceptual ou cognitivamente integrados serão colocados em integração no nível do código, temporal ou espacialmente” (GIVÓN, 1990a, p. 5).

O relacionamento entre concernência e proximidade é passível de constatação a partir da análise dos processos de repetição atuantes numa dada seqüência tópica. Segundo esses subtraços, as MTs integram-se no nível cognitivo e formal. Elas são desdobramentos discursivos, na elaboração de extensões cada vez maiores da significação tópica, aglutinadas em torno de forma específica de representação, preenchedoras de um eixo da seqüência em expansão.

De acordo com os subtraços de concernência e proximidade, as estruturas de repetição atuam segundo o princípio que se segue: a MT, em integração nos níveis de função e forma, concorre para a unidade de significado e representação da seqüência tópica em que se processa.

A respeito da integração semântica proporcionada pela MT, verifica-se a tendência ao *preenchimento* cada vez maior de seu significado, devido às sucessivas reaparições no fluxo discursivo. Em geral, a primeira ocorrência de uma MT refere-se à significação mais genérica, sem maior e mais imediata precisão. Em etapas subtópicas posteriores, a MT vai adquirindo contornos mais precisos. Esse preenchimento tem relação direta com a proximidade com que uma MT aparece repetida: quanto mais uma MT é reiterada em subtópicos contíguos ou muito próximos, mais amplia ou varia a significação veiculada. Essa proximidade entre uma ou várias MTs contribui para a articulação dos eixos semânticos anteriormente comentados.

A integração semântica não é obtida automaticamente, por mecanismo de simples adição informacional. Chega-se à concêntrica através de um processo gradual, no qual a interdependência do significado das MTs é operada em níveis escalares e proporcionais, de tal forma que as reformulações finais já se encontram, em algumas situações, semanticamente alteradas em relação à ocorrência inicial, confirmando-se, mais uma vez, a funcionalidade icônica que se postula para esse fenômeno discursivo.

O preenchimento semântico escalar operado pela MT é estratégia discursiva básica nos tópicos das duas entrevistas analisadas. Ele se torna mais evidente na proporção em que a MT se reitera em subtópicos contíguos, concorrendo para maior proximidade, integração e progressão do significado.

No inquérito 20, **casa** se organiza através de um conjunto de MTs promotoras de unidade semântica progressiva, mediante a estreita aproximação com que se encontram sucessivamente recuperadas. Dos 18 subtópicos iniciais da seqüência, em 11 se propaga a MT *casa*. Sua primeira aparição traz a marca da generalidade referida, que terá preenchimento assegurado mediante as subseqüentes reelaborações, tanto ao nível micro, como inter e macroestrutural, o que, nesta última camada, a configura como uma MT. O subtópico 1.1 se inicia com a primeira repetição:

UD 1. H2

*sei lá ...*  
*dona M. ((riso))*  
*esse negócio de casa ...* ↘

- a. *eu fico tão pouco em casa ...*  
b. *só:: pra dormir quase ...* ↓

Com a tematização microestruturadora, já começa a se especificar **casa**, que nesta recorrência passa a se referir à residência de H2. No mesmo subtópico, o termo é amplificado interestruturalmente por ambos os informantes, adquirindo outros tantos traços definidores. Na UD 4, a **casa** pertence à M3:

UD 4. M3

- eu acho →*  
a. *a casa pra mim uma espécie de ... refúgio*  
*eh ...*  
b. *onde eu me encontro*  
*mesmo ...*  
*sabe? ↑*

Na unidade final subtópica, *casa* passa a significar a residência de H2 e M3, recuperando a significação mais genérica com que primeiramente ocorreu:

UD 7. H2

- quer dizer ... →*  
a. *quando chega em casa ...*  
*eh ...*  
*exatamente ...*  
b. *a gente procura*  
c. *evitar o trabalho ((riso))*  
d. *porque o trabalho já chega o dia inteiro ...*  
e. *às vezes até:: ... tarde da noite ... ↓*

No subtópico 1.1, além de *casa*, encontram-se a MT *trabalho* e sua correspondente verbal *trabalhar*, delineando os traços definidores da significação inicial atribuída à casa – um local de descanso; a oposição do ambiente de trabalho. Nos subtópicos seguintes, tratados em 1.2 e 1.3, novamente acontece a repetição de *casa* e *trabalho*, agora acompanhada de outra MT integrante da significação – *madrugada*. A casa de H2 é comparada argumentativamente, por distinção inter e contraste microestruturador, à residência de M3. Enquanto esta informante é uma mulher sozinha, que pode dispor de sua casa da maneira e na ocasião em que bem entender, H2, devido à família numerosa, só pode trabalhar em casa de madrugada, o momento de maior tranquilidade doméstica.

Vários são os trechos em que se articula tal oposição, como as UD's iniciais do subtópico 1.3:

UD 19. M3

*que:: você ...  
de fato ... →*

- a. você não encontra /*
- b. talvez você encontre no trabalho mais descanso*
- c. do que em casa ... ↓*

UD 20. H2

- a. não ... não é*
- b. que não haja descanso ...*
- c. há descanso ... ↓*

UD 21. H2

- a. o ... não é ... o ambiente não é ... não é muito bom pra  
muito ... pra muito trabalho ...  
entende?*
- b. pelo menos pra trabalho  
assim  
que exige ... meditação  
e etc ...*
- c. isso só de madrugada ... ↓*

Com a reformulação temporalizadora na UD 19, por reparação, e na UD 20, por contraste, além da reordenação e do desdobramento das unidades mínimas a, b e c, na UD 21, organiza-se o trecho em termos de microestruturação. Na camada discursiva interestruturadora, observa-se a distinção de *descanso*, em 19 e 20, e de *trabalho*, em 19 e 21. No nível macroestrutural, se encontram as MTs *casa*, *trabalho* e *madrugada*, a processar gradualmente a progressão e a unidade semânticas, através da integração de significado e proximidade com que surgem no diálogo.

A interdependência da significação tópica faz surgir novas MTs organizadoras da estrutura discursiva. Assim é que, a partir de **casa**, por associação semântica, são promovidos à MT outros sintagmas nominais, integrados à significação ou em referência direta a esse tópico. A relação inicial entre casa e trabalho proporciona a ocorrência da MT **empregada** em quatro subtópicos

seqüenciais (de 1.5 a 1.9). Sua primeira aparição também possui a marca da generalidade:

UD 42. H2

- a. a senhora não *tem* problema de *empregada* ...
- b. *tem*? ↑

Com a indagação, H2 inaugura uma série de subtópicos concernentes à questão da empregada doméstica em casa. Ele e M3 falam de suas experiências a respeito e comentam acerca das qualidades necesssárias a uma empregada. Desenvolvendo esse informe, os interlocutores utilizam as MTs verbais *saber* e *escrever* e a atributiva *inteligente*.

A seguir, abrigadas por *casa*, surgem MTs articuladoras de segmentos relativos ao eixo semântico da localização e da representação espacial da residência dos informantes. É DOC quem sugere a reorientação do movimento tópico:

(DOC: *Dona M. podia descrever a sua casa?*)

Com as MTs *área*, *garagem*, *escada*, *muro*, *Embaixador Morgan* (rua), *pavimento* e *construção*, se integram organizadamente os subtópicos de 1.10 a 1.18, articulados internamente por repetições mediais micro e interestruturadoras.

Uma outra pergunta de DOC, após o desenvolvimento de 1.18, inaugura um eixo marcado por série de recordações, numa estratégia icônica, em que cada nova aparição de uma MT representa, em verdade, a recuperação de lembranças infantis. O passado se torna presente pela repetição. Esse eixo, que se expande até 1.29, tem início com a sugestão:

(DOC: *E das casas da infância, se lembram?*)

As MTs *lembrar* e *casa* macroestruturam 11 subtópicos a partir daí expandidos. Além delas, M3 evoca a casa da bisavó com a MT *Petrópolis* e H2 recorda os tempos antigos com as MTs *estábulo*, *leite* e *rua*, o que provoca, por associação semântica, as MTs *Pinheiro Guimarães* e *Alfredo Gomes*, duas vias onde se localizavam estábulos no Rio de outras décadas. *Lembrar* é das repetições mais freqüentes. Em 1.20, está em:

UD 139. M3

- a. *lembro* MUIto ... do tempo
- b. *que::* minha ... bisavó ainda era viva ...
- c. nós íamos todos pra fazenda ... ↓

Em 1.21., H2 a recupera:

UD 144. H2

- a. eu também me *lembro* ...
- b. até uma certa idade a gente se *lembra*  
não é?  
mais ou menos ... ↓

O subtópico 1.22. dá prosseguimento à integração desse eixo:

UD 153. H2

- eh ...* →
- a. *mais pra trás é::* difícil ...
- b. *mas da ... da casa eu me lembro muito bem ... dos quadros do (...)* →

Com o encerramento desse trecho nostálgico, DOC traz o diálogo novamente para a atualidade, com a indagação:

(DOC: *Mas dona M. mora em apartamento?*)

A pergunta coloca em cena as MTs *pavimento, construção* e *Embaixador Morgan*, já ocorridas em segmentos precedentes ao eixo das recordações dos informantes. Agora, a elas se soma a MT *Santa Teresa*, bairro de M3, na atualização do significado ora em elaboração.

O segmento final de *casa* é motivado por sugestão de DOC, que procura saber dos informantes a respeito da construção civil. A partir do subtópico 1.36. até 1.43., esse eixo é desenvolvido. Recupera-se a MT *construção*, com a concorrência das MTs *operário* (às vezes com o determinante atributivo *especializado*), *obra, pessoal, nordestino, firma, técnico* e *português*.

Notável nesse trecho a associação semântica das MTs *construção, pessoal, nordestino* e *São Cristóvão*, em 1.36, 1.37, 1.38 e 1.39, com o processamento escalar da determinação significativa. Esta chega até ao subtópico 1.39 – *a feira de São Cristóvão*, espaço onde se concentra e manifesta a cultura nordestina na cidade do Rio de Janeiro. A associação semântica tem início em 1.36, com a tematização de *construção*:

UD 293. H2

*ah ... sei ...* ^

*a constru ... construção ...* ▼

*ah ... sei ...*

*constru / o:: / construção ...*

*eu tenho a impressão de que ((riso))*

*eu não ... eu não (gosto) ...* ↓

Prossegue no subtópico 1.37, através da referência a casas pré-fabricadas:

UD 337. H2

*então* →

*o pessoal já é habilitado ... técnico pra isso ...* ↓

---

UD 339. H2

*agora ...* ↓

*a. fazer uma construção*

*assim ((riso))*

*de alvenaria ...*

*b. haja dinheiro*

*não é mesmo?*

*c. pra fazer uma casa ...* ↓

Continua em 1.38, com informes a respeito dos operários da construção civil:

UD 342. H2

*a. e como eu ... eu já fiz muita obra ...*

*assim ...*

*negócio de serviço público ...*

*b. é a falta de pessoal especializado ...*

*né?* ↑

---



- UD 345. H2  
*quase tudo é nordestino ...*  
345'M3 *quase tudo é pau-de-arara ...*  
*né? ↑*
- 

- UD 347. H2  
*a. lá em São Cristóvão*  
*então ...*  
*há ... um ponto de ônibus ... ali perto do ... do ... Pedro*  
11  
*- do internato ... do antigo internato -*  
*b. onde salta o pessoal*  
*c. que vem de ... de / do Nordeste ... ↓*

E chega até 1.39, com a inserção do subtópico relativo à feira de São Cristóvão:

- UD 351. M3  
*a. você já visitou a tal feira*  
*que dizem*  
*b. que existe dos nordestinos lá em São Cristóvão? ↑*

A concentração de informes voltados para aspectos técnicos da construção civil provoca o surgimento de um extenso subtópico, penúltimo de *casa*. Nele se articula a MT *muro*, amplificada interestruturalmente num relato experienciado, na condição de argumento a favor da desconfiança de H2 nos construtores especializados. O informante, defendendo o valor da experiência numa tarefa profissional, ironiza o aparato tecnológico, muitas vezes a encobrir deficiências na formação acadêmica de uma profissão. Para tanto, ilustra sua opinião com o episódio da queda e da construção do muro de sua casa. *Muro*, referido quando da representação da casa de H2, adquire no subtópico 1.42 novos contornos semânticos, uma vez que a intenção agora não é mais a descrição espacial, e, sim, a defesa da tese referida. No subtópico 1.18, *muro* compõe o esquema descritivo da casa de H2:

UD 130. H2

- então* →  
a. *você sobe ... uma escada ...*  
b. *tem o muro ...*  
c. *tem duas garagens ... o jardim em cima ... tudo elevado né?* ↑

Já em 1.42., a MT *muro* articula um relato argumentativo:

UD 383. H2

- mas ...*  
*agora ...*  
*ô ... ô ...*  
*já que você está falando em técnico ...*  
*minha filha ...* ↘  
a. *eu já tenho experiência disso ...*  
b. *eu prefiro um técnico*  
*mesmo*  
c. *do que às vezes um formado ...*  
*sabe?*  
*pra certas coisas ...* ↓

UD 384. H2

- a. *eu tenho um muro lá em casa – um muro enorme -*  
b. *esse muro era muito velho ...*  
c. *e um dia o muro caiu ...*  
*compreendeu?*  
d. *– um muro que separa os fundos da casa –* ↓

Tematizado em 383 e paralelizado em 384, o *muro* se faz presente em toda a extensão subtópica, por intermédio da amplificação. Macroestruturalmente, o subtópico se organiza pelas MTs *técnico*, *muro* e *casa*, com a integração e a proximidade de função e forma aqui declaradas.

A MT, como a generalidade dos casos de repetição tratados na presente pesquisa, cumpre a dupla função anafórica e catafórica. Ao se expandir progressivamente, carrega consigo a informação nova ancorada na conhecida, fortalecendo as amarras da significação ao mesmo tempo em que promove sua renovação constante. A repetição macroestruturadora contribui para que a seqüência

tópica se torne íntegra em significação e representação, coerente, coesa e expressiva.

## **Relevância – quantidade**

A unidade obtida pela integração semântica entre os componentes de um tópico é nomeada de **relevância** (JUBRAN et al., 1992). A proeminência tópica tem na MT um de seus recursos organizacionais. O conteúdo reiteradamente elaborado pela MT, em proximidade no fluxo discursivo, dá à seqüência em expansão o caráter de conjunto, imprescindível à sua configuração. A relevância é a consequência da concernência, numa relação motivada, interdependente e escalar.

Segundo os mesmos autores, a propriedade de relevância é *decorrente da posição focal* assinalada pelos elementos de um conjunto tópico. A afirmação associa-se diretamente aos planos de figura e de fundo investigados por Hopper (1979) no discurso narrativo.

Se a figura corresponde aos significados centrais, de maior *status* informacional, e se as MTs, por sua freqüência, marcam expressivamente a saliência, então cabe aos processos de repetição participar da definição da relevância tópica. A carga informacional recriada e difundida iconicamente pelas MTs é critério de identificação de seqüência tópica, devido à unidade e organicidade daí advindas. De acordo com esse princípio, aos significados veiculados à margem das MTs cabe a função de fundo, enquanto dados informacionais de suporte e sustentação para a figura.

O fator *discursividade* impõe à relevância e às demais propriedades da conversação as marcas da hierarquia e da progressão. A relevância proporcionada pelo sistema de repetição apresenta-se em distintos graus, de acordo com a camada em observação. Esse escalonamento possibilita que se postule a posição de figura da UD para as repetições mediais microestruturadoras, que passam a fundo das interestruturadoras; estas, por sua vez, atuam como figura dos esquemas discursivos subtópicos, que, por outro lado, participam como fundo da composição tópica promovida pela saliência da MT, na produção da figura de cada tópico discursivo. A relevância é constituída, assim, por um grande quadro estrutural, que se processa em parcelas cada vez mais amplas do diálogo

temático. Os níveis inferiores automática e progressivamente são cobertos pelos níveis superiores.

Não só a relevância como também a concernência e a pontualização se organizam segundo escala hierárquica e progressiva, relativizadas no *continuum* discursivo. É possível a determinação de traços relevantes, concernente ou pontuais nas várias camadas do diálogo temático: na UD, no subtópico, no tópico e na totalidade da conversação.

Dentre as propriedades definidoras do subprincípio funcionalista icônico de quantidade, a que mais se aplica à categoria de relevância diz que “quanto mais tematizada/importante for a informação, mais complexa será a forma correspondente” (DUBOIS, VOTRE, 1994, p. 13). A complexidade formal referida, interpretada, dentre outras possibilidades, como a organização discursiva por MT, permite a associação *relevância – quantidade – MT*.

A formulação do princípio funcionalista de expressividade, em um de seus desdobramentos, vem temperar e complementar o de quantidade icônica, ao estabelecer que “um procedimento discursivo marcado pode ser mais freqüente” (DUBOIS, VOTRE, 1994, p. 19). Mediante a nova postulação, se confirma a associação supramencionada, definidora da saliência, da unidade caracterizadora da seqüência tópica.

O traço *freqüência*, do princípio de marcação expressiva, se apresenta assimetricamente em relação às MTs. Em geral, um tópico se compõe de MTs mais e menos recorrentes, uma vez que é condição suficiente a uma MT ocorrer em dois subtópicos, contíguos ou não. Essa condição básica determina o surgimento de um conjunto em distinta proporção. Há repetições macroestruturadoras que se recuperam praticamente ao longo de todo o tópico; outras que se encontram em momentos mais específicos da seqüência, compondo eixos em torno de determinados significados, elaborados em número expressivo de subtópicos; por fim, existem as mais esporádicas, articuladoras de dois segmentos, no máximo, sem chegar a concorrer substancialmente para a saliência tópica geral.

A associação relevância – quantidade, em termos de repetição, pode ser expressa pelo seguinte princípio: quanto mais freqüente uma MT, mais saliente seu significado e, portanto, mais relevante para a unidade tópica.

O segundo tópico do inquérito 219, *meios de comunicação*, processa a relevância, dentre outros recursos, pela alta frequência de *televisão*. Ela está em sete dos 16 subtópicos em que se divide a seqüência. Por processo de tematização microestruturadora é lançada:

UD 283. H6

*mas ...  
vem cá ...* ↘

- a. vamos parar*
- b. de falar de **viagem***  
*e ...*
- c. meio de comunicação – **televisão** -  
por exemplo ...*
- d. a sua opinião sobre **televisão** ...* ↓

Neste mesmo subtópico, 3.1, *televisão* é amplificada interestruturalmente, adquirindo contornos mais definidos, em contraste com o já mencionado caráter de generalização característico da(s) primeira(s) ocorrência(s) de uma MT. Na unidade final de 3.1, H4 recupera *televisão* por balizamento, com a adjunção dos determinantes *nossa e brasileira*:

UD 295. H4

*mas ...  
eu acho que::* →

- a. a NOssa **televisão** brasileira está muito /*
- b. está com uma programação ... muito fraca ...* ↓

Em 3.2, na elaboração de *programação de televisão*, a referência ao meio de comunicação se determina ainda mais. Recuperando a sugestão inicial de H6, H4 abre o subtópico com o sintagma *programa de televisão sensacional*, que vem se somar às demais referências à MT na progressão escalar: meio de comunicação > televisão > nossa televisão brasileira > programa de televisão sensacional:

UD 299.

H4

- não ...  
o mais engraçado é que ... →*
- a. já que a sua pergunta girou ... girou em torno de ...*
- girou*
- em torno de comunicação ...*
- b. há um programa de televisão*
- que eu acho*
- sensacional ... ↓*

No balizamento do subtópico, novamente H4 retoma **televisão**, salientando-a e trazendo novos dados informacionais à MT:

UD 312. H4

- a. porque tem muita gente*
- b. que diz*
- c. que não gosta de televisão por ... por esnobismo ... ↓*

Em 3.3, no desenvolvimento de *TV para os idosos*, H4 garante a integração tópica com mais uma amplificação de *televisão*:

UD 321. H4

- e acho ... acho que →*
- a. principalmente pra certas pessoas que ... já numa*
- faixa*
- de idade avançada – minha mãe -*
- por exemplo ...*
- b. a ... a televisão é uma ... salvação pra ela ... ↓*
- 

UD 323. H4

- então ... →*
- a. fica o dia inteiro*
- b. vendo televisão ...*
- c. vê todas as novelas ...*
- d. vê tudo ... →*

A televisão das novelas e do entretenimento dos mais velhos é também a do futebol. Em 3.5, a expansão se inicia pela

MT *televisão* e pela microestruturação paralelizadora de *vibração*, renunciando o novo segmento:

UD 326. H4

*eu acho* →

a. *o futebol visto pela **televisão** ... muito bom ...*

b. *embora ... não nos traga aquela **vibração** do campo*

c. *que é ... a **vibração** da MAssa ...* ↓

Com a retomada de *meios de comunicação* em 3.7, H6 reintroduz a MT no fluxo discursivo. Recusando a proposta de DOC, que sugere *uma idéia de evolução dos meios de comunicação*, o informante recupera o ponto de divergência colocado inicialmente em relação ao interlocutor. O recurso à MT dá a essa inserção a marca da unidade com a seqüência tópica da qual faz parte, de cujo primeiro segmento se encontra estruturalmente separada. A repetição macroestruturadora operada em segmentos assim formalmente desmembrados assegura a integração semântico-discursiva, fazendo prevalecer a figura, o ponto focal – *televisão*. Seu retorno à conversação marca expressivamente a retomada de *meios de comunicação*:

UD 367. H6

*eh ...* →

a. *eu discordo um pouco do G. ... nesse negócio de /*

b. *dele não gostar de **televisão** ...* ↓

UD 368. H6

*evidentemente que ...* →

a. *eu não estou comparando o ... o ... o esquema **programa***

*eu acho que*

b. *a **televisão** veio*

c. *encurtar pra burro a distância ...* ↓

Nas unidades anteriores, ainda surgem como MTs a forma verbal *discordar*, que será retomada em subtópico posterior, e o nome *programa*, já referido em subtópico anterior. A amplificação interestruturadora de *televisão* marca todo o segmento. Tal repetição confere à 3.7 densidade coesiva, que baliza-se com a declaração:

UD 380. H6

*então* →  
*eu vejo a televisão por esse lado ...* ↓

Em 3.8, é mantida a saliência tópica. Agora cabe a H4 abrir novo segmento, no qual, argumentativamente, o informante se opõe a H6:

UD 381. H4

*bom ...* ↓  
*a. isso ... é inegável ...*  
*b. mas você falou aí em coisas*  
*c. que não são televisão ...*  
*d. são comunicação – a chegada de notícias ... revolução em Portugal -*  
*e. isso é:: (...)* →

O choque de opinião, próprio do esquema argumentativo, que já se prenuncia no contraste verbal promovido pela repetição de *são*, eleva à categoria de MT outros itens lexicais semanticamente contrapostos à *televisão*. Assim, destacam-se as MTs nominais *rádio*, *palavra* (escrita), *jornal* e *notícia* e as verbais *gostar* e *discordar*, dentre outras. A UD final do subtópico 3.9 condensa e exemplifica o procedimento geral desse eixo semântico, que se inicia em 3.7 e expande-se até 3.12:

UD 429. H4

*então ...* →  
*a. eu prefiro*  
*b. ler ... a notícia ... no Jornal do Brasil*  
*c. – isso deve*  
*d. ser uma deformação -*  
*e. do que vê-la na ... na televisão ... doze horas antes ...* ↓

As unidades introdutórias de 3.10 focalizam interestruturalmente a MT *discordar*, intensificando e fazendo progredir a argumentação:



- UD 430. H6  
*discordo totalmente ...* ↓
- UD 431. H6  
*a. – as meninas devem*  
*b. estar gostando ...*  
*c. porque elas queriam*  
*d. que a gente discordasse – ((riso de H4))* ↓
- UD 432. H6  
*a. estou discordando PAca dessa jogada ...*  
*b. estou discordando ... ((riso de H4))* ↓

A freqüência com que H6 recorre à forma verbal *discordar*, em três UD's contíguas, temporalizadas e em paralelo de reforço na reformulação final (432), não só garante a integridade e a unidade de *meios de comunicação*, devido à referência ao subtópico 3.7, como também prepara as condições discursivas necessárias à expansão dos subtópicos seguintes, voltados para a marcação dos pontos divergentes entre os interlocutores. Essa dupla articulação anafórica e catafórica da MT, que promove a progressão de um significado através da recorrência de uma forma já registrada no fluxo discursivo, é uma das estratégias de processamento da marcação expressiva da relevância tópica. Os subtópicos seguintes a 3.10, *uma história de PERT e revolução em Portugal*, são resultado da discordância insistentemente mencionada.

*Meios de comunicação* ainda é retomado em um segundo momento, em que, por sugestão de DOC, os informantes desenvolvem segmentos relacionados aos serviços de correio. Com o *esgotamento* do eixo anterior e a conseqüente desaparecimento da MT *televisão*, o novo eixo só chega a produzir efetivamente três subtópicos, nos quais *carta* e *malote* são as MTs mais salientes. A baixa produtividade é fruto do pouco interesse com que os informantes recebem e trabalham a proposta de DOC. A falta de adesão de H4 e H6 se denuncia pela significativa marca de oito intervenções de DOC nesse eixo. O número é bastante expressivo, face às raras manifestações dos documentadores no inquérito 219 em geral, que tem seu fluxo discursivo orientado pelos próprios informantes, notadamente H6. As perguntas de DOC nesse momento procuram sustentar o interesse apenas relativo com que a proposta é recebida e trabalhada pelos informantes.

O comportamento das MTs em 3.13, 3.14 e 3.15 pode ser explicado pelo subprincípio icônico de quantidade. A pouca importância despertada pelos serviços de correio implica sua restrita elaboração formal, o que também significa baixa incidência de macroestruturação e reduzida produção de subtópicos. Expressivamente, pode-se depreender que a questão dos serviços de correio não recebe marcação intensa, portanto, pouco se salienta em relação à totalidade da seqüência tópica. Na verdade, o plano da figura em *meios de comunicação* é articulado pela MT **televisão**, o termo mais relevante e focal desse tópico.

### **Pontualização – ordenação linear**

A terceira propriedade da centração, pontualização, refere-se à localização do tópico em determinada seqüência do fluxo discursivo. Além da concernência e da proximidade, o tópico deverá dar conta do traço *pontualização*, na medida em que é condição necessária ao tópico sua colocação em ponto específico da conversação.

A maneira pela qual são desmembrados, transcritos e apresentados os inquéritos 20 e 219 tenta contemplar essa categoria, através da numeração crescente de suas camadas (UDs e unidades mínimas destas, subtópico e tópico discursivo). Tal configuração visa não só à apresentação formal do material como também à demonstração de sua organicidade.

No relacionamento entre centração e iconicidade, a pontualização tem no subprincípio icônico de ordenação linear seu correspondente. A propriedade semântica de ordenação linear preconiza que “a ordem das frases no discurso coerente tenderá a corresponder à ordenação temporal de ocorrência dos eventos representados”, conforme se encontra em Givón (1990a, p. 8). Esse postulado aplica-se ao preenchimento semântico aqui reinvidicado para a MT. À medida que se expande o tópico, com a conseqüente recuperação das MTs, o significado por elas veiculado adquire novos traços definidores, em contínua elaboração até a próxima fronteira tópica. É a partir da propriedade semântica de ordenação linear, combinada com o subprincípio de proximidade, que se confirma a *associação semântica*, um processo em que, por extensão de significado de uma MT, é criada uma nova MT, contígua àquela, que passa a ocupar a posição focal no discurso.

O outro subtraço da ordenação linear passível de correspondência com a articulação pontualizadora da MT refere-se à proeminência. Segundo Givón (1990a, p. 9), “a informação mais importante ou mais temática tende a ser colocada em primeiro lugar na cadeia”. A afirmação explica duas tendências da pontualização da MT: ocorrência na parte inicial do subtópico ou passagem de uma MT conclusiva de subtópico à introdutória do subsequente, num processo de *transbordamento semântico*. O transbordamento semântico faz com que o significado do término de um segmento se transforme em inicial do seguinte. Além da função icônica, o procedimento é coesivo, pela manutenção da MT e sua crescente elaboração.

Segundo as propriedades de pontualização e de ordenação linear, a repetição tópica se orienta pelo princípio assim resumido: as MTs, ordenadas por associação ou transbordamento semântico, são marcas para o localização de tópicos e de subtópicos discursivos.

Os comentários a seguir, voltados para o exame do binômio pontualização – ordenação linear, poderão conter na exemplificação linha dupla, correspondente à mudança de subtópico. A inclusão desse critério vem atender à especificidade dos traços ora analisados.

A pontualização no inquérito 20 se apresenta regularmente distribuída, com cada uma das três seqüências tópicas localizadas em espaço determinado do fluxo conversacional, sem registro de reintrodução de tópico ou fenômeno similar.

*Ciclo da vida – saúde*, terceiro tópico no *continuum* discursivo, obedece a essa característica geral. Após tentativa de sua inserção na UD 775, por sugestão de DOC, M3 ainda expande o último subtópico de *família*. O terceiro tópico tem início pleno na UD 785. Nessa unidade, H2 recupera iconicamente significação e expressão: a forma pronominal *isso* (= ciclo da vida), componente da primeira unidade mínima de 775, passa a termo inicial de 785, ratificando a tendência das informações focais ocuparem a primeira posição, conforme preconiza o subprincípio de ordenação linear:

*(DOC: E sobre a vida? Como as pessoas aparecem neste mundo e duram e desaparecem? O que está implicado nesse, nesse processo? Onde as pessoas nascem? De quem nascem?)*

UD 775. H2

*olha ... →*  
*a. isso pra mim é ...*  
*assim ...*  
*um assunto muito fácil ...*  
*b. mas*  
*eu acho que*  
*não ...*  
*que*  
*não atenderia ao objetivo ((riso)) ↓*

---

UD 785. H2

*mas isso que você perguntou ... isso ... →*  
*a. nós estamos*  
*eh ...*  
*num ... num ... ciclo ... no ciclo vital ...*  
*b. que é uma coisa ... normal na ... na natureza ... ↓*

Diferentemente dos demais tópicos da entrevista 20, *ciclo da vida – saúde* não se centraliza em torno de MT presente em toda sua extensão, como ocorre com *casa e família*. A contração aqui acontece pelo desenvolvimento de eixos semânticos que, por associação ou transbordamento, levam adiante a significação. Ao contrário dos tópicos anteriores, não se pode identificar agora uma MT que dê conta da totalidade ou mesmo da maior parcela da seqüência. A integridade desse conjunto, composto por 34 subtópicos, se garante pela articulação coesa, icônica e expressiva com que se harmonizam e interagem os eixos semânticos que o compõem.

Os sete primeiros subtópicos expandem significados relacionados a questões gerais da vida humana: ciclo vital, alimentação, controle de natalidade e os motivos de suicídio da população de países do primeiro mundo. Na passagem para 3.2, H2 recorre às MTs *sentido* e *isso*, surgidas na penúltima UD de 3.1, para dar continuidade aos comentários a respeito do ciclo vital, agora voltados para os seres vivos. Esse é um exemplo da estratégia de transbordamento semântico:

UD 787. H2

- por isso é que eu digo ... ↘*  
a. *esse ... esse aspecto pra mim ... no sentido em que  
isso deve*  
b. *ser ... colocado aqui ...  
pelo jeito*  
c. *é um pouco difícil ...*  
d. *por que pra mim é um assunto técnico ... espe / →*
- 

UD 789. H2

- então ...  
quer dizer ↘*  
a. *o ... o que / eu ... eu encaro isso nesse ... nesse sentido  
quer dizer ...  
quer dizer ...*  
b. *é uma continuação biológica*  
c. *que não pode / →*

A passagem de 3.4 para 3.5 também se opera à semelhança da estrutura anterior. Aqui a MT verbal *viver* e a cardinal *cento e cinqüenta*, da UD final 819, transbordam significação e representação para 821, a segunda unidade de 3.5. Ainda como comentário do trecho a seguir, registre-se a paralelização temporalizadora das unidades mínimas a e c de 819, concluindo enfaticamente o subtópico 3.4, relativo ao ciclo vital nos países industrializados:

UD 819. H2

- então  
a gente pergunta ... ↘*  
a. *vale ... vale a pena*  
b. *o sujeito viver cento e cinqüenta anos*  
c. *ou duzentos anos?*  
*quer dizer ...*  
d. *valeria a pena? ↑*
- 

UD 821. H2

- a. *a situação daqui a / o que vai acontecer ...  
por exemplo ...*  
b. *se o indivíduo começar ...*  
c. *a viver ... viver cento e cinqüenta ... cento e  
sessenta anos? ↑*

Os dois subtópicos seguintes, integrantes desse mesmo eixo, se iniciam com a MT *país*, já ocorrida em 3.4 A importância de tal repetição deve-se à sua aparição no trecho primeiro de cada subtópico, destacando os países *mais civilizados*, conforme declara M3, no tratamento das questões relacionadas ao ciclo vital. Em 3.6, a UD inicial desdobra microestruturalmente *país*, contando com o reforço de *controle de natalidade*, que nomeia o segmento em pauta:

UD 829. M3

e aí /  
e daí  
então

*países* a. os **países** – a maioria <sup>^</sup>dos **países** ... pelo menos os **desenvolvidos** – estejam aceitando o **controle de natalidade** ...  
b. *que é a única forma* ...  
c. *não há outra maneira agora*  
d. *de:: se resolver essa coisa ... sem controle de natalidade* ... ↓

Na elaboração de razões de *suicídio*, M3 salienta, logo na segunda unidade, novamente a MT *país*:

UD 837. M3

você vê ...  
por exemplo ...  
se você vê

a. *um povo como o sueco* ... <sup>^</sup>→  
b. *que é um ... dos ...*  
*vamos dizer*  
**países mais civilizados no mundo** ...  
né? ↓

Com o convite de DOC, os informantes iniciam outro eixo semântico, agora voltado para serviços de parto e obstetrícia. São produzidos seis subtópicos discursivos, articulados em torno da MT *parto*, que surge na primeira UD do subtópico inicial, em 3.8, e aí se amplifica interestruturalmente. Na unidade a seguir, a MT se encontra inserida em uma estrutura oracional que será recuperada em segmento posterior:

UD 858. H2

- não ((riso)) ↓  
a. *aqui no Rio de Janeiro ...*  
*quer dizer ...*  
*no meu tempo / quando eu era pequeno ...*  
b. *ainda me lembro ...*  
c. *que*  
*eh ...*  
*os partos se faziam em casa ... ↓*

Em 3.9, que trata dos partos na atualidade, H2 destaca contrastivamente a tarefa de *fazer partos em casa*:

UD 872. H2

- agora ... ↓  
a. *hoje ... com ... com o adiantamento da medicina não*  
*seria mais possível*  
b. *se fazer parto em casa ... ↓*

No desenvolvimento de *instituições de obstetrícia*, em 3.10, que amplifica **PROMATRE**, surge nova referência à MT *parto*:

UD 880. H2

- a. *a PROMATRE é uma /*  
b. *era uma instituição*  
c. *que fazia esses partos de graça ... →*

Os subtópicos seguintes destacam na UD inicial MTs ocorridas no primeiro eixo semântico de *ciclo da vida – saúde*. Assim, em 3.11, se salienta *natalidade*:

UD 892. H2

- de modo que ↘*  
a. *com isso ... o ... o ... o índice de ... natalidade*  
892'M3 *mortalidade ...*  
H2 b. *aumentou muito ... →*

Com a MT *alimentação*, verificada em 3.5, e *parto*, se inaugura o subtópico 3.12, que passa a desenvolver *importância do pré-natal*:

UD 898. H2

*e depois*  
*você vai observar o seguinte ...*  
*quer dizer ...*  $\wedge \rightarrow$

- a. o problema maior hoje não é o **parto** em si ...  
b. é o::

898'M3 *alimentação ...*

H2 o ... o período anterior – o pré – ↓

O próximo eixo aborda uma série de questões relativas à saúde no Brasil, desde a falta de enfermeiros nos hospitais, passando pelo atendimento médico, exames, vacinas e mortalidade infantil no Nordeste, totalizando quinze subtópicos. Essa articulação se faz por variadas MTs, que, por associação ou transbordamento semântico, pontualizam o eixo. A UD que inicia esse conjunto salienta *hospital*, uma MT já ocorrida em 3.10, prenunciando a questão focal de 3.14, – a falta de pessoal de nível médio (enfermeiros) nos hospitais:

UD 917. H2

*você sabe ...*  $\wedge \downarrow$

- a. o ... o grande problema de ... de **hospital** hoje em dia  
aqui no ... no Brasil é a falta de pessoal intermediário ...  
b. não existe ... ↓

Com o transbordamento de *condição e família* da UD 944 para 945, é feita a passagem do subtópico 3.15 para 3.16:

UD 944. H2

*quer dizer ...*  
*evidentemente que* →

*é um tipo de doença ligado às ... às condições econômicas*  
*da ... da família ...* ↓

---

---



UD 945. H2

- a. *sem querer /*
- b. *se a família tem condições /*
- c. *e isso ... só pra ... pra ver um aspecto ...*
- d. *porque há uma outra ordem enorme de problemas ...*  
*viu ...*
- e. *que é de classe de gente rica ... ↓*

É com outro processo de transbordamento semântico, agora heteroexpressivo, que se salienta e tem início 3.17. Na primeira unidade abaixo (final de 3.16), além dessa estratégia, ainda se observam o contraste, através da repetição verbal *tem*, e o balizamento do subtópico, com a recuperação de *rico*:

UD 947. H2

- quer dizer ... →*
  - a. *filho de pobre não tem desajustamento ...*
  - b. *só tem filho de rico ...*
  - c. *e os problemas são os mesmos ((riso)) ↓*
- 

UD 948. M3

- a. *mas isso não é só de agora não ...*  
*hein ...*
- b. *porque a falta de comunicação entre pais e filhos (...) →*

A mudança de 3.17 para 3.18 se opera pela repetição macroestruturadora de *médico*, que passa da categorização nominal substantiva, em 954, para atributiva, em 955. A repetição enumeradora de *quando*, na primeira unidade, descreve as raras situações capazes de provocar a ida da população a um hospital:

UD 954. H2

- quer dizer ... →*
  - a. *o sujeito só procura*  
*realmente*  
*o médico ...*
  - b. *quando a / tem DOR ...*
  - c. *ou quando é um problema de /*
  - d. *que impede de locomoção::*
  - e. *fora disso não ... não ... ↓*
-

UD 955. H2

- e →*  
a. *a prova disso é*  
b. *que a maioria das crian / do pessoal nunca foi a exame*  
*médico ...*  
*quer dizer ...*  
c. *uma coisa incrível ...*  
*né? ↑*

Os subtópicos 3.19 e 3.22 iniciam-se pela saliência da MT (aqui no) *Rio de Janeiro*. A segunda UD de 3.19 introduz *cadastro torácico do Rio de Janeiro*:

UD 968. H2

- a. *isso aconteceu ...*  
*deixa eu ver em que ano ...*  
*em ... cinqüenta e ... poucos ...*  
b. *a prefeitura instituiu o cadastro torácico aqui no*  
*Rio de Janeiro ...*  
c. *cinqüenta e três ... quatro ... cinco ...por aí ... ↓*

A mesma MT ocorre na primeira UD de 3.22, que aí é paralelizada:

UD 999. H2

- olha aqui ...*  
*mas ô ... ô M.*  
*olha aqui ...*  
*escuta só o que aconteceu ... ↘*  
a. *houve um levante arMAdo aqui no Rio de Janeiro*  
b. *– o Terceiro Regimento de Infantaria ... de Infantaria ...*  
*o Terceiro RI ... que funcionava na Praia Vermelha -*  
c. *houve um levante arMAdo ...*  
d. *quando se instituiu a vacinação obrigatória no Brasil –*  
*no Rio de Janeiro –*  
*veja que coisa vexatória ((riso))*  
*né? ↑*

A unidade final do subtópico 3.23 é o ponto inicial para a expansão de 3.24, que passa a tratar da vacina BCG. Essa expansão icônica se processa pela recorrência de *Brasil*:

UD 1019. H2

*a. e às vezes as coisas acontecem com tanta /  
quer dizer::  
com tanto atraso /*

*b. as coisas chegam aqui no **Brasil com tanto atraso** (...) →*

---

---

UD 1022. H2

*a. o BCG há pouco tempo atrás  
b. – coisa de uns ... dez anos atrás -  
c. tinha uma resistência ... toTAL no **Brasil** ... das mães e  
pais e:: todo mundo ... ↓*

O subtópico 3.25 é consequência da expansão da MT vaci-  
na, articuladora de 3.24 A posição focal com que surge em 3.25  
destaca a referência:

UD 1029. H2

*a. porque na **Inglaterra**  
- você deve ter visto agora -  
aconteceu a mesma coisa com a **vacina Sabin** ...  
b. tivemos notícia  
c. de que aquilo poderia  
d. provocar pó::lio ... →*

A matriz *Inglaterra*, amplificada em 3.25, provoca, por  
associação semântica, o subtópico 3.26, em que M3 trata do pio-  
neirismo da rainha Vitória, da Inglaterra, ao se submeter à técnica  
do parto sem dor. A MT *parto*, articuladora do segundo eixo de  
*ciclo da vida – saúde*, é reelaborada pela informante em 3.26:

UD 1035. M3

*olha ... ↓  
a. outro dia estava lendo a história do **parto** sem dor ...  
b. também a **rainha** Vitória foi a primeira  
c. que fez ...  
d. daí que chama-se “o **parto da rainha**” ...  
você sabia? ((riso de H2)) ↑*

Os subtópicos finais desse eixo destacam em suas UD's iniciais a MT *criança*, já ocorrida em 3.24. Ordenados assim linearmente, os segmentos salientam a figura do plano discursivo aí desenvolvido.

A segunda UD de 3.27 enfatiza a informação sobre a qual o subtópico incidirá. Com a estratégia microestruturadora de sobreposição das funções paralelização e reforço de *criança comendo terra*, H2 pontualiza o segmento:

UD 1042. H2

- a. *lá no Nordeste nós temos caso de criança*
- b. *comendo terra*
- c. *criancinha comendo terra ...* ↓

A saliência do subprincípio icônico de ordenação linear confirma-se em 3.28, em que o subtópico é introduzido por nova formulação da MT *criança*:

UD 1055. H2

- e sendo ... sendo que →*
- a. *este índice não tem representatividade maior*
- b. *porque isso é relacionado com o número de crianças*
- c. *que são registradas ... e mortas ...* ↓

Os seis subtópicos finais compõem o último dos eixos semânticos em que se distribui *ciclo da vida – saúde*. Por sugestão de DOC, os informantes passam a expandir segmentos relativos à especialização médica no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro. A primeira unidade de 3.29 salienta a MT *Rio de Janeiro*, anteriormente elaborada em outros eixos:

UD 1063. H2

- isso ... isso depende ...*
- quer dizer ... →*
- a. *não pode*
- b. *considerar o Rio de Janeiro e o Brasil ...*
- c. *são duas coisas diferentes ...* ↓

A MT *Rio de Janeiro*, amplificada interestruturalmente em 3.29, baliza o subtópico e articula o transbordamento desencadeador de 3.30, que se processa pelas MTs verbais *querer* e *sair*:

UD 1084. H2

(*quer dizer*) →

a. *ninguém quer*

b. *sair do Rio de Janeiro ...* -

---

UD 1085. H2

*agora ...* →

a. *you não quer*

b. *sair por quê?* ↑

O sintagma *excesso de especialização*, referido por M3 na unidade 1071, é retomado na primeira UD de 3.31 pela mesma informante, numa declaração pontualizadora de seu argumento, que se confirma pela narrativa elaborada a partir da declaração:

UD 1096. M3

*agora ...* →

a. *esse excesso de especialização também ... tem seu lado negativo ...*

b. *eu estou me lembrando muito bem de um.: meu dentista ...* →

*Limitações da especialização*, subtópico 3.32, tem início pela ordenação da MT *especialização* e pelo transbordamento semântico das MTs *fazer* e *só*, em 1113, num trecho da conversação marcado por fala sobreposta e turno assaltado:

UD 1113. M3

*quer dizer* →

a. *excesso de técnica ...*

*não é?*

b. *não faz nada ...*

*quer dizer*

c. *cada um só faz aquela (...)* →

---

UD 1114. H2

*não ...*

*e a... especialização ...*

*então ...*

*quer dizer ... ^→*

a. *a questão da especialização está de tal ordem ...*

b. *que hoje tem gente ...*

*por exemplo ...*

c. *fazendo só ...*

*eh::*

*cirurgia de mão ...*

d. *só faz cirurgia de mão ... mais nada ...*

e. *só ...*

f. *só ... ↓*

Os dois últimos subtópicos da entrevista desenvolvem comentários a respeito da dificuldade de ingresso no mercado de trabalho dos novos profissionais (médico e professor) nos grandes centros. A MT *recém-formado* e a já ocorrida *fazer* (agora em locução), verificadas nas UD's iniciais de 3.33 e 3.34, destacam as questões aí tratadas:

UD 1118. H2

*já pensou →*

*se ele vai fazer obstetrícia aqui – um recém-formado – ? ↑*

---

UD 1133. H2

*acho que →*

a. *é o mesmo problema do professor ...*

b. *aqui no Rio de Janeiro recém-formado vai*

*fazer o quê? ↑*

Comparados os inquéritos 20 e 219, a pontualização é, das propriedades tópicas de contração, a que apresenta maiores distinções. A linearidade com que flui o primeiro diálogo não se encontra no segundo. A entrevista 219 desenvolve as seqüências tópicas por processos de inserção e retomada. A aparente desorganização que tal procedimento acarretaria é superada, dentre outros recursos discursivos, pela localização e saliência da seqüência tópica promovida a partir da macroestruturação por repetição. A

MT torna-se instrumento para a identificação de segmentos que, embora formalmente separados, participam da configuração geral de uma determinada seqüência tópica.

O último tópico do inquérito 219, como os demais desse diálogo, expandem—se em pontos distintos da conversação. *Linguagem* está localizado em dois momentos: o primeiro (de 4.1 a 4.12) e o segundo (de 4.13 a 4.15) com a intermediação de *meios de comunicação*.

Assim como acontece em *ciclo da vida – saúde*, em *linguagem* não se salienta uma MT na totalidade ou na maior parte do tópico. A expansão faz-se a partir da seriação das MTs que compõem a seqüência.

Os seis primeiros subtópicos de *linguagem* expandem eixo relativo à variação lingüística. Esse eixo inicia-se com um comentário de H6 na UD 497, em que o informante alude à sua expressão verbal durante a entrevista. Com o consentimento de DOC, H4 e H6 procedem à elaboração de *linguagem*. Na UD que se segue à aprovação referida, no subtópico 4.1, H4 salienta e amplifica *falar e diferente*, que passam a MTs desse eixo. O circunstanciador *bastante* também será retomado mais adiante:

UD 498. H4

- não ...*  
*exatamente* ((pigarro)) ↘  
a. nós estávamos ... comentando  
b. que nós **dois** somos **dois** cariocas ...  
*mas*  
c. que **falamos bastante diferente** ((riso)) ↓

De 4.2 para 4.3, a passagem se faz pelo transbordamento da MT verbal *falar*, que deixa de se referir à norma brasileira do português para se reportar ao inglês europeu, na segunda unidade de 4.3. A MT *pessoa* também participa desse processo e *diferente* reaparece na última unidade:

UD 511. H4

- a. *mas aqui – em termos de Brasil – é curioso ...*  
b. *porque as ... as pessoas falam parecido ...*  
*não é?* ↑
-

UD 513. H4

- a. pra **falar** em Reino Unido ...
- b. **falando** em Escócia e ... Inglaterra ...
- c. como as **pessoas falam diferente** ...  
e ...
- d. a **pessoa do Norte** mal se entende com  
a **pessoa do Sul** ... →

Em 4.4, os comentários a respeito da diversidade lingüística se voltam novamente para o português brasileiro, agora, mais especificamente, para o dialeto carioca. Retomado por H4 e focalizado por H6, *falar (bastante) diferente* continua repetido na produção de novos significados. O endosso interestruturador de *Tijuca* e *Copacabana* e a paralelização de *Méier* fornecem a base da significação ora elaborada:

UD 517. H4

- e::  
estávamos aqui conversando ... sobre /  
que ↘
- a. as **pessoas da Tijuca falam diferente** das **pessoas de Copacabana** ...  
você acha que
- b. isso é verdade? ↑

UD 518. H6

- eu acho ...  
eu acho que ... que →
- a. **falam bastante diferente** ...
- b. não só a da **Tijuca** ... com a de **Copacabana** ...
- c. talvez as do **Méier** com as da **Tijuca** ...
- d. e  
provavelmente ...  
as de **Jacarepaguá pro Méier** ...

O subtópico 4.5 tem início com o transbordamento da MT *diferença*. O operador *agora* sinaliza a mudança de segmento, em uma de suas operações discursivas clássicas:



UD 527. H6

- logo ... ↓  
a. *é ... é ... é mais ... é natural*  
b. *que saia u ... u ... uma diferença ...* ↓
- 

UD 528. H6

- agora ...  
eu digo ... ^ ↓  
*talvez diferença de expressão ...* ↓

Na unidade seguinte, H6 desenvolve a informação pontuada em 528. Com o balizamento interestruturador, em 535, o mesmo informante marca expressivamente sua opinião, reutilizando as MTs *diferente* e *talvez*:

UD 535. H6

- então ...  
o que eu acho que →  
a. *o que está acontecendo com a gente*  
b. *é voz diferente ...*  
c. *e talvez um ... um modo de expor a coisa diferente ...* -

O subtópico final desse primeiro eixo é introduzido pelas MTs *falar* e *talvez*, salientadas pela enumeração microestruturadora, que abre caminho para a conseqüente expansão de *uso de gíria*:

UD 536. H6

- a. *você viaja pra burro ...*  
b. *está indo o Brasil inteiro*  
c. *ouvindo*  
d. *pa ... paraíba falar::*  
e. *paulista falar ...*  
f. *talvez tenha absorvido um pouquinho dessas coisas ...* ↓

Os subtópicos 4.7 e 4.8 mudam o eixo semântico da fala para a escrita. São dois segmentos elaborados argumentativamente, em que a repetição contraste e a distinção promovem micro e interestruturalmente a organização discursiva. A unidade inicial de 4.7 destaca a reorientação. A matriz *ouvido*, aí amplificada, salienta-se:

UD 547. H6

- agora ...*  
*eu estava falando pra ela ... →*  
a. *um negócio que ... você ainda estava*  
*aí*  
*impressionada ...*  
b. *eu sou tremendamente influenciável pelo ouvido ... ↓*

O subtópico 4.8 começa com o destaque de *escrever*. Em contraste microestruturador, essa matriz passa por contínua reformulação em *fala & escrita* nos EUA:

UD 561. H6

- e →*  
a. *escrever em in ... inglês ...*  
*então ...*  
b. *é o fim da picada ...*  
c. *não escrevo*  
*mesmo ... ↓*

Com o recurso à *ouvido*, H6 pontua o reinício de 4.7, que havia sofrido inserção de 4.8:

UD 574. H6

- mas ... →*  
*eu ... por ouvido ... vou bem ... ↓*

Os quatro últimos subtópicos da primeira parte de *linguagem* são dedicados ao relato de situações cômicas vivenciadas por H6 em Portugal, devido às diferenças entre as normas do português europeu e brasileiro. Na organização desse eixo, atua basicamente a MT *Portugal*. Ela está presente na abertura de cada subtópico, integrando, destacando, localizando e articulando todo esse longo trecho. Na abertura de 4.9, as duas primeiras unidades focalizam *Portugal* e *rir*. Com essa recorrência, H6 começa a narrar sua experiência em um cinema português:

UD 578. H6

*então ... →*

- a. deu-se um lance ( ) comigo em **Portugal** ...*
- b. que você ... **moRRIA***
- c. de **rir** ...*
- d. se você estivesse presente ... ↓*

UD 579. H6

- a. porque eu **RI** em **Portugal***
- b. na **hora** em que cheguei ...*
- c. até a **hora** em que saí ... ↓*

O episódio do encontro, em Lisboa, de H6 com o major Pereira, da Força Aérea Portuguesa, tem início com dois destaques: a *bola*, motivo da viagem do informante, e *Portugal*, local e fonte de toda a comicidade:

UD 582. H6

*e ... →*

- a. eu fui com uma missão específica do meu garoto  
mais velho*
- b. que joga voleibol ...*
- c. que eu comprasse uma **bola***
- d. que só estavam vendendo em **Portugal***
- e. – uma **bola** america / uma **bola** ... japonesa ...  
de vôlei – ↓*

Com o relato em pleno andamento, H6 aí insere outro subtópico, conseqüência do transbordamento de *banheiro*. Em 629, o termo é referido pela primeira vez. Em 631, o informante o recupera macroestruturalmente, dando início a mais um segmento relacionado ao eixo em expansão, que agora se volta para a explicação de como os portugueses nomeiam *banheiro*. A narrativa daí decorrente torna-se fundo para a argumentação de H6:

UD 629. H6

- a. me arrumei ... “crau” ...*
- b. me mandei lá pra baixo ...*
- c. e esqueci*
- d. que não tinha ido ao **banheiro** ...  
né?  
naquela afobação ... ↓*

UD 631. H6

- a. *eu disse /*  
*bom ...*  
*aí*
- b. *eu comecei*
- c. *a procurar o **banheiro** da “lobby” do hotel ...*
- d. *não achei ... ↓*

Com o encerramento de 4.11, H6 recupera 4.10, dando continuidade à história do passeio pelas ruas de Lisboa à noite, convidado pelo major Pereira. A MT **rir**, na abertura do eixo semântico, em 578, é retomada no balizamento de *o major Pereira*, pontuando o segmento que havia sido suspenso:

UD 671. H6

- a. *eu não podia ...*
- b. *eu Tinha*
- c. *que **rir** ...*
- e →
- né? ↑

A MT *Portugal* novamente é recuperada na articulação do último subtópico relativo à norma do português europeu. A segunda UD de 4.12 promove a pontualização, inaugurando mais um cômico relato:

UD 673. H2

- a. *o meu pai **tinha** /*
- b. ***tem** uma babá ... dessas de quaRENta anos ...*  
*portuguesa ...*
- c. *que quando a gente fala de **Portugal***
- d. *ela acha ... espetacular ... ↓*
- mas ... →

Com o desinteresse na elaboração da terceira parte de *meios de comunicação*, os informantes expandem o quarto eixo semântico de *linguagem*. A MT atributiva *lingüístico*, marcadora da série, reorienta o diálogo no sentido da expansão de segmentos

voltados para a diversidade dialetal brasileira. A UD a seguir, com o destaque para *curiosidades lingüísticas*, demonstra a alteração tópica em 4.13:

UD 786. H4

*mas* →

a.  *você podia*

b.  *trazer umas curiosidades **lingüísticas** aqui*

c.  *como ... subsidio aqui pra pesquisa delas ...* -

A quarta unidade de 4.14, por intermédio do desdobramento de *interesse*, confirma a localização tópica com as MTs *lingüístico* e *diferente*, esta última ocorrida quando da expansão dos primeiros segmentos de *linguagem*:

UD 811. H4

a.  *por **interesse** – **interesse** também ... **lingüístico** –  
colecionei palavras ...*

b.  *que eu fui encontrando **diferentes** ...* ↓

O subtópico final da série ordena-se pelo destaque, na UD inicial, da MT *lingüístico*, pontualizando a seqüência. Conforme o ocorrido em 4.14, esse segmento recupera agora *falar*, marcando a integração maior à *linguagem*:

UD 841. H6

*agora ...*

G. ... ^

a.  *de **T**odos os idiomas brasileiros **lingüísticos** locais ... do  
paraense ... do ... do cara de **Recife** que fala “**Ricifi**”  
com “i” ...*

b.  *e nós dizemos “**Recife**” ...  
não é? ↑*

## 6

# ARTICULAÇÃO CONVERSACIONAL

Em prosseguimento à investigação das funções de repetição reguladoras de diálogos temáticos, este capítulo volta-se para a arquiestruturação, a configuração geral dos inquéritos, em sua totalidade discursiva.

Parte-se do pressuposto de que a unidade conversacional nos diálogos do NURC (D2) não reside unicamente na proximidade semântica de seus tópicos. Ela se encontra também nas formas lingüísticas articuladoras e propagadoras da significação geral da conversação, numa forte relação icônica a inter-relacionar e fazer expandir os tópicos discursivos de maneira global por intermédio de determinadas formas recorrentes ao longo de cada inquérito.

O sistema de repetição é um dos artifícios através dos quais a conversação integra função e forma em *todos* os seus níveis, chegando, conforme ora se postula, à camada mais ampla dessa organização – a arquiestruturação.

Para a arquiestruturação nas entrevistas temáticas do NURC, interagem duas funções icônicas básicas, articuladas por distintos mecanismos. Uma, relacionada à seleção tópica, faz com que matrizes de tópico (MTs) de uma determinada seqüência ocorram em outra, *transportando*, assim, significado e forma aos demais tópicos em que se inserem, num procedimento regular e expressivo. Outra, que se resume numa matriz de ordem superior, *transferida* metaforicamente do mundo exterior, marcadora e organizadora de toda a conversação, presente em cada um dos tópicos, sem incidir de maneira específica em um deles. As seções a seguir tratam, respectivamente, dessas funções.

## Transposição tópica

O material coletado para o Projeto NURC obedece a uma pré-seleção temática, que tenta dar conta de variados campos semânticos da experiência humana. A distribuição dos temas por cinco grupos orienta-se de acordo com a proximidade de sua significação. Foi a partir dessa subdivisão que se chegou à fixação da pauta prévia dos diálogos aqui trabalhados.

*Casa, família e ciclo da vida – saúde*, no inquérito 20, guardam estreita relação de significado, o mesmo ocorrendo com a predeterminação de *transportes e viagens, meios de comunicação e difusão* e *cinema, televisão, rádio e teatro*, em 219. Embora este último tenha sofrido alterações em relação à pré-seleção, seus tópicos igualmente mantêm vínculo semântico. *Viagens, meios de transporte e comunicação* e ainda o não previsto *linguagem* expandem-se a partir de estratégias de integração de significado e de expressão.

A pauta estabelecida em proximidade semântica é um dos fatores deflagradores de específico mecanismo de repetição presente em toda a conversação: a transposição (passagem) de uma MT a outro tópico, intensificando a unidade do diálogo temático. Essa função arquiestruturadora co-referencial concorre para que a conversação seja mais do que um conjunto de seqüências elaboradoras de alguns tópicos contíguos. O diálogo temático é uma estrutura orgânica maior, íntegra e coesa.

O exame da transposição tópica a partir do sistema de repetição, em ambos os inquéritos, aponta certas regularidades: continua prevalecendo a maior participação de H2 e H6 na articulação da repetição e a tendência à reelaboração vocabular de base lexical. Em todos os tópicos, são encontradas MTs pertencentes aos demais tópicos da conversação. Esta última propriedade permite a postulação de que tópicos conversacionais em contigüidade de significação traduzem tal proximidade em termos formais, recorrendo aos mecanismos de repetição arquiestruturadores para sua articulação. Em outras palavras, repetições mais freqüentes (MTs) de um tópico geralmente ocorrem em outro(s), menos intensamente, desde que guardado o necessário vínculo semântico entre as mesmas.

A função de transposição tópica fortalece as amarras da unidade no diálogo temático. Ela promove a progressão discursiva

geral e a renovação do significado transposto a cada recorrência em distinto ambiente tópico. A repetição em função de transporte atua na composição de fundo da seqüência então desenvolvida, *despindo-se* da condição de figura (MT) do tópico em que se encontra centrada.

Embora os inquéritos trabalhados possuam suas especificidades interacionais, incluídas aí as distinções no quadro tópico, tanto na entrevista 20 quanto na 219, se confirmam os postulados supramencionados. Reforça-se a tese de que a funcionalidade icônica e expressiva da MT ultrapassa os limites do tópico que macroestrutura, ao transportar significado e representação para além da seqüência que lhe é específica e na qual mais incide.

A transposição pode se operar por intermédio de dois procedimentos distintos, elaborados separada ou simultaneamente, distribuídos com equilíbrio ao longo da conversação: o pré e o pós-tópico. Por transposição pré-tópica entende-se uma referência em tópico inicial, em posição periférica, como informação adicional, de um termo que, posteriormente, estará centrado em outra seqüência, na condição de MT. Essa estratégia torna possível a um tópico inaugural de uma conversação articular-se por transposte, pela incorporação de termos a serem marcados em trechos subseqüentes.

Quando a transposição pré-tópica se torna incidente no desenvolvimento de um determinado segmento (notadamente por amplificação), há tendência de precipitação de novo tópico, motivada pela presença da matriz aí articulada, que passa a MT da seqüência seguinte. Quando tal não acontece, ou seja, o transporte é pouco marcado, com reelaborações eventuais, nota-se certa linearidade do tópico, que se expande sem precipitações, retomadas ou inserções. As duas entrevistas trabalhadas ilustram, cada qual, uma das tendências.

A transposição pré-tópica atua à semelhança de um prenúncio, um indício do que ainda está por vir nas próximas seqüências. Em *viagens*, esse transporte se exemplifica na UD a seguir, em que H4 comenta a respeito de um certo *tape* nos ônibus de turismo, cuja finalidade é a explicação dos pontos turísticos à medida em que o veículo passa em frente a esses locais. *Comunicação* é uma MT do terceiro tópico e *televisionado* se deriva da mais centrada das MTs de *meios de comunicação*:



UD 261. H4

a. *pena*

b. *que não seja **televisonado** ...*

*né?*

c. *o tal negócio da **comunicação** ... ↓*

O fato de *meios de comunicação* ter início na UD 283, a cerca de vinte unidades do fragmento exemplificado, conduz à suposição de que a transposição pré-tópica *pode* ter precipitado a reorientação do movimento tópico para essa nova seqüência. A hipótese ganha força com o exame de outras articulações similares no mesmo inquérito. A MT *Portugal*, centrada em *linguagem*, prenuncia o último tópico por sua entrada, sob forma de transposição pré-tópica, em 3.7:

UD 374. H6

a. *se acontece um problema em **Portugal** ...*

b. *os meios de comunicação aqui ... dois segundos  
depois estão dizendo*

c. *que houve uma revolução em **Portugal** ...*

d. *e que ... prenderam lá o ... o Caetano – o Marcelo  
Caetano – ↓*

*Rir e português(es)*, MTs articuladoras de *linguagem*, também estão presentes em 3.12 por transporte pré-tópico, como se preparassem as condições de entrada da última seqüência através do reforço microestruturador:

UD 485. H6

a. *eu estou **morrendo de rir** com esse negócio do / dos  
**portugueses** ...*

*mas*

b. ***morrendo de rir** ... ↓*

Logo após, ainda em 3.12, ao comentar a respeito da Revolução dos Cravos, ocorrida então recentemente em Portugal, H6 elabora uma unidade, por paralelização microestruturadora, a encerrar um dos eixos principais de *meios de comunicação*. Nesse fragmento, atua tanto a transposição pré quanto a pós-tópica, através, respectivamente, das MTs *país* e *Europa*, da seqüência anterior (*viagens*), e da MT *português(es)*, do último tópico (*linguagem*):

UD 487. H6

- a. *foi um dos países*
- b. *que eu mais me diverti na Europa ...*
- c. *foi com os portugueses ((riso)) ↓*

O exame dos contextos discursivos em que a transposição pré-tópica conduz à reorientação tópica permite a determinação do seguinte princípio: quanto mais um termo é co-referido na condição de plano secundário, comentário de fundo de uma seqüência, maior será a probabilidade de se precipitar o desenvolvimento de tópico nele centrado. Tal propriedade permite dar conta de algumas das alterações por que passa o movimento do quadro tópico no inquérito 219, que se caracteriza por retomadas e inserções.

Outra evidência da precipitação tópica operada no inquérito referido encontra-se exemplificada na unidade a seguir, de 4.12:

UD 674. H6

- e →*
- a. *cismou ...*
- né?*
- b. *que em vez de botar a carta no correio*
- c. *e mandar ... ↓*

As matrizes *carta* e *correio* tornam-se duas das MTs básicas do último eixo semântico de *meios de comunicação*, que se expande logo após o subtópico 4.12., a partir da UD 709.

No desenvolvimento de *casa*, são verificadas ocorrências esporádicas de *família* e *filho(s)*, duas das MTs centradas no segundo tópico da conversação. Motivada pelo princípio de que *famílias moram em casa*, a repetição iconicamente organiza unidades do tipo:

UD 85. H2

- quer dizer ...*
  - eh ... eh ... →*
  - a. *eu já tenho*
  - b. *que falar de uma casa bem grande ((riso))*
  - c. *porque tinha ... tinha cinco /*
  - d. *eu tinha cinco filhos ... ↓*
-

UD 140. M3

*eh ... →*

- a. *isso ... até meus dez anos ...*
- b. *nós saíamos aqui do Rio de Janeiro um pouco antes do Natal ...*
- c. *passávamos já o Natal e o Ano Novo na fazenda ...*
- d. *era uma família imensa ...*  
*não sabe? ↑*

O transporte pré-tópico vai mais além, incorporando recorrências da terceira seqüência na primeira. Assim é que no inquérito 20, quando H2 relata a queda do muro de sua casa, em 1.42, o subtópico se inicia com uma estrutura comparativa articulada por *formado*, que, no último eixo semântico de *ciclo da vida – saúde*, em composição com *recém*, será salientado, na crítica à formação acadêmica excessivamente especializada:

UD 383. H2

*mas ...*

*agora ...*

*ô ... ô ...*

*já que você está falando em técnico ...*

*minha filha ... ↗*

a. *eu já tenho experiência disso ...*

b. *eu prefiro um técnico*

*mesmo*

c. *do que às vezes um formado ...*

*sabe?*

*pra certas coisas ... ↓*

A transposição pré e a pós-tópica se processam equilibradamente na conversação.

O segundo tópico do diálogo 20, *família*, em posição central no fluxo discursivo (após *casa* e antes de *ciclo da vida – saúde*) apresenta exatas seis ocorrências de cada uma das modalidades de transporte, demonstrando a dupla tendência catafórica e anafórica desse procedimento.

Em *família*, MTs de *ciclo da vida – saúde* se encontram em função de transporte pré-tópico, como suporte para a seqüência aí centrada. A unidade a seguir confirma a tendência. No desenvolvimento do subtópico 2.8., *campanha antifumo*, H2 comenta a respeito de sua ida a um médico. A referência, que em *família*

é informação periférica (fundo), ganha destaque mais adiante, quando *médico* se torna uma das MTs promotoras da contração da terceira seqüência tópica:

UD 505. H2

- a. *o como disse outro /*
- b. *eu ... eu fui a um **médico** ...*
- c. *a um fisiologista muito conhecido – o B. -*
- d. *há pouco tempo ...*
- e. *e ele é um líder da campanha antifumo ...*  
*vocês conhecem ... ↓*

Com a mesma intensidade se verifica o transporte em direção contrária, na atualização de MTs do tópico inicial *casa*. Nas UD's seguintes, integrantes dos subtópicos 2.22 e 2.23, H2 fala sobre os procedimentos disciplinares de seu pai com relação ao horário de aula dos filhos e ao horário do barbeiro. O informante *reincorpora* a seu discurso *casa*, como fundo para suas declarações. Na primeira unidade, observe-se que o transporte se articula microestruturalmente por reforço temporalizador oracional:

UD 740. H2

- a. *como também nunca **tomou conhecimento** da ...*  
*da chegada tarde em **casa** ...*
- b. *não **tomava conhecimento** ...*
- c. *cada um chegava a hora*
- d. *que queria ... ↓*

-----

UD 742. H2

- por exemplo ... →*
- o barbeiro ia lá em **casa** às seis horas da manhã ...*  
*todo dia ... ↓*

A *casa*, nas unidades anteriores em transporte pós-tópico, é aquela salientada nas recordações de H2 em 1.27, onde atua enquanto figura do esquema representativo:

- UD 194. H2  
a. *se eu me lembro bem ...*  
b. *era uma casa de dois pavimentos ...*  
c. *casa grande ...* ↓

- UD 195. H2  
*quer dizer ...* →  
a. *eu não /*  
*quer dizer ...*  
*aquele tipo de casa:: tem jardim*  
*e tal ...*  
b. *aquele tipo de casa antiga que havia ...* ↓

Com o transporte, o informante renova a referência, acrescentando-lhe outros dados informacionais e alterando-lhe a relevância discursiva (da posição de figura para fundo), em função da mudança tópica da conversação.

Enquanto a transposição pré-tópica apresenta-se como evocação, sinalização (fundo) de referentes a serem salientados (figura) mais adiante, a transposição pós-tópica funciona em sentido contrário, na condição de uma reativação icônica, na qual função e forma adquirem nova motivação e implicação, deslocando a MT do plano da figura (anterior) para o do fundo (presente).

No inquérito 219, a MT *viajar*, do tópico inicial *viagens*, encontra-se em transporte pós-tópico em todos os demais, elaborando informes periféricos. Assim é que a repetição arquiestruturadora surge em *meios de comunicação*, no desenvolvimento do subtópico *novela na TV*:

- UD 316. H4  
a. *eu tenho um ... um ... eu tenho um garoto*  
b. *que viajou agora ...*  
c. *ele voltou dois meses depois ...*  
*e aí*  
d. *engrenou na novela*  
e. *que ele estava vendo ...* →

Em *linguagem*, na expansão de 4.12, com o relato *a carta da babá*, H6 comenta sobre a correspondência que teve que entregar

chegando a Portugal. O informante introduz o subtópico com o transporte de *viajar*, na elaboração da justificativa (fundo) para o episódio que irá narrar (figura):

UD 675. H6

*mas* →

- a. *SAbE*
- b. *que vai uma pessoa*
- c. *viajar* ...
- d. *teve*
- e. *de escrever uma carta ...*  
*e tal ...*
- f. *endereço ...* ↓

Mesmo o segundo tópico da conversação, *meios de transporte*, de restrita produtividade, se articula por intermédio da transposição pós-tópica de *viajar*:

UD 86. H4

*bom ...* ↓

- a. *eu concordo com você na primeira parte ...*
- b. *eu também ... só viajo de avião ...*  
*e ... e*  
*acho que*
- c. *o melhor é chegar ...* →

## Transferência metafórica

Por transferência metafórica entende-se o mais alto nível de repetição, articulado por meio da recorrência de uma *matriz da conversação* (MC) ao longo de todo o diálogo temático.

A matriz da conversação (MC) é um termo lexical de base nominal, que, sem estar *diretamente* vinculado a um dos tópicos do inquérito, serve de fio condutor a todo o quadro tópico, centrando e organizando a conversação em geral, num processo amplo nomeado *arquiestruturação*. Cada diálogo se arquiestrutura por **uma** MC.

Se a MC não está diretamente relacionada à significação *específica* de nenhum dos tópicos da conversação, qual sua motivação, em meio a diversas outras escolhas lexicais? Por que os

informantes utilizam uma MC para dar conta da arquiestruturação discursiva? Em que medida um termo tão reelaborado concorre para a expansão, a preservação do significado e de sua representação no diálogo temático?

Em primeiro lugar, deve-se mencionar que, não por acaso, a expressão *transferência metafórica* é um empréstimo à lingüística cognitiva experiencialista, conforme se encontra em Lakoff (1987), Johnson (1987) e Sweetser (1990). Segundo os autores, as estruturas da língua, dentre elas os mecanismos de repetição, são efeitos de modelos cognitivos experienciados pelos falantes, numa vinculação não-arbitrária a reunir, em progressão crescente, o conhecimento, a experiência e a linguagem. Esse postulado, que procura fornecer a base semântica do sistema da língua, se mostra suficientemente capaz de justificar a motivação icônica da articulação por MC nos diálogos temáticos.

A transferência metafórica, então, está na derivação de sentido do mundo real (biofísico, objetivo, externo) para o domínio da linguagem (conceptual, abstrato, interno). Nesse sentido, a matriz da conversação corresponde ao fator experiencial, ao vestígio desse universo histórico-cultural em que os falantes se inserem. Enquanto categoria da língua, a MC é um ícone, articulado por transferência metafórica, em sua dupla feição: é marca do mundo físico-social (função) e marca lingüística discursiva (forma). Quanto mais é repetida nos diálogos temáticos, mais a MC altera, amplia, restringe, transforma, enfim, redimensiona seu significado.

No inquérito 20, a matriz da conversação é *problema*, enquanto no 219 é *Brasil*. Em ambos, essas MCs surgem em cerca de 4% da totalidade de UDs, presentes em todos os tópicos. Os dados ratificam a presença dessa repetição maior, não prevista em termos da pauta prévia dos diálogos.

A análise das MCs *problema* e *Brasil*, à luz do processo de transferência metafórica, aponta o motivo para tal seleção. As entrevistas são datadas da década de setenta, período representativo da ditadura militar. O contexto histórico-social favorece a coexistência de dois países: o do cotidiano popular (das dificuldades, do subdesenvolvimento, do conflito e da repressão); outro, do *país tropical* (da prosperidade, da esperança, sumariado por frases que marcaram a época, do tipo *Ame-o ou deixe-o*. e *Ninguém segura este país*).

A MC *problema* se aproxima do Brasil da primeira categoria. Durante o inquérito 20, H2 e M3 falam de problemas – ora relativos à *casa*, ora à *família* e, por fim, ao *ciclo da vida – saúde*. Muda-se o tópico e permanece *problema*, que tem em H2 seu maior articulador. O diálogo é um conjunto de argumentos, sustentados por esquemas descritivos e narrativos, cujo ponto nuclear está sempre em torno dessa MC – tudo é um só *problema*.

O inquérito 219 mostra a outra face nacional. O Brasil, principalmente para H6, é o país do futuro, motivo de patriotismo. A ideologia da nação *em desenvolvimento* que passa pelo surto do *milagre econômico* se faz presente. Em todos os tópicos, desde *viagens* até *linguagem*, passando por *meios de comunicação*, a MC *Brasil* é processada, relacionada à felicidade, pacifismo e prosperidade.

De acordo com os pressupostos do experiencialismo cognitivo, a metáfora é acionada pela transposição do domínio da experiência, pelo qual se reage aos efeitos das condições externas, para o domínio conceptual e, deste, para o discursivo. A MC, enquanto termo chave centrador e organizador do diálogo temático, encerra e traduz essa transferência de um espaço a outro. Ambas as entrevistas partem do mesmo ambiente físico-social, mas diferentemente derivam esse domínio para o discursivo. No inquérito 20, a metáfora se traduz por *o país é um problema*; em 219, se resume na frase *o país é o Brasil* (= orgulho, sorte, futuro etc.).

Na qualidade de operadora arquiestrutural dos diálogos temáticos, a MC representa uma das regularidades reveladoras do íntimo relacionamento entre função e forma. Ela é um ícone, um significado que se materializa a partir da experiência fundada no contato com a realidade histórico-cultural.

A constatação descarta a possibilidade de interpretação como fortuita ou casual da ocorrência da MC. Ela não é arbitrária. Não por acaso *problema* e *Brasil* centralizam e organizam as entrevistas no nível arquiestrutural. Transferidas metaforicamente da experiência diária dos informantes, elas promovem a articulação discursiva superior. Os demais níveis de processamento da repetição (transposição e composição tópicas, esquematização discursiva e funções mediais) são cobertos pela presença maior da MC no *continuum* discursivo. A MC constitui a base icônica sobre a qual se funda e expande a significação e a expressão no diálogo temático.



Enquanto matrizes e matrizes de tópico têm sua função e forma na dependência da seleção do grupo temático do inquérito, subordinadas às alterações do movimento de seu quadro tópico, a matriz da conversação tem outro *status*. Ela é resultante da presença da experiência humana no processamento da conversação. A MC não está vinculada à significação de um tópico em particular. Ela *contamina* todo o discurso, como uma presença superior a proporcionar a continuidade transformadora a cada nova significação em elaboração. A transferência metafórica operada pela MC é renovada em função da reorientação do movimento tópico, fazendo com que a cada mudança tópica seja atualizada a metáfora.

O grupo temático pré-selecionado para cada inquérito pode orientar ou motivar a presença da MC? Em que medida situações domésticas e familiares, como as referidas no inquérito 20, tendem a se articular arquiestructuralmente por uma MC de carga semântica *negativa*, como *problema*? E, por outro lado, até que ponto tópicos mais *amenos*, como viagens turísticas e programação de televisão, são fatores decisivos na articulação de MC de significação *positiva*? Será que um período socialmente conturbado, como a década de 70 no Brasil, influencia ou determina a seleção da MC? Épocas de maior liberdade e democracia tendem a diminuir, ou mesmo anular, a interferência do mecanismo de transferência metafórica nos diálogos temáticos? Sob que circunstâncias os fatores do mundo histórico-social concorrem para tal processo? Estas questões, devido à limitação do material trabalhado e sua especificidade, não se examinam aqui.

Outro fator a ser considerado em relação à transferência metafórica operada pela MC é o perfil dos entrevistados. Todos têm mais de 35 anos, moram na cidade do Rio de Janeiro, possuem formação universitária e são profissionais bem sucedidos em suas áreas de atuação. Essas propriedades concorrem para motivar a seleção de *problema* e *Brasil* como MCs de cada inquérito. Além da escolarização concluída, os informantes encontram-se em condições de emitir opinião a respeito dos temas propostos e, mais ainda, de, falando deles, dizer do País, de mostrar a dupla face então apresentada pela nação, mergulhados que estão no contexto histórico-social de seu tempo.

Votre (1994), comentando Lakoff (1987), cita a propriedade cognitiva de *corporificação*, segundo a qual as estruturas lingüísticas são desenvolvidas a partir de diversas experiências,

dentre as quais figura a social, numa relação motivada e regular. Os informantes dos diálogos analisados se encontram, assim, em condições de promover essa corporificação cognitiva por intermédio de MCs do tipo de *problema* e *Brasil*. Seus depoimentos representam a avaliação da classe média carioca da década de 70 nas duas faces (negativa e positiva) da mesma moeda (o país).

Além da iconicidade, a arquiestruturação por transferência metafórica atende ao princípio funcionalista de expressividade (DUBOIS e VOTRE, 1994). Para os autores, marcação expressiva é sinônimo de persuasão, coesão e saliência, aspectos relacionados à articulação por MC. Ao declararem que uma estratégia discursiva marcada pode ser menos longa e mais frequente, atendendo às necessidades de natureza expressiva, Dubois e Votre fornecem condições suficientes para que aí se inclua não só a MC, mas a totalidade dos fenômenos de repetição em seus diversos níveis. As estruturas mais amplas de repetição, pela cobertura geral aí processada, refletem com maior nitidez a função de marcação expressiva.

A associação do subprincípio icônico de quantidade com o princípio de marcação expressiva permite que se reivindique para a MC o plano de maior relevância discursiva – o da figura. O que se destaca na organização geral da conversação é o conjunto de estruturas articuladas pela MC, distribuídas ao longo dos tópicos. Nessas seqüências, se delinea, atualiza e conduz a metáfora transferida. Pela expressiva recorrência da MC obtém-se o plano da figura na camada arquiestrutural do diálogo. É em torno da transferência semântica processada pelo nível superior de repetição discursiva (MC) que se articula a saliência na conversação. Pode-se dizer, então: que os diálogos temáticos possuem um plano de relevância maior, elaborado arquiestruturalmente; que compete à MC a centração e a organização da figura nesse nível discursivo e, ainda, que a saliência, articulada por esquemas basicamente argumentativos, é deflagrada por um ícone resultante de um mecanismo de transferência de domínios processado metaforicamente.

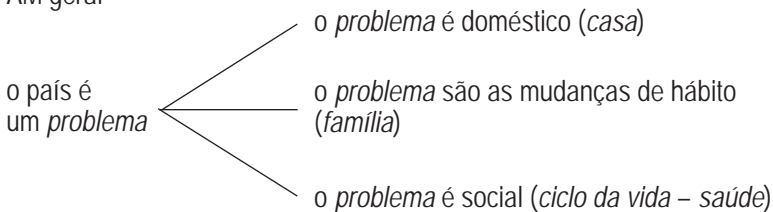
O inter-relacionamento do mecanismo de transferência metafórica, segundo o modelo de Sweetser (1990), com os princípios de iconicidade e expressividade aponta para a bifuncionalidade regular da MC. Ao mesmo tempo em que é o resultado de mudanças de um domínio a outro, transferindo-se do mais concreto (realidade), passando pelo epistêmico (conhecimento) e chegan-

do ao ato de fala (discurso), a MC adquire, progressivamente, contornos semânticos mais nítidos, realimentando a metáfora de acordo com a variação do movimento tópico. Em cada seqüência, a transferência metafórica processada pela MC recebe nova carga informacional, atualizando-se discursivamente e, de certa maneira, *concretizando* seu significado, ao preenchê-lo semanticamente. *Problema e Brasil*, as respectivas MCs dos inquéritos 20 e 219, apresentam essa regularidade bifuncional. Elas tanto se constituem na representação metafórica arquiestruturadora como concorrem para a especificidade da significação. A cada nova aparição da MC, distintos significados são elaborados.

No inquérito 20, a MC *problema* articula significados que se ampliam continuamente. O processo de expansão ocorre segundo a transferência de domínio assim resumida:

A MC, no tópico inicial (*casa*), promove a expansão de segmentos relativos às dificuldades do lar. Nesta primeira seqüência, *problema* é doméstico. A MC surge no subtópico 1.5, *empregada de M3*, que é inaugurado com a pergunta de H2:

AM geral



UD 42. H2

a. a senhora não tem **problema** de empregada?

b. tem? ↑

Ainda no mesmo segmento, a interlocutora recupera a MC:

UD 47. M3

a. eu não:: /

b. ela é ... é uma:: /

c. ela resolve todos os meus **problemas** domésticos ... ↓

H2 reintroduz a MC na elaboração de 1.7, que trata do pré-requisito da alfabetização para a profissão de empregada doméstica:

- UD 61. H2  
a. e recado?  
b. que é outro **problema** sério também ...  
c. telefonam dezenas de pessoas lá em casa ...  
diariamente ..., \

Em 1.11, o *problema* é a casa de H2, que precisa ser *um negócio grande* em razão da numerosa família:

- UD 87. H2  
a. tinha cinco filhos ...  
quer dizer ...  
b. eu e minha mulher ... sete ... ↓

- UD 88. H2  
quer dizer ... →  
a. tem que ser uma /  
b. tem que ser um *negócio grande*  
né? ↑

- UD 89. M3  
eh:: →  
teu **problema** é diverso ... ↓

Além da empregada doméstica e do tamanho da casa de H2, a ventilação das residências também é articulada discursivamente pela MC:

- UD 236. H2  
a. isto é uma questão muito – de ventilação -  
b. é um **problema** muito importante ... ↓

A presença da MC na organização arquiestrutural revela-se num curto fragmento de transição, em que H2 checa a continuidade tópica junto a DOC. O informante utiliza *casa* e *problema de casa* como formas polissêmicas, denunciando a metáfora:

UD 263. H2  
*mais alguma coisa sobre a casa?* ↑

(DOC: *Estamos esperando.*)

UD 264. H2  
*de casa ainda?* ↑

(DOC: *Sim, se quiserem.*)

UD 265. H2  
*problema de casa?* ↑

O último eixo semântico de *casa*, que aborda questões concernentes à construção civil, é espaço propício à ocorrência de muitos *problemas*. As dificuldades começam na despesa das empreiteiras com a manutenção da mão-de-obra, em 1.40:

UD 364. H2

*mas ...  
eh ... →*

- a. há outro **problema** complicado pra eles ...*
- b. porque ... eles não podem*
- c. manter aquela / aquele grupo ... permanentemente ...*
- d. – a não ser uma firma*
- e. que tenha muita obra – ↓*

Passam pela profissão de arquiteto, no depoimento de M3:

UD 374. M3

*eu digo isso porque ... →*

- a. fui casada com um arquiteto ...*
- b. e sei bem os ... os **problemas** todos ... ↓*

Chegam aos operários da construção civil em duas unidades de 1.41.:

UD 376. M3

a. esse **problema**

então ...

de operariado ... hoje em dia ... é difícil

b. de contornar ... ↓

---

UD 380. M3

eh ...

de modo que →

a. há uma série de **problemas** ...

eh::

b. o que encarece muito a obra ...

hein? ↑

E atingem os cálculos de uma construção em 1.42, com a dificuldade intensificada pela repetição reforço oracional das unidades mínimas b e d:

UD 407. H2

a. o **problema** é das contas ...

b. **é três por dois** ...

c. isso aqui é três sacas de um negócio ... com uma de cimento ... com duas de areia ...

d. a ... a liga pra isso é **três por dois** ... ↓

A mudança para *família* desloca o tópico mas não *problema*. Diante da nova orientação, a MC concorre para a elaboração de uma série de segmentos relativos às crises familiares e educacionais, aos conflitos de geração e às transformações dos valores sociais. *Problema*, que no primeiro tópico restringia-se ao ambiente doméstico ou técnico, neste segundo tópico *amplia* seu significado. *Família* proporciona a expansão da MC para além dos limites da *casa*. A primeira referência de *problema* já dá conta da estrutura metafórica dominante, que se resume na declaração de H2 a seguir:

UD 437. H2

quer dizer ...

agora ...

eh ... ^→

a. o **problema** todo são ... são as mudanças de hábito

b. que a gente não sabe ...

realmente ... ↓

A partir da afirmação de que *o problema são as mudanças de hábito*, vários segmentos se articulam para essa comprovação. No subtópico *jovem cabeludo*, em 2.5, M3 recupera *problema*:

UD 456. M3

a. é melhor

b. ocê aceitar

c. e deixar o menino

eh ...

d. resolver o problema dele – do cabelo – ↓

O hábito de fumar, tratado em um dos mais extensos subtópicos de *família*, motiva também a recorrência da MC:

UD 507. H2

então →

a. eu **fui** lá ...

b. **fui** fazer uma consulta ...

c. eu estava com um **problema** pulmonar ... ↓

No segmento 2.9, *liberdade atual dos jovens*, a MC recebe o complemento *de maconha* por parte de H2, que, na difusão interestruturadora de *realidade*, recupera *problema*:

UD 517. M3

a. agora não ...

eu acho que

b. o pessoal é mais corajoso ...

c. eles ...

eh ...

eles encaram o ... o **problema** com muita

**realidade** ... ↓

---

UD 519. H2

- mas ...*  
*é que ...* ↘  
a. *é por causa dessa realidade*  
b. *que você está vendo esse problema de maconha*  
c. *e essas coisas todas por aí ...*  
*né?* ↑

O subtópico seguinte, *orientação dos jovens*, expande o significado em elaboração pela dupla ocorrência da MC. Na unidade 536, *problema* recobre a enumeração microestruturadora *não há*:

UD 535. H2

- agora ...* ↓  
a. *atrás disso vão ... vão bolinhas ...*  
b. *e essas coisas todas*  
c. *que ... que /*  
*mas ... mas ...*  
*você não imagina o número dessa / desses*  
*problemas ...* ↓

UD 536. H2

- a. *não há ... não há psiquiatra*  
b. *e não há ... não há pediatra*  
c. *que não ... não esteja com esses problemas de ...*  
*de pais*  
d. *tratando disso diariamente lá ...* ↓

Para ilustrar a metáfora *o problema são as mudanças de hábito*, H2 relata *um caso de insubordinação*, em 2.13. Ele utiliza a MC, posteriormente retomada na declaração enfática e confirmadora de M3:

UD 565. H2

- a. *eu tive um problema*  
*por exemplo*  
*lá no internato Pedro II ...*  
b. *quando fui diretor lá ... em cinqüenta e nove ...*  
*sessenta ...*  
*por aí ...* ↓
-



UD 577. M3

*que problema ...*  
ih:: ↑  
hein? ↑

Na introdução de 2.14, H2 retoma a metáfora inicial, estabelecendo a associação *problemas de família – problemas difíceis* por intermédio de paralelização microestruturadora:

UD 609. H2

*quer dizer que →*  
*esses problemas de ... de fa ... de família são ... são*  
*problemas difíceis ... ↓*

Resultante dessa reelaboração, o subtópico 2.15 amplifica *problema*, em unidades intermitentes e parafrásticas a confirmar a associação supramencionada. A UD inicial deste subtópico assim se articula:

UD 619. H2

*pois é ... ↓*  
a. *eu não tenho ...*  
*por exemplo ...*  
*com os dois mais velhos*  
b. *não tenho ... não tenho o menor problema ...*  
c. *nunca tive ... ↓*

*Em reprovação escolar – soluções, a MC se orienta para a parte de educação:*

UD 634. H2

*essa parte de educação ...*  
*realmente*  
*é um problema ... pra família ... muito grande ...*  
*né? ↑*

Os subtópicos 2.19 e 2.20, que tratam da rígida educação nos tempos antigos, são introduzidos por declarações de H2, nas quais

se expande a MC. A unidade 716 recupera a relação semântica *o problema são as mudanças de hábito*:

UD 698. H2

*olha aqui ...*

*você quer ver ...*

*você quer ver ...* ↘

a. esse **problema** não era só na família ...

b. isso era no magistério também ... ↓

---

UD 716. H2

*agora ... →*

a. o ... o **problema** da educação ...

*isso eu acho ...*

*é tudo /*

b. é questão de hábito ... →

A última ocorrência da MC no tópico *família*, quando do desenvolvimento do subtópico *H2 como pai – horários dos filhos*, reitera a metáfora inicial, novamente fixando que *o problema são as mudanças de hábito*:

UD 757. H2

a. mas isso ...

*olha aqui ...*

*isso habitua a pessoa*

b. a cumprir suas obrigações ...

*sabe como é?*

c. isso

*é que*

*é o problema ... ↓*

O tópico *ciclo da vida-saúde* articula *problema* em termos mais *gerais*, nacionais (principalmente) e internacionais. Nessa perspectiva, são tratadas questões relativas à mortalidade e à natalidade infantil, ao parto, às doenças e às vacinas, à assistência e à especialização médica, dentre outras. Em escala progressiva, pode-se dizer que é nesta última seqüência tópica que a MC mais se amplia. A dificuldade que era doméstica ou técnica, em *casa*, passa para âmbito mais amplificado, na discussão de atitudes e

valores, em *família*, e, por fim, se refere ao contexto brasileiro e mesmo ao de outras nações. Em sua primeira aparição nesta terceira seqüência, *problema* já se percebe marcado pela nova orientação tópica. Na organização da UD a seguir, H2 questiona a morte enquanto etapa inexorável de todo ciclo da vida:

- UD 803. H2
- agora ... →*
- a. *por que*  
*morre?*  
*que*  
*não é?*
- b. *esse*  
*é que*  
*é nosso grande problema ... ↓*

Na introdução de 3.4, M3 estabelece a relação *problema* -*número de suicídios*, ao iniciar *ciclo vital no primeiro mundo*:

- UD 813. M3
- sabe que ... que ↘*
- a. *na:: Suécia outro dia eu li um artigo sobre isso ...*  
*quer dizer ...*
- b. *o:: o número de suicídios ... é um problema ...*  
*na Suécia*
- c. *pelo fato do individuo não ter preocupação ... ↓*

Em 3.5, o subtópico se baliza pela repetição interestruturadora de *problema* e *gente toda*. H2 trata das dificuldades de alimentação da população mundial:

- UD 820. H2
- e ... e o problema de alimentação dessa gente toda que*  
*cada ... cada vez se agrava mais? ↑*
- 

- UD 828. H2
- de maneira que ... →*
- a. *isso ... isso é um problema ...*  
*realmente ...*  
*fundamental ...*
- b. *que é um problema*
- c. *de ... de alimentar essa gente toda ... ↓*

No desenvolvimento de 3.7, *razões de suicídio*, M3 acaba por delinear a metáfora: *problema são as questões sociais não resolvidas no Brasil*. Na UD a seguir, a informante retoma a MC com a posposição do locativo *lá*, referente aos países do primeiro mundo, onde não há crise nessa área:

UD 838. M3

*eh::*

*quer dizer* ↘

a. *quando a gente ... quando a gente cita “todo mundo”*

b. *tem a impressão*

c. *que os **problemas** lá são resolvidos ...*

d. *não tem /*

e. ***problema** social resolvi::do ... ↓*

Os subtópicos seguintes expandem significados ratificados da relação metafórica entre *problema* e as várias dificuldades sociais brasileiras. Nessa linha se encontra a UD 898, na abertura do subtópico *importância do pré-natal*:

UD 898. H2

*e depois*

*você vai observar o seguinte ...*

*quer dizer ...*

a. *o **problema** maior hoje não é o parto em si ...*

b. *é o::*

898'M3 *alimentação ...*

H2 *o ... o período anterior – o pré – ↓*

Também na introdução de 3.14 se reitera a estrutura metafórica dominante:

UD 917. H2

*você sabe ... →*

a. *o ... o grande **problema** de ... de hospital hoje em dia aqui no ... no Brasil é a falta de pessoal intermediário ...*

b. *não existe ... ↓*

O subtópico 3.16, *desajustamento e riqueza*, se baliza pela articulação de *problema*, confirmando a associação semântica orientadora do tópico – dificuldade psicológica e padrão econômico são questões sociais. Os pares opositivos *filho de rico-filho de pobre* e *não tem-tem* acentuam a metáfora:

UD 945. H2

- a. *sem querer /*
  - b. *se a família tem condições /*
  - c. *e isso ... só pra ... pra ver um aspecto ...*
  - d. *porque há uma outra ordem enorme de **problemas** ...*  
*viu ...*
  - e. *que é de classe de gente **rica** ... ↓*
- 

UD 947. H2

- quer dizer ... →*
- a. ***filho** de pobre não **tem** desajustamento ...*
- b. *só **tem** **filho** de rico ...*
- c. *e os **problemas** são os mesmos ((riso)) ↓*

A partir de 3.17, *problema* relaciona a questão médica à social. A MC passa a compor sintagmas elaboradores dessa extensão semântica:

UD 954. H2

- quer dizer ... →*
- a. *o sujeito só procura*  
*realmente*  
*o médico ...*
- b. *quando a / tem DOR ...*
- c. *ou quando é um **problema** de /*
- d. *que impede de locomoção.:*
- e. *fora disso não ... não ... ↓*

Em 3.21, M3 dá continuidade à associação metafórica:

UD 996. M3

- a. *quando houve o **problema** da vacinação ...*
- 996 'H2 *aquilo foi uma revolução ...*
- M3b. *era uma coisa tremen.:da ...*
- M3c. *eu conheci ( ) ↓*

As questões sociais não resolvidas, metaforizadas em *problema*, também são encontradas no subtópico *mortalidade infantil no Nordeste*. Em sua UD inicial, H2 retoma a MC, agora na referência à ignorância da população em relação aos hábitos mais elementares de higiene, à falta de saneamento básico e às condições gerais de vida no Nordeste do Brasil. A paralelização de *educação* concorre para a expansão do significado:

UD 1041. H2

- a. esse **problema** / isso é um **problema de educação** ...
- b. ligado à **educação** ...
- c. é um processo que nem daqui a ... a de / a muitas dezenas de anos
- d. não ... não se vai conseguir ... ↓

Outra questão relacionada às dificuldades sociais brasileiras é abordada no último eixo semântico de *ciclo da vida – saúde*, que se volta para a questão das especialidades médicas e sua distribuição pelas áreas urbana e rural do território nacional. Em 3.30, *problemas* significa a distribuição de médicos especialistas referida:

UD 1095. H2

- de modo que ... ↘*
- os **problemas** são inteiramente diferentes ... no interior e fora – aqui ... nos grandes centros – ↓*

Da especialização profissional para a falta de mercado de trabalho para o recém-formado, se desenvolve o último dos subtópicos do inquérito 20. Nele, medicina e magistério se identificam, enquanto campos profissionais de dificuldades semelhantes. Na abertura do subtópico, novamente H2 reintroduz a MC:


UD 1131. H2

- acho que →*
- a. é o mesmo **problema** do professor ...
  - b. aqui no Rio de Janeiro, recém-formado vai fazer o quê? ↑

A transferência metafórica e a progressão de *Brasil* acontece de forma distinta no inquérito 219. Ao contrário de 20, a MC em

219 não se refere à significado mais amplo à medida em que avança o movimento tópico. O quadro tópico de 219 organiza-se a partir de freqüentes retomadas e inserções. Nele, *Brasil* se atualiza em cada seqüência com a preservação da associação semântica maior, a estabelecer a conexão entre o país e um local onde só existem aspectos positivos, na marcação geral do orgulho nacional. Em 219, tudo é progresso, vitória, desenvolvimento e, no mínimo, exotismo. A cada mudança no movimento tópico, *Brasil* ganha mais um predicado, confirmando a transferência metafórica dominante:

AM geral

o país é o *Brasil* 

- o *Brasil* é o futuro (*viagens*)
- o *Brasil* é progresso (*meios de comunicação*)
- o *Brasil* é *sui generis* (*linguagem*)

Os subtópicos iniciais de *viagens* são articulados por *Brasil* à semelhança de uma MT. À primeira vista, parece que se está diante de uma repetição articuladora específica desta seqüência. Na primeira ocorrência de *Brasil*, em 1.1, H4 fala de um país de grandes dimensões:

UD 2. H4

*mas* →

a. *tenho viajado o **Brasil** inteiro ...*  
*e::*

b. *posso*  
 c. *dizer*  
 d. *que conheço quase todo o **Brasil** – do Norte  
 ao Sul – ↓*

O subtópico seguinte, *Copa 74 1-sorte para o Brasil*, apresenta em sua expansão três unidades articuladas pela MC, que integram um processo de repetição oracional focalizadora em que *dar sorte ao Brasil* é expressivamente marcada. Neste segmento, passa a se delinear o país da alegria do futebol, então o único a ter conquistado o tricampeonato mundial:

UD 28. H6

- então /  
mas ↗  
a. eu **dou sorte** ... **ao Brasil** ...  
b. a outra *Copa* eu fui ver  
c. ele ganhou ... ↓

UD 29. H6

- então ... ↓  
a. aproveitando  
b. que eu tinha  
c. que ir à *Europa*  
mesmo  
d. pra mostrar aos dois menores  
e. – que os dois maiores já viajaram comigo -  
f. eu aproveitei a *Copa* como motivo  
g. pra depois dar um giro maior  
e tal ...  
h. e **dar sorte ao Brasil** ... ↓

UD 30. H6

- que →  
a. eu tenho *certeza*  
b. que eu vou **dar sorte ao Brasil** outra vez ...  
né? ↑

Ainda por mais três subtópicos desse eixo semântico verifica-se a ocorrência da MC. Enquanto expande os segmentos aí centrados, ela reforça a noção de que o país é o maior no futebol.

O pouco produtivo *meios de transposte* não chega a registrar ocorrência da MC. Tal referência volta a acontecer na articulação de 1.20, agora deixando à mostra a motivação de *Brasil*. As três primeiras unidades do subtópico *erro do guia de excursão 1-ONU* revelam o impacto das condições externas na produção discursiva desse inquérito. As unidades preparam a entrada do relato ilustrativo da indignação de H6 diante do engano do guia em sua excursão à Nova York. Elas mostram a revolta do informante quando descobre que, ao invés de Oscar Niemeyer, se informa que o projeto do prédio da ONU é de um americano. O orgulho nacional e o patriotismo motivam a atitude de H6. Na unidade 188, o informante estabelece a associação *o Brasil é o país do futuro*:



UD 186. H6

*se você me der uma aparte ...  
com mais um agravante ...  
eh:: ... ^→*

- a. eu sou tremendamente nacionalista ...  
quer dizer ...*
- b. eu sou tremend / nacionalista não ...*
- c. eu sou tremendamente patriota ... ↓*

UD 187. H6

- a. eu viajo com a bandeira brasileira ...*
- b. pra todo mundo saber*
- c. que eu sou brasileiro ... ↓*

UD 188. H6

- a. acredito PAca na / no país do futuro  
que eu acho*
- b. que é o **Brasil** ... ↓*

Em outra retomada de *viagens*, H6 recupera *Brasil* no subtópico *Copa 70 11-chegada ao México* em unidades descontínuas, nas quais se reforça a idéia de que *Brasil* é vitória e alegria:

UD 349. H6

- a. e como o **Brasil** estava ganhando em Guadalajara ...*
  - b. o jogo do dia seguinte ... que eu supunha*
  - c. ser na cidade do México ...*
  - d. Era em Guadalajara ... ainda ...  
- creio que  
contra o Uruguai - ↓*
- 

UD 363. H6

- a. e o **Brasil** ... tomando o primeiro gol do Uruguai de um a zero ...*
- b. ganhou de três a um esse jogo ... ↓*

UD 364. H6

- a. foi um negócio ... super bacana ...  
né?  
e super sensacional ...  
aí*
- b. valeu*
- c. eu estar lá*
- d. em vez de estar lá no ( ) ↓*

Na inserção subtópica 1.29, H6 reelabora a MC na reprodução da fala de uma atendente da agência aérea Mexicana. A *mocinha* informa sobre a euforia da população de Guadalajara e da torcida brasileira com o desempenho da seleção na Copa. A face positiva do país se reitera ainda pela focalização interestruturadora de *carnaval*:

UD 357. H6

*e* →

a. *a mocinha em dizia o seguinte*

b. “*se o Brasil ganhar do Uruguai ...*

*eh::*

c. *o senhor volta ...*

d. *porque vai haver um carnaval em Guadalajara”* ↓

UD 358. H6

a. – *o mexicano estava de TAL maneira motivado ...*

b. *que ele IA promover um carnaval* – ↓

No tópico *meios de comunicação*, a MC aparece em 3.6, no desenvolvimento de *futebol no circuito fechado*. Comentando a respeito da falta de interesse do norte-americano pelo esporte favorito do Brasil, H6 cita a dificuldade de, em Los Angeles, obter notícias sobre os primeiros jogos da Copa 70. A UD a seguir marca expressivamente o patriotismo já referido:

UD 336. H6

*você vê ...* ↓

a. *custa*

b. *a achar no dia seguinte do jornal ... um título lá::*

*numa noticiuzinha de segun / secundária ...*

c. *que estava escrito*

d. “*Brazil win ...*

*fulano de tal”* ↓

Com a retomada de *meios de comunicação* em 3.7, volta ao fluxo discursivo *Brasil*, agora na articulação de informações relativas ao *telefone televisionado*, então uma das últimas novidades da tecnologia, exposto no Pavilhão de São Cristóvão. Nesse tópico, o país significa desenvolvimento tecnológico e científico.

A unidade 371, com o contraste microestruturador de *tinha visto*, acentua a noção:

UD 369. H6

- eu não sei se* →  
a. *you* foi a essa última exposição ... lá em  
São Cristóvão ...  
b. *que* eles exibiram um telefone ... com a /  
televisado ... ↓
- 

UD 371. H6

- pois é* ... ↓  
a. *eu* já **tinha visto** no exterior ...  
b. *aquí* no **Brasil** não **tinha visto** ... ↓

Em mais uma inserção tópica de *meios de comunicação*, a MC concorre para a expansão do último eixo semântico. *Brasil*, no subtópico *serviço de malote particular*, é a terra da eficiência desse serviço. Além da retomada da MC, atuam na contração e organização a seguir a amplificação de *malote* e o reforço de *funcionando*:

UD 750. H6

- bom* ...  
*não sei se* ↘  
a. *you* utiliza **malote**?  
b. *eu* utilizo muito ... ↓

UD 751. H4

- malote** pelo **Brasil** ...  
*não é?* ↑

UD 752. H6

- é* ... pelo **Brasil** ... ↓

UD 753. H4

- eh* ... →  
a. **malote** é:: /  
b. *hoje* já há várias companhias  
c. **funcionando** ...  
d. *e* **funcionando** bem ... ↓

No subtópico seguinte, *serviço de malote federal*, cabe a H4 a retomada da MC. Em duas unidades, o informante a reitera. É na última, 772, que está encerrada a associação metafórica de *Brasil em meios de comunicação*, através da declaração de que *no Brasil há um progresso muito grande dos meios de comunicação*. O endosso de H6 marca a adesão à afirmação. Note-se que, pela unidade mínima *b* de 772, a dificuldade brasileira resume-se numa questão geográfica de *extensão territorial*. Mais uma vez se reforça o aspecto positivo do país, num procedimento bem distinto daquele verificado no diálogo 20:

UD 766. H4

a. pelo ... pelo **Brasil** inteiro ...

b. já atingindo ... muitos e muitos pontos ... →

---

UD 772. H4

e →

a. isso é verdade também no **Brasil** ...

b. apesar de todas as dificuldades que nós temos de ...  
de extensão territorial ...

c. também aqui **há** um ... **há** um progresso muito grande  
dos meios de comunicação ... ↓

UD 773. H6

**há** ...

sem dúvida ... ↓

No tópico *linguagem*, a MC promove a associação de *Brasil* à idéia de um local de unidade lingüística, que se manifesta por curiosos usos dialetais. Essa diversidade diatópica é vista como aspecto nacional exótico e mesmo folclórico, como uma forma a mais de exaltação da pátria. Além das vitórias e alegrias do futebol, dos grandes projetistas de renome internacional e do progresso das comunicações, *Brasil* também é a terra da unidade e da diversidade lingüística, a democracia de todas as cores, credos e falares.

Na expansão do primeiro subtópico de *linguagem*, quando H4 comenta a respeito da pesquisa promovida pelo Projeto NURC, já se coloca a relação metafórica presente nessa seqüência: *o Brasil é um país sui generis*. A associação reforça e expande a

face positiva do país, marca geral do inquérito, reelaborada a cada nova ocorrência da MC:

UD 505. H4

- a. *embora no **Brasil** ... seja ... seja um país “sui generis” ... pra ... pra o tipo de conclusão ...*
- b. *o tipo de conclusão não vai ser fácil ... ↓*

O segundo segmento de *linguagem* é finalizado por uma UD que, retomando a MC, informa sobre a unidade do português americano:

UD 511. H4

- a. *mas aqui – em termos de **Brasil** – é curioso ...*
- b. *porque as ... as pessoas falam parecido ...*  
*não é? ↑*

Essa informação é novamente referida ao término de 4.3. H4 retorna à questão da expansão do território nacional, com o superlativo *vastíssimo*, e a marca da unidade lingüística, com os qualificadores *interessante* e *curiosa*, microestruturados pela repetição reforço de  *muito*:

UD 516. H4

- enfim ... ↓*
- a. *essa diferença ... não existe no **Brasil** ...*
- b. *o português conseguiu*
- c. *manter uma – nesse vastíssimo território – uma unidade ... lingüística ... **muito** ... interessante ... **muito** curiosa ... ↓*

A introdução de *uso de gíria* é feita através de *Brasil*, agora associado às distinções de ordem dialetal, na reiteração da metáfora *o Brasil é um país sui generis*. A enumeração de *falar* acentua e organiza a significação:

- UD 536. H6  
a. *você viaja pra burro ...*  
b. *está indo o **Brasil** inteiro*  
c. *ouvindo*  
d. *pa ... paraíba **falar**::*  
e. *paulista **falar** ...*  
f. *talvez tenha absorvido um pouquinho dessas*  
*coisas ... ↓*

Ao expandir o subtópico 4.7, *aprendizagem pelo ouvido*, H6 justifica a circunstância de que facilmente se influencia pelo contato com outros idiomas no exterior. Para tanto, o informante retoma *Brasil*:

- UD 576. H6  
a. *como ... um dia depois de eu estar lidando com um*  
*cidadão ...*  
b. *eu já estou falando igual a ele ...*  
*rapaz ... ↓*

- UD 577. H6  
a. *eu PEgo o negócio ...*  
b. *quando eu estou fora do **Brasil** ... ↓*

A questão do brasileiro fora de sua pátria reaparece no relato de 4.10, com o episódio do major Pereira. Chegando a Lisboa, H6 vai para o hotel e de lá telefona para o major. A UD a seguir ilustra um momento dessa conversa, em discurso indireto, na qual o informante se identifica diante da empregada que atende a ligação. Na identificação, H6 recorre à MC e ao atributo *brasileiro* na marcação expressiva de sua origem:

- UD 596. H6  
*aí ↑*  
a. *era uma senhora portuguesa ...*  
*e::*  
b. *eu expliquei ...*  
c. *que era um brasileiro ...*  
d. *que chegara do **Brasil** ...*  
e. *que ... era cunhado de uma pessoa*



UD 845. H6

- e:: →*  
a. *do paulista ... do gaúcho ...*  
*e::*  
*do paranaense ...*  
b. *quem*  
*que*  
*você acha*  
c. *– mulher falando*  
d. *e homem falando -*  
e. *os ... os mais bacaninhas? ↑*

A partir da resposta de H4, que elege o falar do Rio Grande do Sul, seu interlocutor endossa e focaliza *gaúcho*, marcando o acerto daquele. Na confirmação de H4, é retomada a MC, sob a forma de repetição tematizadora. É o local *mais bacaninha* pronunciado da forma *mais bacaninha*:

UD 850. H4

- mas agora →*  
a. *você me perguntou a coisa mais ba ... mais bacana ...*  
b. *eu não sei ...*  
c. *talvez o gaúcho ... ↓*

UD 851. H6

- é ...*  
*aí é que eu acho ...*  
*eu acho que ... ↘*  
a. *o gaúcho é*  
b. *o que fala mais certo ... ↓*

UD 852. H6

- a. *o gaúcho fala*  
*mas*  
*com o português*  
b. *que devia*  
c. *servir de exemplo pro resto do mundo inteiro ..*  
d. *é o gaúcho ...*  
*não acha? ↑*





## CONCLUSÃO

Neste etapa final, resumem-se, algumas tendências funcionais da repetição na articulação de diálogos temáticos.

Constata-se que o mecanismo de repetição é um dos princípios gerais de estruturação discursiva da conversação, ligado às condições de processamento do significado. Essa estruturação ocorre progressivamente, em camadas discursivas sobrepostas umas às outras.

O sistema de repetição é iconicamente motivado. Sua representação formal está condicionada pela função ocupada no diálogo em seus diversos níveis: unidade discursiva, subtópico, esquema discursivo, tópico e a conversação em geral.

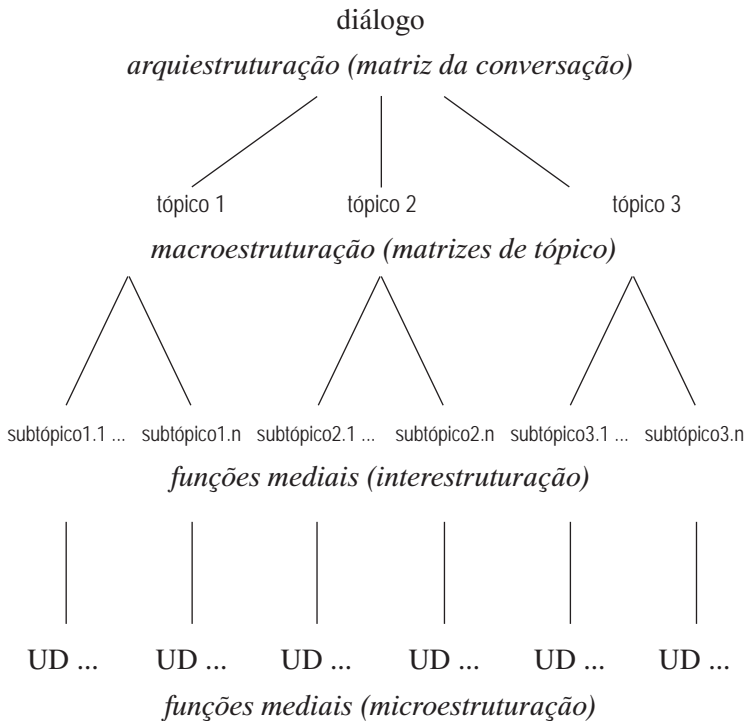
A repetição possui diferentes papéis à medida que organiza distintos níveis. A estruturação da repetição assim escalonada remete à sua categorização ternária, enquanto procedimento funcional sistemático de diálogos temáticos. É dessa perspectiva que se pode falar em recorrências mediais (micro e interestruturadoras), a esquematizar trechos descritivos, narrativos e dissertativos/argumentativos; em recorrências macroestruturadoras, a compor seqüências tópicas, e em recorrências arquiestruturadoras, a articular o diálogo por inteiro. Nas funções mediais, atuam as matrizes; na macroestruturação, as matrizes de tópico, e na arquiestruturação, a matriz da conversação.

Varia a cobertura do processo de repetição na estruturação hierárquica das camadas discursivas. Funções mediais microestruturadoras organizam unidades discursivas e funções mediais interestruturadoras articulam essas unidades entre si. Na esquematização de segmentos descritivos, narrativos e dissertativos/argumentativos, algumas das funções mediais atuam basicamente, concorrendo para a definição desses modelos categóricos. Na com-

posição dos tópicos discursivos, a repetição se elabora por matrizes de tópico, termos recorrentes em dois ou mais subtópicos que, aglutinados em torno da expansão de significados afins, formam os eixos semânticos do tópico. Por fim, na organização geral da conversação, concorrem dois processos básicos: a transposição de matrizes de tópico para outra seqüência tópica e a transferência metafórica, promovida pela matriz da conversação, um termo lexical que traz para o domínio discursivo as marcas do mundo exterior (físico-social), *filtradas* pela experiência humana.

O esquema a seguir demonstra os diversos níveis de processamento da repetição na conversação:

### Repetição em diálogos



No domínio discursivo geral da conversação, a repetição se articula como *extensão da metáfora*. A matriz da conversação é transferida do domínio existencial, a partir da realidade histórico-social, passa pelo conhecimento fundante e é levada ao plano do discurso. Através da matriz da conversação, se orienta a interação. Ela atua como a base epistêmica sobre a qual se estruturam os demais processos de repetição no diálogo temático.

Enquanto matrizes das funções mediais e matrizes de tópico tendem a guardar relação de significado com o grupo temático proposto para as entrevistas, motivadas iconicamente pelo quadro tópico, a matriz da conversação é condicionada por fatores externos, devido à transferência de domínios ocorrida nesse nível do discurso.

À medida que se amplia a camada do diálogo temático coberta pela repetição, há tendência à *vocabularização*, ou seja, repetições oracionais e sintagmáticas são mais freqüentes em trechos menores da conversação, na representação formal de funções mediais. A hierarquia funcional implica certa redução extensional na representação da repetição. Tal afirmação explica a tendência da paralelização, função básica da microestruturação, a se processar sob forma oracional, enquanto matrizes de tópico e a matriz da conversação se elaboram preferencialmente sob forma vocabular.

A evidência mencionada anteriormente encontra-se intimamente relacionada ao princípio da expressividade e aos planos de relevância discursiva. Como recorrência e saliência são complementares, a vocabularização tende a acentuar a figura, ponto central da conversação. Para a promoção dessa centralização, os vocábulos se tornam mais eficientes do que os sintagmas nominais e verbais, na concorrência para a fixação de determinado significado. Quanto menos extenso, mais eficiente, saliente e expressivo se torna o constituinte recuperado. A representação da repetição se simplifica na proporção em que o papel funcional se amplia, reforçando a motivação icônica dessa articulação. Pode-se, assim, tratar os mecanismos de repetição como um sistema multifuncional e escalar.

As funções de repetição, à medida que recobrem camadas discursivas mais amplas, se articulam formalmente por categorias lexicais. Estas categorias estão condicionadas por fatores internos e externos à conversação.

A maior incidência de repetição encontra-se nos turnos dos informantes mais participativos da interação, daqueles que detêm por tempo maior a posse da palavra, que defendem suas idéias, que, enfim, procuram fazer prevalecer seu ponto de vista. Essa circunstância atesta a marca interacional do procedimento, enquanto estratégia de criação, expansão e manutenção de significado.

A repetição integra função e forma de maneira transparente, confirmando a tese icônica mais radical. A identidade formal não implica identidade conceptual; pelo contrário, ao repetir, os participantes em interação renovam e atualizam os significados em elaboração progressiva.

O traço *freqüência*, norteador da expressividade dos processos de repetição, se evidencia na articulação das funções mediais e na esquematização discursiva. Na macroestruturação, a freqüência se apresenta distintamente devido à distribuição das matrizes de tópico pelos vários subtópicos formadores de eixos semânticos. Na arquiestruturação, a freqüência diz respeito às recorrências da matriz da conversação em cada tópico integrante do diálogo. Desta forma, as marcas da saliência discursiva também se relativizam. Elas são mais evidentes ao nível da micro e da interestrutura e tornam-se menos perceptíveis à medida que se expande o fluxo discursivo.

A distinção funcional quanto ao princípio de expressividade demonstra, mais uma vez, a multifuncionalidade do sistema de repetição.

Outro ponto a constatar a multifuncionalidade está na transferência metafórica processada pela matriz da conversação. De acordo com a fundamentação teórica do realismo experientialista, a passagem de domínios (do mundo físico-social, para o epistêmico e deste para o discursivo) se faz mediante contínuo processo de abstração. Desta forma, a estruturação de domínios metafóricos acontece mediante a passagem de um domínio mais concreto para um mais abstrato.

O funcionamento da matriz da conversação no diálogo temático demonstra que, em termos de repetição, ao contrário da tendência antes declarada, o percurso se faz inversamente – do domínio mais genérico (abstrato) para o mais específico (concreto). A partir de um termo lexical de significação geral, a matriz da conversação vai progressivamente *preenchendo* o significado

abstrato inicial mediante as retomadas ao longo da conversação. O procedimento *específica* a metáfora, tornado-a mais *física* e icônica. Embora tomada como referência de significação pouco precisa em sua aparição inicial, a matriz da conversação vai delineando seu significado à medida que se desdobra e expande em decorrência da repetição no fluxo discursivo.

Na verdade, tanto a relativização da marcação expressiva, demonstrada pela categorização ternária das matrizes de repetição, quanto o caminho do geral para o específico, revelado pela transferência metafórica da matriz da conversação, constituem-se em sistematizações funcionais da repetição na estruturação dos diversos níveis da conversação. Essas tendências são interpretadas como papéis regulares da repetição em diálogos.

As estratégias discursivas não são passíveis de investigação e descrição a partir de critério único. Embora integrem a organização geral da interlocução, cada tipo de procedimento é articulado e opera a partir de distinta e específica motivação funcional.

Referidas as tendências gerais, defini-se a repetição em diálogos como *um procedimento icônico forte, multifuncionalmente expressivo e que, na transferência metafórica de domínios, atua do geral para o específico*.

Os resultados obtidos a partir do *corpus* trabalhado são aplicáveis a conversações de mesma natureza. Como, em geral, diálogos acontecem em torno do agrupamento de determinados temas, mesmo sem prévio acordo entre interlocutores, é possível que as tendências sumarizadas nesta obra sejam aplicáveis a outras modalidades de interlocução. Desta forma, está aberto o caminho para novas propostas de pesquisa na área.

Além da possibilidade referida anteriormente, esses resultados podem fornecer subsídios valiosos para investigações acerca de produção textual e ensino-aprendizagem de língua portuguesa, uma vez que apontam e explicam funções regulares de um dos procedimentos mais freqüentes de que se vale a expressão lingüística – a repetição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro : Livraria Acadêmica, 1966.
- BESSA NETO, Regina. *A repetição lexical em textos orais e narrativos*. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, 1991.
- BROWN, Gillian, YULE, George. *Discours analysis*. 8. ed. Cambridge : Cambridge University Press, 1989.
- CASTILHO, Ataliba de. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1990. V. 1: Apresentação do projeto da gramática do Português falado, p. 7-27.
- (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas : Ed. da UNICAMP : FAPESP, 1993. V. 3.
- . O português culto falado no Brasil : história do projeto NURC/BR. In: PRETI, Dino, URBANO, Hudinilson (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1990. V. 4, p. 134-164.
- DUBOIS, Sylvie. *L'usage et la formation de l'énumération en discours spontané*. 1993. Tese (Doutorado em Linguística) – École des Gradués Université Laval, 1993.
- , VOTRE, Sebastião. *Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo lingüístico* : à procura da essência da linguagem. 1994. Mimeogr.
- FERRARI, Lilian. *Aspectos cognitivos da interferência da fala na escrita* : a repetição na produção de textos. 1985. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985.

- GIVÓN, Talmy. *English grammar : a function-based introduction*. Amsterdam, Philadelphia : J. Benjamins, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam, Philadelphia : J. Benjamins, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar : a prospectus*. 1991. Mimeogr.
- \_\_\_\_\_. *Isomorphism in the grammatical code : cognitive and biological considerations*. 1990a. Mimeogr.
- \_\_\_\_\_. *Markedness in grammar : distributional, communicative and cognitive correlates of syntactic structure*. Oregon : University of Oregon, 1990b. (Technical Report, n. 90-98).
- GOMES, Glória. *Coesoress conjuntivos : aspectos de sua variação na língua escrita*. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.
- GORSKI, Edair. 1993. Iconicidade e topicidade no discurso narrativo. In: VOTRE, Sebastião. *Funcionalismo em lingüística : iconicidade.*, Rio de Janeiro : Ed. da UFRJ, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. 1994, Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres : Edward Arnold, 1985.
- \_\_\_\_\_, HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in english*. Londres : Longman, 1976.
- HILGERT, José. *A paráfrase : um procedimento de constituição do diálogo*. 1989. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Repetição e paráfrase : relações*. 1990. Mimeogr.
- HOPPER, Paul. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, Talmy (Org.). *Syntax and Semantics*. New York : New York Academic Press, 1979. V. 12.
- ILARI, Rodolfo. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2. ed. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1992.



- JOHNSON, Mark. *The body in the mind*. Chicago : The University of Chicago Press, 1987.
- JUBRAN, Clélia et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1992. V. 2.
- KOCH, Ingedore. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1987.
- \_\_\_\_\_. A repetição como mecanismo estruturador do texto falado. 1993. Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional da ANPOLL. Mimeogr.
- \_\_\_\_\_. et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba de (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas : Ed. da UNICAMP : FAPESP, 1990.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago : The University of Chicago Press, 1987.
- LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge : Cambridge University Press. 1983.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo : Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. Marcadores conversacionais do português brasileiro : formas, posições e funções. In : CASTILHO, Ataliba de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas : Ed. da UNICAMP. 1987.
- \_\_\_\_\_. *A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo*. 1990. Mimeogr.
- \_\_\_\_\_. *A repetição na língua falada : formas e funções*. 1992. Tese (Concurso para Professor Titular) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 1992.
- \_\_\_\_\_. *As repetições oracionais com função de contraste*. 1993. Mimeogr.
- MARQUES, Maria Helena. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1990.

- MARTELOTTA, Mario et al. (Org.), *Gramaticalização no português do Brasil : uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTINS, Ana Silvia. *Reflexos da atividade de planejamento na conversação espontânea*. 1983. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1983.
- MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra : Almedina, 1983.
- NICHOLS, Johanna. 1984. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, Berkeley, v. 13, p. 97-113, 1984.
- NORRICK, Neal. Functions of repetition in conversation. *Text*, [S.l.], v. 7, p. 242-264, 1987.
- OLIVEIRA, Mariangela. *Características do estilo falado*. 1983. Mimeogr.
- \_\_\_\_\_. Os processos frásicos de intensificação em Macunaíma : reiteração e gerúndio. 1988. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Reiteração e progressão em Macunaíma*. 1990b. Mimeogr.
- \_\_\_\_\_. *A repetição nos turnos conversacionais*. 1990a. Mimeogr.
- ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento : as formas do discurso*. 2. ed. Campinas : Pontes, 1987.
- PERINI, Mário. A função da repetição no reconhecimento de sentenças. *Ensaio de lingüística*, Belo Horizonte, v. 3, p. 111-123, [s.d.].
- PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo : EDUSP, 1993.
- \_\_\_\_\_, URBANO, Hudinilson (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo : FAPESP, 1990. V. 4.
- RAMOS, Jânia. *Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado*. 1983. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1983.

- RONCARATI, Cláudia. Reiteração e saliência em margens inter-tópicas. *Letras & letras*, Uberlândia, v. 1, n. 8, p. 21-30, 1993.
- ROULET, Eddy et al. *L'articulation du discours en français contemporain*. New York : P. Lang, 1985.
- SILVA, Luiz Antônio, ROSA, Margaret, GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional : estratégias de gestão de turno. In: PRETI, Dino, URBANO, Hudinilson (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1990. V. 4, p. 59-98.
- SILVEIRA, Elisabeth. *Relevância em narrativas*. 1991. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics : metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge : Cambridge University Press, 1990.
- TANNEN, Deborah. Oral and literate strategies in spoken and written narrative. *Language*, [S.l.], n. 58, 1982.
- \_\_\_\_\_. Repetition in conversation : toward a poetics of talk. *Language*, [S.l.], n. 63, 1987.
- VAN DIJK, Teun. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo : Contexto, 1992.
- VINCENT, Diane. *Les ponctuels de la langue*. 1983. Tese (Doutorado em Letras) – Université de Montréal, 1983.
- VOTRE, Sebastião. *A base cognitiva da gramática*. 1995. Tese (Concurso para Professor Titular). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Funcionalismo em lingüística : iconicidade*. Rio de Janeiro : Ed. da UFRJ, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Iconicidade na fala e na escrita*. 1992a. Mimeogr.
- \_\_\_\_\_. *Lingüística funcional : teoria e prática*. Québec : Université Laval. 1992b.
- \_\_\_\_\_. *Sintaxe da fala e da escrita : uma visão funcional*. 1986. Tese (Concurso para Professor Titular) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.

# ANEXO

## QUADRO TÓPICO (QT) DOS INQUÉRITOS

A seguir, listam-se os tópicos e subtópicos dos inquéritos 20 e 219, com a indicação das UD's que os elaboram. Os rótulos são meras sugestões. A apresentação é vertical e hierárquica, na tentativa de delinear sua organicidade.

### INQUÉRITO 20

---

#### TÓPICO 1. CASA(UD 1 a 418)

- 1.1 permanência em casa: UD 1 a 7
- 1.2 casa & trabalho: UD 8 a 18
- 1.3 tarefas de casa: UD 19 a 31
- 1.4 rotina de M3 - horários: UD 32 a 41
- 1.5 empregada de M3: UD 42 a 50
- 1.6 pré-requisito de uma empregada 1 - inteligência: UD 51 a 60
- 1.7 pré-requisito de uma empregada 11 - alfabetização: UD 61 a 65
- 1.8 empregadas de hoje: UD 66 a 68
- 1.9 caso de uma empregada: UD 69 a 73
- 1.10 casa de M3: UD 74 a 82
- (transição - tentativa de assalto a turno: UD 83 - 84)
- 1.11 casa de H2 1 - características internas: UD 85 a 94
- 1.12 casa de H2 11 - área de recreação: UD 95 a 96
- 1.13 casa de H2 111 - garagem: UD 97 a 101
- 1.14 casa de H2 1V - dependência de empregada: UD 102 a 106
- 1.15 biblioteca de casa - UD 107 a 114
- 1.16 casa de H2 V - identificação: UD 115 a 119

- 1.17 árvore de casa: UD 120 a 126
- 1.18 casa de H2 V1 - tipo de construção: UD 127 a 133
- 1.19 lembranças da infância: UD 134 a 138
- 1.20 lembranças de M3: UD 139 a 143
- 1.21 lembranças de H2: UD 144 a 149
- 1.22 uma recordação de H2: UD 150 a 153
- 1.23 o trem de Petrópolis: UD 154 a 158
- 1.24 estábulos antigos 1 - memória de H2: UD 159 a 165
- 1.25 localização de uma rua antiga: UD 166 a 180
- 1.26 estábulos antigos 11 - memória de M3: UD 181 a 190
- 1.27 casa antiga de H2: UD 191 a 197
- [inserção 1.28 rua antiga de H2: UD 198 a 214]
- retomada de 1.27 casa antiga de H2: UD 215 a 217
- 1.29 rua antiga fechada: UD 218 a 224
- 1.30 apartamento de M3 1 - localização: UD 225 a 227
- 1.31 apartamento de M3 11 - tipo de construção: UD 228 a 235
- 1.32 ventilação de casa: UD 236 a 239
- 1.33 mudança de casa: UD 240 a 243
- 1.34 Embaixador Morgan: UD 244 a 262
- (transição - checagem do tema: UD 263 a 265)
- 1.35 aluguel de H2: UD 266 a 290
- (transição - dificuldade com a pergunta de DOC: UD 291 - 292)
- 1.36 construção de casa: UD 293 a 300
- 1.37 casas pré-fabricadas: UD 301 a 339
- 1.38 operários da construção civil: UD 340 a 350
- [inserção 1.39 feira de São Cristóvão: UD 351 a 358]
- retomada de 1.38 operários da construção civil: UD 359 a 363
- 1.40 custos com mão-de-obra: UD 364 a 372
- (transição - tentativa de mudança de assunto de M3: UD 373 a 375)
- 1.41 problema de mão-de-obra: UD 376 a 382
- 1.42 muro da casa de H2: UD 383 a 405
- (transição - tentativa de mudança de assunto de M3: UD 406)
- retomada de 1.42 muro da casa de H2: UD 407 - 408
- 1.43 construção civil portuguesa: UD 409 a 418

## TÓPICO 2. **FAMÍLIA**(UD 419 a 784)

- 2.1 especificação de tema: UD 419 a 424
- 2.2 constituição da família: UD 425 a 427
- 2.3 valor da família: UD 428 a 436
- 2.4 novos hábitos educacionais: UD 437 a 443

- 2.5 jovem cabeludo: UD 444 a 458
- 2.6 educação atual: UD 459 a 473
- 2.7 fumar - ontem e hoje: UD 474 a 504
- 2.8 campanha antitobaco: UD 505 a 512
- 2.9 liberdade atual dos jovens: UD 513 a 520  
(transição - tentativa de mudança de assunto de M3: UD 521)
- 2.10 orientação dos jovens: UD 522 a 525
- 2.11 uso de maconha - perigos: UD 526 a 540
- 2.12 um caso de uso de maconha: UD 541 a 560  
(transição - tentativa de mudança de assunto de H2: UD 561)  
retomada de 2.12 um caso de uso de maconha: UD 562 - 563
- 2.13 um caso de insubordinação: UD 564 a 608
- 2.14 valor dos conselhos paternos: UD 609 a 618
- 2.15 filhos de H2: UD 619 a 633
- 2.16 reprovação escolar - soluções: UD 634 a 672  
(transição - checagem do assunto: UD 673)
- 2.17 pais de M3: UD 674 a 693
- 2.18 tempos antigos 1 - obediência: UD 694 a 697
- 2.19 tempos antigos 11 - disciplina escolar: UD 698 a 715
- 2.20 tempos antigos 111 - hábitos educacionais: UD 716 a 728
- 2.21 dependência econômica ontem e hoje: UD 729 a 731
- 2.22 pai de H2 1 - horários dos filhos: UD 732 a 741
- 2.23 pai de H2 11 - horário do barbeiro: UD 742 a 750
- 2.24 mística do pai e da mãe: UD 751 a 756
- 2.25 H2 como pai - horários dos filhos: UD 757 a 774  
(transição - tentativa de tomada de tópico 3 por parte de H2: UD 775)
- 2.26 influência dos pais: UD 776 a 784

### **TÓPICO 3. CICLO DA VIDA - SAÚDE(UD 785 a 1140)**

- 3.1 ciclo vital - assunto técnico: UD 785 a 788
- 3.2 ciclo vital dos seres vivos: UD 789 a 800
- 3.3 ciclo vital do ser humano: UD 801 a 812
- 3.4 ciclo vital no primeiro mundo: UD 813 a 819
- 3.5 alimentação da população mundial: UD 820 a 828
- 3.6 controle de natalidade: UD 829 a 835
- 3.7 razões de suicídio: UD 836 a 857
- 3.8 partos nos tempos antigos: UD 858 a 871
- 3.9 partos nos tempos atuais: UD 872 a 876
- 3.10 instituições de obstetrícia: UD 877 a 891

- 3.11 índice de natalidade: UD 892 a 897
- 3.12 importância do pré-natal: UD 898 a 906
- 3.13 morte do filho do jornaleiro: UD 907 a 916
- 3.14 falta do nível médio nos hospitais: UD 917 a 940
- 3.15 tuberculose e subnutrição: UD 941 a 944
- 3.16 desajustamento e riqueza: UD 945 a 947
- 3.17 assistência das classes alta e baixa: UD 948 a 954
- 3.18 resistência popular aos exames médicos: UD 955 a 966
- 3.19 cadastro torácico do RJ: UD 967 a 969
- [inserção 3.20 abreugrafia - definição e custos: UD 970 a 977]
- retomada de 3.19 cadastro torácico do RJ: UD 978 a 994
- 3.21 os positivistas: UD 995 a 998
- 3.22 obrigatoriedade de exame médico: UD 999 a 1005
- 3.23 exame pré-nupcial: UD 1006 a 1019
- 3.24 desinformação sobre vacinas 1 - BCG: UD 1020 a 1028
- [inserção 3.25 desinformação sobre vacinas 11 - SABIN: UD 1029 a 1033]
- retomada de 3.24 desinformação sobre vacinas 1 - BCG: UD 1034
- 3.26 parto sem dor: UD 1035 a 1040
- 3.27 mortalidade infantil no Nordeste: UD 1041 a 1054
- 3.28 falta de cadastro de nascimento e morte no Nordeste: UD 1055 a 1062
- 3.29 especialidades médicas no RJ: UD 1063 a 1084
- 3.30 especialidades médicas no interior do BR: UD 1085 a 1095
- 3.31 o lado negativo da especialização: UD 1096 a 1113
- 3.32 limitações da especialização: UD 1114 a 1117
- 3.33 o recém-formado 1 - médico: UD 1118 a 1132
- 3.34 o recém-formado 11 - professor: UD 1133 a 1142

## INQUÉRITO 219

### **TÓPICO 1. VIAGENS (UD 1 a 74)**

- 1.1 viajar - prazer & obrigação profissional: UD 1 a 20
- 1.2 Copa 74 1 - sorte para o Brasil: UD 21 a 32
- 1.3 Copa 70 1 - vitória do Brasil: UD 33 a 37
- 1.4 Copa 74 11 - partidas do Brasil: UD 38 a 47
- 1.5 viagem à Alemanha: UD 48 a 52
- 1.6 amores de viagem: UD 53 a 66
- 1.7 declaração de amor de H6: UD 67 a 70
- 1.8 registro da declaração: UD 71 a 74

### **TÓPICO 2. MEIOS DE TRANSPORTE (UD 75 a 79)**

- 2.1 avião 1 - o melhor transporte para H6: UD 75 a 79  
[inserção 1.9 documentação de viagem: UD 80 a 85]
- 2.2 avião 11 - o melhor transporte para H4: UD 86 a 90

[inserção de TÓPICO 1. **VIAGENS (UD 91 a 282)**]

- 1.10 dispensa de documentação de viagem: UD 91 a 99
- 1.11 americanos - maus turistas: UD 100 a 105
- 1.12 documentação por *slides*: UD 106 a 117
- 1.13 problemas de excursão coletiva: UD 118  
(transição - a importância desse assunto: UD 119 - 120)  
retomada de 1.13 problemas de excursão coletiva: UD 121 a 127
- 1.14 excursão ao Louvre: UD 128 a 135  
(transição - verificação de uma informação do subtópico: UD 136 - 137)  
retomada de 1.14 excursão ao Louvre: UD 138 a 156
- 1.15 comparação de custos de excursão: UD 157 a 163
- 1.16 submissão em excursão coletiva: UD 164 a 167
- 1.17 excursão a Buenos Aires: UD 168 a 172
- 1.18 chegada a uma cidade estranha: UD 173 a 179
- 1.19 viagem à Itália: UD 180 a 197
- 1.20 erro do guia de excursão 1 - ONU: UD 186 a 197
- 1.21 erro do guia de excursão 11 - Museu de Guggenheim: UD 198 a 205



- 1.22 erro do guia de excursão 111 - seus defeitos: UD 206 a 208
- 1.23 excursão coletiva & excursão individual: UD 209 a 217
- 1.24 excursão a Paris: UD 218 a 223
- [inserção 1.25 erro do guia de excursão 1V - a comunicação: UD 224 a 234]
- retomada de 1.24 excursão a Paris: UD 235 a 263
- 1.26 evolução do turismo: UD 264 a 270
- 1.27 *pegar carona* em excursão: UD 271 a 279
- (transição - pausa para lanche: UD 280 a 282)

### **TÓPICO 3. MEIOS DE COMUNICAÇÃO (UD 283 a 345)**

- 3.1 crítica à televisão: UD 283 a 295
- (transição - pausa para lanche: UD 296 a 298)
- 3.2 programação de televisão: UD 299 a 313
- 3.3 novela na TV: UD 314 a 320
- 3.4 TV para os idosos: UD 321 a 324
- 3.5 futebol na TV: UD 325 a 330
- 3.6 futebol no circuito fechado: UD 331 a 345

[inserção de TÓPICO 1. **VIAGENS** (UD 346 a 366)]

- 1.28 Copa 70 11 - chegada ao México: UD 346 a 355
- [inserção 1.29 carnaval em Guadalajara: UD 356 a 362]
- retomada de 1.28 Copa 70 11 - chegada ao México: UD 363 a 366

[inserção de TÓPICO 3. **MEIOS DE COMUNICAÇÃO** (UD 367 a 496)]

- 3.7 importância da televisão: UD 367 a 380
- 3.8 TV & rádio - o novo e o antigo: UD 381 - 382
- (transição - a idade dos informantes: UD 383 a 390)
- retomada de 3.8 TV & rádio - o novo e o antigo: UD 391 a 417
- 3.9 TV & jornal 1 - a fala e a escrita: UD 418 a 429
- 3.10 TV & jornal 11 - tempo gasto: UD 430 a 444
- 3.11 uma história de PERT: UD 445 a 481
- 3.12 revolução em Portugal: UD 482 a 496

## TÓPICO 4. **LINGUAGEM** (UD 497 a 708)

4.1 usos lingüísticos: UD 497 a 505

4.2 identificação pela fala - prof. Higgins: UD 506 a 511

4.3 diversidade lingüística 1 - Reino Unido e Itália: UD 512 a 516

4.4 diversidade lingüística 11 - Brasil e Rio de Janeiro: UD 517 a 527

4.5 distinção pela voz: UD 528 a 535

4.6 uso de gíria: UD 536 a 546

4.7 aprendizagem *pele ouvido*: UD 547 a 560

[inserção 4.8 fala & escrita nos EUA: UD 561 a 573]

retomada de 4.7 aprendizagem *pele ouvido*: UD 574 a 577

4.9 o português europeu 1 - o *intervalo*: UD 578 a 581

4.10 o português europeu 11 - o major Pereira: UD 582 a 630

[inserção 4.11 o português europeu 111 - o *retreto*: UD 631 a 644]

retomada de 4.10 o português europeu 11 - o major Pereira: UD 645 a 671

4.12 o português europeu 1V - a carta da babá: UD 672 a 708

## [inserção do TÓPICO 3. **MEIOS DE COMUNICAÇÃO** (UD 709 a 785)]

3.13 correio - carta registrada: UD 709 a 748

3.14 serviço de malote particular: UD 749 a 761

3.15 serviço de malote federal: UD 762 a 773

[inserção 3.16 profissão de H6: UD 774 a 785]

## [inserção do TÓPICO 4. **LINGUAGEM** (UD 786 a 868)]

4.13 curiosidades dialetais 1 - Minas Gerais: UD 786 a 807

4.14 curiosidades dialetais 11 - Nordeste e Sudeste: UD 808 a 840

4.15 regionalismos do Brasil: UD 841 a 868

(transição - comentário avaliativo da entrevista: UD 869 - 870)

## GLOSSÁRIO

**Arquiestruturação** – Organização geral do diálogo temático, por transposição tópica e transferência metafórica.

**Associação semântica** – Processo de criação de uma nova MT, a partir da extensão de significado de uma outra, antecedente.

**Auto-expressão** – Repetição elaborada por um só locutor; processo em que o indivíduo repete suas próprias palavras.

**Centração** – Propriedade tópica delineada por traços de *relevância, concernência e pontualização*.

**Diálogo** – Conversação em torno de determinado agrupamento de temas; o mesmo que *diálogo temático*.

**Eixo semântico** – Conjunto de subtópicos cobertos por um grupo de MTs, no qual se expande discursivamente um significado do tópico.

**Esquema** – Modelo categórico, determinado por padrões culturais, que se estrutura e expande de acordo com a situação comunicativa.

**Figura** – Plano salientado, dentre outros procedimentos, pelo sistema de co-referencialidade; categoria relativizada de acordo com a camada discursiva observada (a *figura* de um trecho passa a compor o *fundo* de outro).

**Fundo** – Plano de relevância secundário, relativo aos termos não retomados (não marcados expressivamente) de um determinado trecho da conversação.

**Funcionalismo** – Ramo da pesquisa lingüística que procura, a partir das funções desempenhadas pelos termos gramaticais, dar conta de suas formas de representação.

**Gramática** – Em sentido amplo, o conjunto de procedimentos regulares, contextualmente previsíveis, através dos quais se estabelece comunicação; os termos lexicais, por suas propriedades semânticas e seletivas, compõem a gramática de uma língua.

**Heteroexpressão** – Repetição elaborada pelo interlocutor; processo em que o falante repete termo(s) do outro.

**Iconicidade** – Relação cognitivamente motivada, assimétrica e isomórfica, de *um-para-um* entre função e forma.

**Interestruturação** – Organização interna de subtópicos discursivos.

**Macroestruturação** – Organização interna de tópicos discursivos.

**Marcação** – Relação sistemática, cognitivamente motivada, entre as tarefas de codificação e decodificação e a complexidade das formas gramaticais.

**Marcação expressiva** – Princípio correlato ao da *marcação*; suporte explícito de persuasão e de coesão; o mesmo que *expressividade*.

**Matriz** – A primeira aparição de um termo articulador interno de unidades discursivas e destas entre si, na composição de subtópicos.

**Matriz da conversação (MC)** – Termo articulador do diálogo em geral, transferido metaforicamente do universo histórico-social, recuperado em todos os tópicos discursivos, sem vínculo direto com nenhum deles.

**Matriz de tópico (MT)** – Termo articulador de uma seqüência tópica, co-referido ao longo de dois ou mais subtópicos, contígua ou alternadamente; a *matriz* co-incidente em dois ou mais subtópicos.

**Microestruturação** – Organização interna de unidades discursivas e de suas unidades mínimas.

**Movimento tópico** – Desenvolvimento, mudança e/ou reorientação de um tópico, a envolver processos de passagem de um subtópico a outro, bem como casos de inserção e/ou retomada.

**Organicidade** – Propriedade relativa à estruturação interdependente e hierárquica das seqüências componentes de um tópico.

**Quadro tópico** – O conjunto dos tópicos de um diálogo.

**Repetição** – Co-referência de um termo no fluxo do diálogo temático; também nomeada de *reelaboração*, *reformulação* e *recuperação*.

**Subtópico** – Segmento de tópico, esquematicamente elaborado por unidades discursivas; o mesmo que *segmento*.

**Tema motivado** – Assunto geral não previsto pela pauta, que, por extensão de significado, é desenvolvido discursivamente no diálogo.

**Tema proposto** – Cada um dos assuntos gerais predeterminados por documentadores e locutores para o diálogo.

**Tópico** – Seqüência semântico-discursiva organizada hierarquicamente, na qual se expande um determinado tema; o mesmo que *seqüência*.

**Transbordamento semântico** – Passagem icônica de uma MT em posição de fecho subtópico a introdutória do segmento subsequente.

**Transferência metafórica** – Propriedade da matriz da conversação (MC) de centrar e organizar o diálogo temático como um todo, por intermédio da transferência de conteúdo e expressão do mundo biosocial para o contexto discursivo.

**Transposição tópica** – Propriedade de uma matriz do tópico (MT) de deslocar conteúdo e expressão da seqüência tópica que macroestrutura para o tópico antecedente e/ou subsequente.

**Unidade discursiva (UD)** – Segmento de subtópico, constituído de um núcleo balizado por marcadores verbais e/ou operadores prosódicos.

**Unidade mínima** – Segmento de unidade discursiva (UD), composto por frases de verbo explícito ou elidido.

